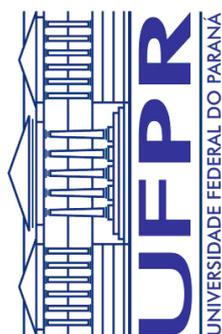


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANDRÉ FELIPE CAREGNATO

**ADESÃO, ADERÊNCIA E ABANDONO NO
CENÁRIO DA INICIAÇÃO ESPORTIVA:
COMPARAÇÃO ENTRE O FUTSAL ESCOLAR E O
CLUBÍSTICO**



CURITIBA
2013

ANDRÉ FELIPE CAREGNATO

**ADESÃO, ADERÊNCIA E ABANDONO NO
CENÁRIO DA INICIAÇÃO ESPORTIVA:
COMPARAÇÃO ENTRE O FUTSAL ESCOLAR E O
CLUBÍSTICO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRÉ FELIPE CAREGNATO

“Adesão, aderência e abandono no cenário da iniciação esportiva: comparação entre o futsal escolar e o clubístico”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Sociologia do Esporte e do Lazer, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professor Dr. Fernando Renato Cavichioli
BL / UFPR

Professora Dra. Dorálice Lange de Souza
Membro Interno

Professor. Dr. Carlos da Fonseca Brandão
Membro Externo

Curitiba, 13 de Março de 2013.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli, meu orientador, por sua exigente e valorosa orientação e que muito contribuiu neste estudo, pois hoje entendo o que é pesquisar, construir, escrever, reescrever um trabalho. Agradeço pela confiança depositada em mim, pela disposição e atenção nos momentos que precisei, ao colocar, acima de tudo, a ética e o profissionalismo como condutor desta relação.

Ao Prof. Dr. Carlos da Fonseca Brandão e a Profa. Dra. Doralice Lange Souza, membros da Banca Examinadora, pelo pronto atendimento ao convite, pela forma entusiasmada com que avaliaram este estudo e o incentivo em continuar investigando.

Aos alunos e seus respectivos pais que gentilmente aceitaram participar da pesquisa, pessoas que foram fundamentais para o desenvolvimento desse estudo.

À família, em especial a mãe – Dulce – pelo amor e companheirismo neste momento tão especial de nossas vidas.

Aos colegas de estudo: Rosecler, Pelé, Fabiano, Caio, Adriane, Eduardo, Giliano, Fernando, Camile, Letícia, Tais, Leôncio, Thais, Tatiana e Kátia que de uma forma muito valiosa me auxiliaram, participaram desta caminhada. Em especial, ao amigo Junior, pelo incentivo, do começo ao fim desta realização pessoal.

Ao Programa de Pós Graduação: Profa. Dra. Joice Mara Stefanello e Rodrigo Waki, fundamentais na orientação correta quanto aos assuntos acadêmicos e administrativos.

Ao Ministério da Educação, Programa Reuni, por oferecer bolsa de estudo, a qual permitiu maior dedicação ao curso de mestrado e a Prefeitura Municipal de Curitiba pelo apoio financeiro nesta pesquisa.

RESUMO

O desejo de muitos garotos, desde as menores idades, é jogar futsal/futebol. Logo, existe o apoio dos familiares e o futebol passa a ser um projeto familiar, às vezes com expectativa de algum integrante dessa família alcançar o sucesso. Atualmente, para jogar futsal o jovem atleta ingressa numa escolinha, como a de um clube ou escola e os atores sociais que estão nesse meio são importantes na adesão, aderência e, até mesmo, no abandono da modalidade. Sendo assim, o cenário de estudo deste trabalho envolveu a iniciação ao futsal clubístico e escolar, sob a perspectiva de: pais, diretores, professores e alunos. O presente estudo, de cunho qualitativo, visou investigar como acontece a adesão, aderência e o abandono no futsal para jovens do gênero masculino da categoria sub-13, num contexto escolar e de um clube esportivo de Curitiba. Para isso utilizou-se das seguintes metodologias: observações, análise de documentos, entrevistas e questionários. Foram feitas observações, em torno de seis meses, nos cenários pesquisados, com idas a campo semanalmente e as anotações relatadas em diário de campo. Conjuntamente analisou-se documentos, na qual investigou-se o objetivo das instituições com relação ao esporte. Posteriormente foram entrevistados 29 sujeitos e aplicados questionários para 46 alunos e 46 pais. Os dados foram organizados com auxílio da técnica: análise do conteúdo. Como principais resultados deste estudo, os alunos da escola iniciam porque gostam do futsal e se divertem com os amigos. No clube, o fator de adesão principal é por que existe o sonho familiar do aluno ser jogador de futebol profissional e tornar-se futura profissão com recompensa financeira. A aderência à escola se dá devido à concordância com a metodologia da aula, visto que o importante é jogar, e com o grupo de amigos e, também possuir um bom rendimento escolar. No clube, a permanência no futsal, acontece pela expectativa de seguir na equipe de futebol do campo, de adquirir habilidades para melhorar o desempenho e ser um daqueles tantos, que iniciaram no futsal e se tornaram jogador profissional de futebol de campo. O abandono no extracurricular acontece por problemas referentes a transporte e logística. No clube, problemas de relacionamento entre os agentes, descontentamento com o modelo de treino e jogo, pressão por resultados, excesso de treinamento, são alguns fatores relevantes para o abandono do jovem no futsal clubístico. Como principal legado, este estudo através dos resultados obtidos contribui com os cenários pesquisados, no sentido de gerar subsídios para aumentar a adesão, aderência e diminuir o número de abandonos na iniciação ao futsal.

Palavras-chave: Futebol. Futsal. Adolescente. Esporte. Adesão. Abandono.

ABSTRACT

The desire of many kids from the younger ages, is playing futsal/soccer. Thus there is the support of family, the football becomes a family project, and sometimes with expectation of some member of this family to obtain success. Currently playing futsal for the young athlete joins a small school, how a club or a school and the social actors who are in the middle are important in this process of initiation, adherence and even the abandonment of the sport. Thus, the scenario of the present study involved the initiation in futsal clubístico and school, from the perspective of: parents, directors, teachers and students. The present study, a qualitative, aimed to investigate as is adhesion, adherence and dropout in futsal for young male sub-13 category in a school context and a sports club in the city of Curitiba. For this we used the following methods: observation, analysis of documents, interviews and questionnaires. Observations were made in around six months, the scenarios surveyed, field trips weekly and reported in the notes field diary. Simultaneous analyzed documents, which investigated the aim of institutions in relation to sport. Subsequently 29 subjects were interviewed and questionnaires to 46 students and 46 parents. Data were organized with this technique: analysis of content. The main results of this study, students start school because they like futsal and play with friends. At the club, the main factor adherence is why there is the familiar dream of the student be a professional soccer player and become future profession and financial reward. Adherence to school is due to the agreement with the methodology of the class, since the important thing is to play, with the group of friends and also have a good academic performance. At the club, stay in futsal, happens by the expectation of following the team's soccer field, to acquire skills to improve performance and be one of those many, who started in futsal and became a professional soccer player field. Dropout in extracurricular happens for problems related to transport and logistics. Club, relationship problems between social actors, discontent with the model training and game, pressure for results, overtraining are some factors relevant to the dropout of young futsal clubístico. As main legacy, through the study results contribute to the scenarios investigated in order to generate data to improve adhesion, adherence and decrease the number of dropouts in the initiation of futsal.

Keywords: Soccer. Futsal. Adolescent. Sport. Adhesion. Dropout.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1 – JOGO DE FUTSAL ENTRE JOVENS	33
FIGURA 2.2 – PAIS PRESENTES NA INICIAÇÃO AO FUTSAL	43
FIGURA 3.1 – FREQUÊNCIA DOS FATORES DE ADESÃO DOS ALUNOS.....	83
FIGURA 3.2 – FREQUÊNCIA DOS FATORES DE ADESÃO DOS PAIS	84
FIGURA 5.1 – FREQUÊNCIA DOS FATORES DE ABANDONO DOS ALUNOS	139
FIGURA 5.2 – NÚMERO DE CAUSAS ASSINALADAS PARA O ABANDONO DOS ALUNOS	140
FIGURA 5.3 – FREQUÊNCIA DOS FATORES DE ABANDONO DOS PAIS.....	141
FIGURA 5.4 – NÚMERO DE CAUSAS ASSINALADAS PARA O ABANDONO DOS PAIS	142

LISTA DE QUADROS

QUADRO 2.1 – CARACTERÍSTICAS DE ALGUNS ESTUDOS APRESENTADOS PARA RETRATAR A ADESÃO, ADERÊNCIA E ABANDONO EM DETERMINADOS ESPORTES	26
QUADRO 3.1 – SELEÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE PAIS E ALUNOS PARA ENTREVISTAS	52
QUADRO 3.2 – SELEÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE DIRETORES E PROFESSORES PARA ENTREVISTAS.....	52
QUADRO 3.3 – SELEÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS E ALUNOS PARA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	53
QUADRO 3.4 – CATEGORIAS DE ANÁLISE UTILIZADAS NO ESTUDO	60
QUADRO 3.5 – INDICATIVOS COM RELAÇÃO À ORGANIZAÇÃO POR CATEGORIAS DO FUTSAL CLUBÍSTICO	62
QUADRO 3.6 – DEMONSTRATIVO DA ESTRUTURA DISPONIBILIZADA AOS PARTICIPANTES DO FUTSAL DO CLUBE.....	63
QUADRO 3.7 – DEMONSTRATIVO DA ESTRUTURA DISPONIBILIZADA AOS PARTICIPANTES DAS PEE.....	76
QUADRO 3.8 – INDICATIVOS COM RELAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DO FUTSAL ESCOLAR. ...	77
QUADRO 3.9 – ITENS ELABORADOS DE ACORDO COM AS CATEGORIAS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS MOTIVOS DE ADESÃO PELOS ALUNOS.....	82
QUADRO 3.10 – ITENS ELABORADOS DE ACORDO COM AS CATEGORIAS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS MOTIVOS DE ADESÃO PELOS PAIS.....	83
QUADRO 5.1 – ITENS DO QUESTIONÁRIO ELABORADOS DE ACORDO COM AS CATEGORIAS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS MOTIVOS DO ABANDONO DESPORTIVO PELOS ALUNOS	138
QUADRO 5.2 – ITENS ELABORADOS DE ACORDO COM AS CATEGORIAS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS MOTIVOS DO ABANDONO DESPORTIVO PELOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS	142
QUADRO 5.3 – COMPARAÇÃO ENTRE PAIS E ALUNOS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO DE ABANDONO REFERENTE AOS ITENS MAIS ASSINALADOS	142
QUADRO 6.1 – MOTIVOS DE ADESÃO E ADERÊNCIA NO FUTSAL DO CLUBE E DA ESCOLA.....	152
QUADRO 6.2 – MOTIVOS DO ABANDONO NO FUTSAL DO CLUBE E DA ESCOLA.....	153

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

PPP – Projeto Político Pedagógico

PEE – Prática Esportiva Extracurricular

AC – Aluno do Clube

AE – Aluno da Escola

PC – Pai e/ou responsável do Clube

PE – Pae e/ou responsável da Escola

DC – Diretor do Clube

DE – Diretor da Escola

PRE – Professor do Escola

TC – Técnico do Clube

SUB-13 – Categoria entre os 11 e 13 anos no futsal

H – Hipótese

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVOS	15
1.1.2 Objetivo Geral	15
1.1.3 Objetivos específicos	16
2 REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 ADESÃO, ADERÊNCIA E ABANDONO NO ESPORTE	17
2.2 CENÁRIO DE UMA METRÓPOLE BRASILEIRA: TRANSPORTE, VIOLÊNCIA E ATIVIDADE FÍSICA.	28
2.3 VALORES NO ESPORTE – CLUBE E ESCOLA.....	32
2.4 CONCEITOS DE NORBERT ELIAS.....	38
3 ADESÃO À PRÁTICA DO FUTSAL NO CLUBE E NA ESCOLA	45
3.1 INTRODUÇÃO.....	45
3.2 OBJETIVO	46
3.2.1 Objetivos Específicos	46
3.2.2 Hipóteses.....	47
3.3 METODOLOGIA.....	47
3.3.1 Descrição dos cenários e sujeitos dos estudos.....	47
3.3.2 Tipo de pesquisa.....	49
3.3.3 Critérios para seleção dos participantes.	50
3.3.4 Técnica para coleta de dados	52
3.3.5 Técnica de Interpretação dos dados.....	58
3.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	61
3.4.1 Adesão à prática no futsal do clube.	61
3.4.2 A adesão à prática no futsal da escola.....	75
3.5 CONCLUSÕES.....	88
4 ADERÊNCIA À PRÁTICA DO FUTSAL NO CLUBE E NA ESCOLA	93
4.1 INTRODUÇÃO.....	93
4.2 OBJETIVO	94

4.2.1 Objetivos Específicos	94
4.2.2 Hipóteses	95
4.3 METODOLOGIA	95
4.3.1 Procedimentos:	95
4.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	95
4.4.1 Aderência à prática do futsal no clube.	95
4.4.2 Aderência à prática do futsal na escola.	109
4.5 CONCLUSÕES.....	117
5. ABANDONO DA PRÁTICA DO FUTSAL	124
5.1 INTRODUÇÃO	124
5.2 OBJETIVO	125
5.2.1 Objetivos específicos	126
5.2.2 Hipóteses	126
5.3 METODOLOGIA	126
5.3.1 Procedimentos	126
5.3.2 Seleção dos participantes / Total de sujeitos.....	127
5.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	128
5.4.1 Abandono da prática do futsal no clube.....	128
5.4.2 Abandono da prática do futsal na escola.....	138
5.5 CONCLUSÕES.....	148
6 CONCLUSÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	159
APÊNDICES	170
ANEXOS	173

1 INTRODUÇÃO

Recentemente foi apresentada em Copacabana pelo jogador atual da Seleção: Neymar, a nova camisa - amarelinha - da Seleção Brasileira de Futebol, usada nesse ano na Copa das Confederações, no Brasil. A amarelinha, que já foi usada por Pelé e Garrincha, entre outros craques. Sim! É nova, mas continua com alguns detalhes clássicos do futebol brasileiro. Agora, possui o desenho de um canarinho na parte interna da gola junto com a tradicional frase: “NASCIDO PARA JOGAR FUTEBOL”, frase sempre existente na mística camisa e dentro de todos os brasileiros. (Canarinho/Amarelinha, Site da CBF, 01 de fevereiro de 2013).

O desejo de muitos garotos, desde as menores idades, é jogar futebol (SCAGLIA, 2003; DAMO, 2005). Como são muitos que se aventuram nesse esporte, o Brasil frequentemente forma jogadores “craques” de futebol e isso tornou o país reconhecido como: “país do futebol”, tanto por brasileiros, quanto por estrangeiros (DAOLIO, 2003; SOUZA; VAZ; SOARES, 2008).

Podemos afirmar que, além de serem vitoriosos e consagrados mundialmente no meio futebolístico, jogadores atuais de futebol de campo, como por exemplo, Ronaldinho, Kaká e Neymar possuem fato em comum com relação à trajetória esportiva: iniciaram no futsal (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL, 2012). Essa modalidade esportiva, atualmente em nosso país é uma das mais praticadas em clubes e escolas brasileiras (SANTANA, 1996; BUSSO, 2009). Nesse contexto, o cenário de estudo desta dissertação envolve a iniciação na modalidade de futsal escolar e clubístico.

São vários os motivos para os jovens aderirem e permanecerem nos esportes. Os jovens buscam o esporte para desenvolverem suas habilidades, seguirem carreiras, serem famosos, e competirem (GILL; GROSS; HUDDLESTON, 1983) por outro lado temos aqueles que procuram o esporte para diversão e fazerem amigos (FIGUEIREDO, 2010). Outros permanecem na atividade física para melhorar a qualidade de vida (SOUZA; MEZZADRI, 2009), para fazer parte de um grupo específico e conhecer diferentes esportes (MATOS; CRUZ, 1997).

Weingberg e Gould (2001) revelam alguns dados sobre a participação desportiva: os autores constataram que, apenas nos EUA, aproximadamente 45 milhões de crianças praticam esportes e atingem o ápice entre os 10 e 13 anos de idade, faixa etária crítica, pois nela, a experiência esportiva pode ter efeitos para

toda a vida, sobre a personalidade e desenvolvimento psicológico. Depois desse período, de 10 a 13 anos, os autores registraram um decréscimo na procura pelos esportes e simultaneamente um elevado índice de abandono nos programas esportivos.

Marques (2004), ao pesquisar as instituições esportivas de Portugal, apontou para 187.820 crianças e jovens que aderem aos programas esportivos organizados pelas federações do país e 111.731 de crianças e jovens que praticam o esporte escolar. No entanto, em Portugal, dados mais recentes (PORTUGAL, 2012) revelam que o esporte federado vem perdendo praticantes. Em 2010, havia 518.968 atletas aderentes aos programas esportivos organizados pelas federações do país, metade do que existia em 2006. Mais especificamente, existem em Portugal 290.196 jovens atletas participantes da formação esportiva de várias modalidades. Em relação ao futebol, o número chega perto dos 150.000 atletas inscritos (PORTUGAL, 2012).

O Joaquim [nome fictício], não deixou de praticar futebol. Atualmente encontra-se a treinar na escola de futebol Pauleta, em Ponta Delgada. Foi lhe atribuída a qualidade de melhor jogador da Escola e vai na próxima época treinar no Clube S. Roque que aliás, foi a primeira escola do Pedro Pauleta, quando em criança iniciou a sua atividade futebolística. O Joaquim é um miúdo que vive para o esporte e em particular para o futebol, sendo seu sonho vir um dia ser profissional. (COELHO E SILVA *et al.*, 2006, p.163).

O depoimento refere-se a um estudo sobre acompanhamento esportivo realizado em cinco clubes com 153 jovens futebolistas portugueses. Depois dos autores notarem vários casos de não revalidação das matrículas, entraram em contato com os jovens e seus responsáveis para saber do motivo da interrupção no futebol. Observaram no caso acima, que além do aluno não abandonar a prática esportiva, perceberam expectativa do pai no fato de seu filho seguir carreira no esporte. Vários estudos possuem incidência na importância da interação dos jovens com o esporte e o envolvimento dos pais (PATE *et al.* 1996; CANADIAN SPORT FOR LIFE, 2012) e apresentam características contextuais do esporte praticado pelos filhos (WILSON *et al.*, 2011). Isto é, recentemente, tem sido feita a ligação entre a participação desportiva com características pessoais (expectativas e motivação) em diferentes cenários do desporto jovem (WEINGBERG; GOLD, 2001; MUELLER *et al.*, 2011).

O futsal, objeto de estudo deste trabalho, atualmente em nosso país é um esporte capaz de atingir a grande maioria das classes, pois existem escolinhas de esportes, tanto públicas quanto privadas, direcionadas para aprendizagem de uma modalidade esportiva específica e presentes em diferentes ambientes, como os desta pesquisa: no extracurricular de futsal em uma escola, que exige taxa de mensalidade na sua matrícula e, no clube esportivo, o qual não há cobrança de mensalidade. Esses cenários – clube e escola – são na maioria das vezes, o primeiro momento de contato do iniciante com uma atividade formal, com normas, regras e conduzida por um professor.

Logo, temos os jovens já inclusos na modalidade e a partir desse pressuposto, questionar e discutir os motivos da *adesão, aderência e o abandono* num esporte culturalmente aceito, é o foco principal deste estudo. Com atenção especial nos atores sociais: *pais, diretores, professores e alunos*, os quais se entendem como fundamentais na compreensão do contexto de diferentes programas esportivos (FRASER E THOMAS; CÔTÉ, 2006; SOUZA; MEZZADRI, 2009). Assim, pretendemos apresentar características que revelem a influência desses sujeitos no cenário do futsal escolar e clubístico, bem como verificar se existe a relação entre os mesmos e quais atores sociais são determinantes, ou possuem um peso maior, na adesão, aderência e abandono ao futsal escolar e clubístico.

Portanto, pesquisas sobre essa temática, sob a visão de diferentes sujeitos, deve ser uma questão estratégica para manter uma população interessada numa determinada modalidade e diminuir o número de abandono da prática esportiva (COELHO E SILVA; GARCIA DA SILVA, 2004).

Além de ensinar futebol a todos e ensinar bem, a tarefa educacional supõe preparar sempre para algo mais que a atividade específica da escola. Quem aprende futebol pode desenvolver um acervo de habilidades em muitos outros esportes. Além disso, poderá estar aprendendo a conviver em grupos, a construir regras, a discutir e até a discordar dessas regras, a mudá-las, com rica contribuição para seu desenvolvimento moral e social. (FREIRE, 2006, p. 09).

Rúbio (2007) destaca que o esporte escolar assume ideia de que seus objetivos devem estar de acordo com a proposta educacional, seja o esporte vivenciado durante a educação física, ou em atividades extracurriculares. A autora afirma que os esportes praticados nos colégios em horários extracurriculares têm sido uma proposta de inúmeras instituições para ensinar crianças e jovens a serem

competitivos e representam um comportamento comum de uma parte da sociedade atual. Frente a essa realidade, o esporte tanto pode ser entendido como algo saudável com uma meta educativa, por meio dos valores do esporte, quanto pode reproduzir ou sofrer com as características da cultura vigente, na qual muitas vezes possui o objetivo voltado aos resultados e vitórias (MONTAGNER; SILVA, 2003; BRITO; FONSECA; ROLIM, 2004; SANTANA; FRANÇA REIS, 2007), ou seja, um esporte rendimento na iniciação esportiva.

Por isso, tanto a escola quanto o clube são espaços presentes na aprendizagem das atividades esportivas em jovens. A partir deles surge a seguinte questão para o presente estudo: Como se dá a adesão, aderência e o abandono na categoria sub-13 do futsal em dois contextos: na iniciação ao futsal extracurricular da escola e num clube essencialmente esportivo de Curitiba?

É importante destacar que escolho a iniciação ao futsal escolar e clubístico como objeto deste estudo, devido aos envolvimento pessoais com a modalidade, primeiramente ao atuar brevemente como atleta, na qual iniciei no contexto escolar, posteriormente defendendo vários clubes e recentemente tendo atuado como professor da modalidade no ambiente escolar e universitário. Dessa forma, precisamos admitir o risco que o envolvimento pessoal traga a percepção de uma série de aspirações e tomadas de posições influenciadas por emoções momentâneas, o que faz levar a uma realidade distorcida do objeto de estudo, com fantasias e crenças originadas do senso comum, em detrimento de um olhar mais objetivo e distanciado. Sendo assim, sem dúvida há um grande esforço nessa pesquisa, sobretudo na preocupação de investigarmos, analisarmos os sujeitos da melhor forma possível e evitar que a subjetividade distorça os fatos encontrados. Em outras palavras, procuramos otimizar o envolvimento pessoal através da orientação nos fatos encontrados, por mais que indesejáveis. Assim, espera-se contribuir com as instituições a serem pesquisadas e a futura pesquisa pode servir de base para outros cenários esportivos onde se desenvolve a formação de jovens atletas.

1.1 OBJETIVOS

1.1.2 Objetivo Geral

Investigar como se dá a adesão, aderência e o abandono no futsal para jovens do gênero masculino da categoria sub-13 numa escolinha em um contexto escolar e de um clube esportivo de Curitiba.

1.1.3 Objetivos específicos

- Identificar os objetivos da escola formal e do clube com relação ao esporte;
- Identificar principais fatores, dentre os quais, os elementos culturais presentes na iniciação ao futsal das instituições investigadas e que são relevantes para adesão, aderência e abandono no futsal;
- Analisar as relações que se estabelecem entre pais, professores, dirigentes e alunos nas duas instituições de acordo com adesão, aderência e o abandono no futsal;
- Comparar através dos dados obtidos, a iniciação do futsal escolar com a clubística.

Para atender aos objetivos especificados, a dissertação foi desenvolvida em seis capítulos. Neste primeiro temos a introdução, a qual é composta pela apresentação da temática esportiva, objetivos gerais e específicos. O capítulo dois, denominamos de Revisão de Literatura. Nos capítulos três, quatro e cinco constam os três estudos (Adesão, Aderência e Abandono), desenvolvidos na dissertação, cada qual com suas respectivas introduções, objetivos, hipóteses, metodologias, resultados e discussão, e conclusões. No sexto capítulo exibimos as conclusões finais, com aproximações gerais referentes aos três estudos, assim como, limitações e possibilidades de futuras pesquisas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo pretendemos apresentar uma revisão de literatura, revelando diferentes estudos que sugerem os principais motivos da adesão, aderência e abandono no esporte em geral. Na sequência, focaremos numa revisão apresentando os conceitos dos valores do esporte e valores olímpicos. Em seguida, apresentamos o cenário de uma metrópole brasileira, pois acreditamos que irá facilitar o entendimento de alguns dados encontrados nesse estudo. Por último, detalharemos alguns conceitos do sociólogo Norbert Elias, com a principal finalidade de que posteriormente possam ser aplicados nas relações entre os agentes da pesquisa e com isso facilitar a interpretação dos dados obtidos, sobretudo aqueles apresentados nos resultados e discussão desse estudo.

2.1 ADESÃO, ADERÊNCIA E ABANDONO NO ESPORTE

Conforme Alonzo, Lucas e Rodrigues (1997), no início dos anos 70 pesquisadores começaram a realizar investigações sobre os motivos que levam os jovens a praticarem determinados esportes. Malina (1988) comenta sobre o momento propício da adesão em determinado esporte, define a prontidão desportiva como o momento em que o crescimento, a maturação e as características de desenvolvimento do praticante vão ao encontro das exigências específicas de um esporte e se o jovem adere ao esporte com um bom equilíbrio entre as exigências do treino, da escola e da família. Segundo o mesmo autor estes estudos são bastante importantes, pois sabemos que o número de crianças e jovens que aderem ou abandonam o esporte é significativo, por isso, deve ser uma preocupação para todos aqueles envolvidos com a formação do ser humano, em específico, os educadores físicos.

Com a intenção de apresentarmos ao leitor diferentes possibilidades de pesquisas, sobre “adesão aos esportes”, buscamos, por meio de alguns autores encontrados na literatura e consideramos importantes para tratar dessa temática, descrever brevemente seus trabalhos e revelar algumas informações, como por exemplo: modalidades, sujeitos, localidade do estudo, bem como os principais resultados identificados por esses autores e fundamentais na “adesão ao esporte”.

Na sequência, utilizamos essa ideia da mesma forma, com as temáticas “aderência” e “abandono”.

Gill, Gross e Huddleston (1983) num estudo nos EUA, investigaram os motivos de 1138 (720 rapazes e 418 meninas), jovens esportistas, praticantes de basquetebol, luta, futebol, golfe, basebol, tênis, atletismo, futebol, ginástica e voleibol, com idades compreendidas entre os 08 e 18 anos, para adesão a uma atividade desportiva. Para isso os autores desenvolveram o *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ), instrumento que permite avaliar as causas mais importantes para a prática desportiva. Este estudo identificou categorias, tais como, estatuto, forma física, competição, afiliação geral, desenvolvimento técnico, afiliação específica/equipe, emoções e prazer/ocupação dos tempos livres. Assim, os resultados demonstraram como motivos mais evidentes: a) melhorar as competências; b) divertimento; c) aprender novas competências; d) desafio; e d) ser fisicamente saudável. Januário, *et al.* (2012) afirma que talvez devido o fato de o PMQ ter sido desenvolvido em língua inglesa, a maior parte dos estudos referidos na literatura tem sido realizados em países anglo-saxônicos, exigindo-se, deste modo, a necessidade de validação à população portuguesa.

Participaram do amplo estudo de Januário *et al.* (2012), 1016 alunos de dez escolas, da região da Grande Lisboa, sendo 577 do gênero masculino e 439 do feminino, com idades compreendidas entre os 10 e 20 anos. Mais especificamente, 283 eram do segundo ciclo de escolaridade, 416 do terceiro ciclo de escolaridade e 317 do ensino secundário. Neste estudo foi utilizado o Questionário “Motivações para as Atividades Desportivas” (QMAD), tradução da versão original do PMQ de Gill, Gross e Huddleston (1983). Este questionário foi composto por 30 itens, que descrevem motivos para buscar fazer atividade desportiva, aos quais foram atribuídos, numa escala tipo Likert (de 1 a 5), os seguintes níveis: 1 – Nada importante; 2 – Pouco importante; 3 – Importante; 4 – Muito importante; 5 – Totalmente importante. Os principais resultados, de acordo com a faixa etária deste estudo, 11 a 13 anos, foram os relacionados com a procura de desenvolvimento das suas competências físico-desportivas, nomeadamente, para melhorar as suas competências técnicas específicas na modalidade e para manterem ou melhorarem os seus índices físicos.

Matos e Cruz (1997), num estudo em Portugal, abrangeu 757 sujeitos, sendo que 382 eram praticantes de várias modalidades esportivas individuais e coletivas

do contexto escolar. Aplicaram o “Questionário de Motivação para Participação Desportiva” (QMPD), adaptado do instrumento (PMQ) de avaliação originalmente desenvolvido por Gill, Gross e Huddleston (1983). Este questionário era composto por 30 razões possíveis, que os sujeitos deveriam indicar, decisivos para a prática esportiva. Este estudo encontrou cinco dimensões gerais da motivação: a) ação ou forma física; b) afiliação / amizade; c) desenvolvimento / melhoria de capacidades; d) competição; e e) estatuto social. Os principais itens assinalados foram: gosto pelo exercício físico, querer ser fisicamente saudável, querer melhorar o nível desportivo, gostar do grupo, melhorar capacidades pessoais e divertimento.

Weiss (1993) aponta que os fatores que mais contribuíram para a adesão de jovens atletas em diferentes programas esportivos americanos são: a) modelo e reforço de parentes e professores; b) oportunidade de se envolver e demonstrar habilidades motoras competentes; c) atributos que variam do sexo, raça, classe social, etc. Coelho e Silva *et al.* (2006), utilizaram entrevistas e identificaram num estudo com jovens jogadores de futebol de até 12 anos, expectativas que os pais depositam na carreira desportiva dos filhos.

Wilson *et al.* (2011) pesquisaram 198 pais e 679 alunos americanos carentes, com média de 11,4 anos. O estudo avaliou a importância do bairro, e outros suportes de apoios dos pais para o ingresso da atividade física moderada nos adolescentes. Os autores concluíram que o apoio dos pais e da qualidade do bairro em disponibilizar atrativos ao esporte são ambos associados com aumento da atividade física em adolescentes carentes.

Alonzo, Lucas e Rodrigues (1997), pesquisaram a adesão no basquete espanhol e revelam que alguns dos principais motivos de adesão relacionam-se com a aderência ao esporte, como por exemplo, manutenção da forma física e competir para atingir metas. A manutenção no esporte, em geral possui um papel positivo no desenvolvimento da promoção humana e o senso comum e a comunidade científica procuram demonstrar a veracidade de tal informação (CAMPESTRINI, 2009). Para Bassani (2003), a escola pode atender um espaço importante no processo de formação de atletas, pois possui grandes condições de influenciar e manter os alunos na prática esportiva:

Também nos ambientes escolares, como sabemos, o esporte tem uma destacada presença. Tanto como conteúdo central da Educação Física Escolar, como prática extracurricular, os esportes são motivo de

canalização de importantes recursos financeiros, materiais e simbólicos nas escolas brasileiras. (BASSANI, 2003, p. 93).

Conforme o autor, o ambiente escolar possui meios para propor esportes e manter os alunos na sua prática e pode fazer com que os esportes façam parte do cotidiano de todos aqueles envolvidos na cultura escolar.

Coakley e White (1992) num estudo na Inglaterra com 26 adolescentes do sexo feminino, entre 13 e 23 anos, encontraram através de entrevistas semiestruturadas, que a pressão das amigas é um dos fatores de motivação essenciais para essas jovens ficarem envolvidas na atividade física. A ideia de compromisso foi o sinal mais forte dessas jovens para vontade de continuarem nos esportes. Da mesma forma, nos EUA, Klint e Weiss (1986) aplicaram questionários para 106 ginastas de 10 a 20 anos, e encontraram que um dos motivos para as ginastas do grupo competitivo serem resistentes à interrupção e permanecerem na participação do esporte é por medo de perder amigos e treinadores, além de vontade de superar desafios.

Carvalho, Fonseca e Tavares (2001), num estudo sobre a prática do basquetebol no clube, aplicaram questionários para jovens atletas e treinadores e apontam os seguintes motivos que levam os jovens a permanecerem na prática do basquete: a) manutenção do desenvolvimento técnico; b) manutenção ou desenvolvimento da forma física; e c) demonstração de um Estatuto elevado perante outras pessoas. Souza e Mezzadri (2009), num estudo qualitativo com a utilização de entrevistas com 04 pais e 08 jovens escolares de Curitiba que participam das atividades extracurriculares, identificaram alguns motivos de aderência em programas esportivos escolares: a) necessidade dos alunos fazerem uma atividade física; b) benefícios para a qualidade de vida dos participantes; c) motivação familiar na prática esportiva; d) gosto pela atividade e e) participar com os colegas.

Pate *et al.* (1996), estudaram dois grupos de jovens escolares americanos: um grupo com alta e outro com baixa atividade física. Fizeram parte deste último grupo 1641 alunos, de 12 a 18 anos, que declararam fazer exercícios leves somente duas vezes a cada 14 dias, por isso foram considerados com baixa atividade física. Os autores, através da aplicação de questionários aos sujeitos, diagnosticaram ao comparar os grupos, que a baixa atividade física nesses jovens, está associada com os seguintes fatores: a) maus hábitos alimentares, pois os alunos não comiam frutas ou legumes; b) jogar videogame por 3 ou mais horas durante o dia; c) consumo de

maconha nos últimos 30 dias; d) possuem diferentes parceiros sexuais nos últimos 3 meses; e) pouca preocupação com atividades escolares e e) pouco interesse nas atividades físicas escolares.

Pesquisa recente nos EUA, (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2010), assume a preocupação com atividade física da população como um todo, salienta que é essencial para a saúde em geral, como por exemplo, na ajuda no controle de peso, redução no risco de doenças cardíacas e alguns tipos de câncer, fortalecimento de ossos e músculos. Diante disso a pesquisa apresenta alguns indicadores para que os estados americanos criem melhorias e mantenham os programas esportivos da população. Os indicadores são: a) criar ou melhorar o acesso aos locais esportivos, tornando-os seguros aos praticantes, com equipamentos adequados; b) aumentar a educação física e atividades esportivas diversas nas escolas, em diferentes horários, inclusive finais de semana; c) apoiar o desenho urbano (melhoria em parques) e políticas de transporte (bicicleta) que desenvolvam ações saudáveis na população; e d) desenvolver e manter uma força de trabalho de saúde pública competente na atividade física. De acordo com essa pesquisa, esses tipos de estratégias podem ocorrer ou ser apoiada a nível estadual, ou da comunidade em todo o estado.

Nogueira (2011) reflete sobre o esporte e juventude, na qual participar de programas esportivos é tido como um antídoto para ocupação do tempo livre, pois, a falta de lazer indica relação do jovem com o mundo do crime. Também, o esporte possui lugar no contexto das políticas públicas e o Brasil, através da promoção de grandes eventos esportivos como a realização da Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos em 2016, surge a necessidade de investir o dinheiro público, também em ações que mantenham os jovens no esporte (NOGUEIRA, 2011).

Darido (2004), num estudo com 1172 jovens de diferentes escolas brasileiras, praticantes da educação física, possui a intenção de encontrar os motivos da não aderência nessas aulas e cita algumas características fundamentais que podem contribuir com a manutenção em longo prazo e deveriam ser conhecidas por todos os profissionais da área da Educação Física: a) proporcionar momentos de sucesso e prazer aos alunos, tornando a atividade o mais agradável possível; b) proporcionar condições favoráveis ao desenvolvimento da amizade, através do trabalho em grupo; c) procurar desenvolver atividades de recreação, alterando na medida do possível, o local da prática; d) variar sempre as atividades, enfatizando a criatividade durante o

planejamento do programa, uma vez que as pessoas reclamam da elevada repetição das atividades; e) proporcionar desafios adequados às habilidades motoras individuais; f) manter uma relação positiva entre professor, aluno e os próprios alunos; g) evitar atividades que enfatizem demasiadamente a vitória.

Outros fatores que envolvem a aderência às atividades físicas para jovens estudantes: a) as escolas devem fornecer informações aos pais sobre os benefícios da atividade física; b) incentivar as famílias para que se envolvam na escola com base em eventos esportivos; c) políticas que envolvam todos da escola no esporte e proporcionem tempo para a atividade física organizada; c) utilizar atividades que mantenham os alunos ativos para a maioria do tempo de aula (mais de 50% do tempo de aula); e d) proporcionar atividades que atendam as necessidades de todos os alunos (NATIONAL CENTER FOR CHRONIC DISEASE PREVENTION AND HEALTH PROMOTION, 2009).

Para complementar a discussão deste tópico, mostramos autores e possíveis motivos do abandono no esporte. Em revisão realizada, a partir dos anos 70, por Guillet; Sarrazin e Cury (2001), foram apresentados e detalhados 28 estudos encontrados na literatura internacional sobre esta temática, de alguns autores que também constam nessa dissertação, como por exemplo: Gould *et al.* (1982); Gill, Gross e Huddleston (1983); Ewing e Seefeldt (1989); e Robertson (1998).

Ibsen e Ottesen (1996), verificaram que uma em cada cinco crianças dinamarquesas entre os 7 e 9 anos de idade praticam natação, mas a adesão cai vertiginosamente quando atinge os 13 e 15 anos de idade: apenas uma criança em cada 20 pratica tal esporte de forma organizada. Gould *et al.* (1982), publicaram estudo sobre o abandono, com 50 nadadores americanos, com idade entre os 10 e 18 anos, do estado de Michigan e revelam que após os 12 anos um terço dos jovens tinha tendência em abandonar a prática esportiva e, esta taxa aumenta em aproximadamente 80% por volta dos 17 anos de idade. Os autores identificaram como principais causas do abandono: a) interesse por outras atividades; b) pressão excessiva; e c) falta de diversão. Para isso, os autores adaptaram o questionário desenvolvido por Gill, Gross e Huddleston (1983) e completaram com uma entrevista estruturada.

Num relatório divulgado pela *Youth Sports Institute de Michigan State University*, aponta que Ewing e Seefeldt (1989), aplicaram questionários a 7994 jovens de 10 a 18 anos, residentes em vários estados americanos e praticantes de

diferentes modalidades e programas esportivos. As principais razões identificadas pelos jovens para interromperem o esporte foram: a) eu não estava me divertindo; b) eu precisava de mais tempo para estudar; c) o esporte consumia muito tempo; d) havia muita pressão; e) tive problemas com o técnico. Os autores também desenvolveram um questionário com a finalidade de investigar os motivos se os jovens viessem a praticar novamente a prática dos esportes. O questionário também havia a frase “Eu voltaria a jogar se...”. Os motivos encontrados são no sentido de que os jovens retomariam os esportes se não houvesse conflito com a vida social dos mesmos.

Robertson (1998), num estudo com jovens australianos, constatou que eles decidem abandonar a prática da natação por razões pessoais ocasionadas por problemas com seus professores e muitas vezes se sentem atraídos por outras modalidades. Nesse sentido, o autor menciona do abandono em uma determinada modalidade não significar que o jovem não mais praticará outros esportes, pelo contrário, na maioria das vezes o jovem busca descobrir novas modalidades, ou seja, existe uma distância grande entre o jovem decidir abandonar toda e qualquer atividade esportiva e aquele que simplesmente passar a fazer uma atividade esportiva diferente da praticada até então. Ao analisar os motivos do abandono de jovens e adultos no basquetebol no Brasil, Menoncin (2003), aponta outros fatores dos citados acima: falta de tempo verificada através de aspectos como interferência dos estudos, necessidade de trabalhar e obrigatoriedade de treinar todos os dias.

Harsha (1995), num estudo quantitativo com várias modalidades, cita os principais fatores relacionados ao abandono da prática esportiva, são: a) o uso da televisão; b) computadores; e c) vídeo game como forma de diversão. Além destes fatores, Weingberg e Gould (2001) mencionam a preocupação dos pais em relação à segurança dos filhos, deslocamento ao local de treino, frequência das viagens, o desinteresse das escolas em promover e oferecer atividades esportivas, e os modelos de treinamento, os quais, as desgastantes horas de treinos podem ser metas difíceis de serem cumpridas pelos jovens praticantes, o que pode ocasionar no abandono de jovens atletas em determinados esportes.

Loureiro (2003) entrevistou 29 jogadores juniores de rugby, perguntando-lhes se alguma vez tinham pensado na possibilidade de abandono deste esporte. O autor encontrou através da análise do conteúdo dimensões para explicar o possível abandono, ou o que chamamos neste dissertação de categorias: organização da

prática desportiva, falta de interesse, falta de tempo, ambiente/clima de grupo, fatores pessoais, supervisão da atividade.

Matos e Cruz (1997), num estudo em Portugal, na cidade de Braga, investigaram 375 (192 do sexo feminino e 190 do sexo masculino), jovens entre os 12 e 18 anos, ex-praticantes do desporto escolar de várias modalidades individuais e coletivas. Os autores utilizaram o “Questionário de Razões para o Abandono do Desporto Escolar” (QRAPED), adaptado de um instrumento desenvolvido por investigadores dos Estados Unidos (GILL, GROSS, HUDDLESTON, 1981; GOULD, *et al.* 1982). O QRAPED solicitava aos sujeitos que avaliassem o grau de importância de cada uma das 36 possíveis razões para o abandono escolar. Veja os itens: “não tinha tempo”, “as vitórias eram a única coisa que interessava”, “só se pensava em ganhar”, “tinha outras coisas para fazer”, “não tinha jeito nem capacidades técnicas”, “não tinha capacidades físicas”, “lesionei-me”, “não me divertia nem tinha prazer”, “sentia-me muito pressionado”, “não me davam oportunidades para jogar”, “interessei-me por outras modalidades”, “tinha problemas com alguns colegas da equipe”, “não jogava tempo suficiente”, “não tinha tempo para treinar”, “a equipe perdia sempre, ou quase sempre”, “meu esforço não era recompensado”, “meu trabalho e esforço não eram reconhecidos”, “não gostava do treinador/professor”, “estudar é mais importante que praticar desporto”, “tive mau rendimento escolar e fui castigado”, “comecei a praticar desporto federado num clube”, “os treinos eram muito exigentes e difíceis”, “os meus amigos também desistiram”, “não era convocado para os jogos”, “meus pais proibiram-me”, “a maioria dos meus amigos era melhor do que eu”, “os treinos e jogos eram uma bagunça”, “era demasiado sério e competitivo”, “o treinador/professor não me dava importância”, “os treinos eram chatos, quase sempre a mesma coisa”, “os meus colegas não gostavam de mim”, “interessei-me por outros passatempos”, “não tinha a minha modalidade preferida”, “comecei a namorar”, “não gostava dos métodos do treinador”, “o professor/treinador era muito autoritário”. Assim, Matos e Cruz (1997) identificaram os principais motivos para o abandono: a) estudar é mais importante que praticar desporto; b) não tinha tempo; e c) tinha outras coisas pra fazer.

Nuviala *et al.* (2012), num estudo com 1019 jovens (55,9% masculino e 44,1% feminino) espanhóis, com idade média de 14,12 anos e participantes de várias modalidades em 28 municípios da província de Huelva, constataram que os alunos desistem por fatores relacionados com as categorias “técnico” e “qualidade de serviços oferecidos”. Utilizaram questionário, com 16 itens, denominado EPOD e

desenvolvido pelos mesmos autores em 2008. Com os dados obtidos, apresentam estratégias para que se melhore o esporte e aumente o número de jovens engajados no esporte: a) atividades de acordo com a necessidade dos jovens; b) investimento em materiais adequados e diversos; c) engajar todos os envolvidos (pais, alunos, professores) no processo esportivo; e d) melhorar a formação dos técnicos.

Coelho e Silva; Garcia da Silva (2003) aplicaram questionários com base no estudo de Matos e Cruz (1997), para 233 jovens portugueses (120 feminino e 113 masculino) praticantes de programas esportivos de diferentes modalidades coletivas e individuais. No decorrer do estudo os autores traçam comparações dos motivos de abandono entre os grupos feminino e masculino e, apontaram as principais razões da desistência: o aluno não tinha tempo disponível, interessou por outros passatempos, priorizou os estudos, outras coisas para fazer nesse tempo destinado ao treinamento e os treinos consumiam muito tempo. Tais autores salientam a importância de se recorrer a metodologias complementares, pois ao entrevistarem jovens futebolistas descobriram um falso abandono desses jovens no esporte, na medida em que pais e alunos procuravam outros ambientes esportivos para buscarem melhores condições de treinos e assim crescerem no esporte. (COELHO E SILVA *et al.*, 2006).

Barros (2002) estudou as razões para jovens de 13 a 18 anos abandonarem o basquetebol, sob a percepção de pais, alunos e treinadores. Aplicou questionário, utilizado por Matos e Cruz (1997), a 24 treinadores, 48 pais e 71 jovens ex-basquetebolistas de Coimbra. O item: “tive que dar prioridade aos estudos”, foi a principal razão evidenciada pelos 3 sujeitos (pais, alunos e treinadores) para explicar o abandono desses jovens. Esse resultado converge com o estudo desenvolvido por Ribeiro (2002), na mesma modalidade e cidade, porém aplicou-se questionários à 56 jovens ex-basquetebolistas do sexo feminino.

Criamos o (QUADRO 2.1), para sintetizar alguns estudos retratados nesse tópico, cada qual com a quantidade de sujeitos, faixa etária, país em que a pesquisa aconteceu, o esporte de estudo e os principais resultados de acordo com o tipo de estudo: adesão, aderência e abandono.

Autores/Ano	Sujeitos/Idade	País	Esporte	Métodos	Estudo/Resultados
Gill, Gross e Huddleston/1983	1138 – 08 à 18 anos	EUA	Vários	Questionário	Adesão: diversão, melhorar competências, qualidade de vida
Januário, <i>et al.</i> (2012)	1016 – 10 à 20 anos	Portugal	Vários	Questionário	Adesão: melhorar competências técnicas e físicas.
Matos e Cruz (1997)	382 – 12 à 18 anos	Portugal	Vários	Questionário	Adesão: gosto pelo exercício físico, qualidade de vida, melhorar o nível desportivo, grupo e divertimento.
Wilson <i>et al.</i> (2011)	679 – média de 11,4 anos	EUA	Vários	Entrevista / Questionário	Adesão: Apoio dos pais; qualidade do bairro com relação à atividade física.
Duda e White (1999)	173 – média de 21,4 anos	EUA	Esqui	Questionário	Aderência: trabalho duro; habilidades específicas; utilização de corretas atividades.
Coakley e White (1992)	23 – 13 à 23 anos	Inglaterra	Vários	Entrevistas	Aderência: pressão das amigas, compromisso com o grupo.
Klint e Weiss (1986)	106 – 10 à 20 anos	EUA	Ginástica	Questionário	Aderência: medo de perder amigos e treinadores; vontade de superar desafios.
Souza e Mezzadri (2009)	08 – 10 à 12 anos	Brasil	Futebol e Natação	Entrevistas	Aderência: saúde; gosto pela atividade; estar com os amigos.
Darido (2004)	1172 – 10 à 15 anos	Brasil	Vários	Questionário	Aderência: proporcionar momentos de sucesso e prazer; desenvolvimento da amizade; desenvolver atividades recreacionais; variar sempre as atividades; manter uma relação positiva entre professor - aluno e os próprios alunos; evitar atividades que enfatizem demasiadamente a vitória.
Gould <i>et al.</i> (1982)	50 – 10 à 18 anos	EUA	Natação	Questionário	Abandono: interesse por outras atividades; pressão excessiva; e falta de diversão.
					Continua

Autores/Ano	Sujeitos/Idade	País	Esporte	Métodos	Estudo/Resultados
					Continuação
Nuviala <i>et al.</i> (2012)	1019 – media de 14,1 anos	Espanha	Várias	Questionário	Abandono: atividades de acordo com a necessidade dos jovens; investimento em materiais adequados e diversos; e engajar todos os envolvidos (pais, alunos, professores) no processo esportivo;
Ewing e Seefeldt (1989)	7994 – 10 à 18 anos	EUA	Vários	Questionário	Abandono: Sem diversão; falta de tempo para estudar; havia muita pressão; problemas com o técnico.
Coelho e Silva; Garcia da Silva (2004)	233 – 9 à 15 anos	Portugal	Vários	Questionário	Abandono: não tinha tempo disponível; interessou por outros passatempos, priorizou os estudos, outras coisas para fazer; os treinos consumiam muito tempo.

QUADRO 2.1: CARACTERÍSTICAS DE ALGUNS ESTUDOS APRESENTADOS PARA RETRATAR A ADESÃO, ADERÊNCIA E ABANDONO EM DETERMINADOS ESPORTES.

FONTE: Elaboração própria do autor (2013).

Percebemos que muitas pesquisas, principalmente sobre os motivos dos jovens buscarem os esportes, têm sido concretizadas com variações do questionário - PMQ - de Gill, Gross e Huddleston (1983) em diversos contextos do esporte (MATOS; CRUZ, 1997; JANUÁRIO, *et al.*, 2012). Verificamos que o número de fatores e itens componentes dos resultados tem variado, sobretudo em função das diferentes amostras das investigações. Portanto, também adotar a utilização de abordagens qualitativas deve contribuir com a temática, pois permitem penetrar mais profundamente nas estruturas motivacionais, contextuais, nas suas determinantes psicológicas e nos conteúdos das práticas.

Por fim, com base nos estudos acima, ressaltamos que há necessidade de mais pesquisas sobre a adesão, aderência e abandono ao esporte no Brasil, devido às especificidades de cada modalidade e de fatores específicos de cada região. Para reforçar tal ideia e justificar ainda mais importância desta pesquisa, buscamos no *site* do Portal: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2011), a produção de dissertações e teses sobre a modalidade de futsal. O

termo: “Futsal”, foi designado para fazer a seleção dos materiais no campo de busca “Assunto” do mencionado portal. Seguindo este critério, num primeiro momento, encontramos 56 dissertações e 11 teses. A partir disso, com base, sobretudo na metodologia dos trabalhos, selecionamos as pesquisas que abordam somente o futsal entre jovens e verificamos que somente alguns destes trabalhos são voltados à iniciação ao futsal como objeto de estudo. A saber: a) Vozer (1998) - Análise das intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao futsal; b) Pereira (1999) - Seleção de atletas adolescentes de 13 a 15 anos que praticam futsal em Florianópolis: uma aplicação do Mcda; c) Rezer (2003) - A prática pedagógica em escolinha de futebol/futsal: possíveis perspectivas de superação; d) Santana (2003) - A pedagogia do esporte e a moralidade infantil; e e) Amorim (2004) - Análise da percepção de competência de crianças de 11 a 12 anos praticantes de Futsal.

Tais autores escreveram sobre a pedagogia e iniciação nas categorias menores do futsal. Podemos dizer que existe a necessidade de mais estudos nas idades iniciais com uma visão que busque discutir e acrescentar nas relações sociais, sobretudo nos critérios de adesão, aderência e abandono na iniciação ao futsal. Sem dúvida há inúmeras possibilidades e combinações de fatores que podem contribuir para explicar essa temática e no caso específico desse trabalho, vamos restringir a modalidade de futsal, no clube e na escola.

2.2 CENÁRIO DE UMA METRÓPOLE BRASILEIRA: TRANSPORTE, VIOLÊNCIA E ATIVIDADE FÍSICA.

O presente estudo foi realizado na região central de uma cidade considerada uma das grandes metrópoles do país, por isso pretendemos aqui fazer uma pequena apresentação de dois tópicos considerados importantes sobre uma metrópole brasileira, principalmente relatando aspectos voltados a atividade física, transporte e a violência das grandes cidades, na qual auxiliaram posteriormente no esclarecimento dos fatos encontrados neste dissertação.

Num estudo recente que envolveu grandes metrópoles brasileiras, em dez anos, de 1998 a 2008, o PIB brasileiro subiu em torno de 4%, enquanto as vendas de automóveis e motocicletas aumentaram anualmente 7% e 12% respectivamente (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2012). Nesse período, a

utilização do transporte público diminuiu, principalmente devido à falta de investimentos no setor, como reflexo, ajudou a gerar um trânsito congestionado nas grandes metrópoles, já que com o aumento e facilidade do poder de compra, a população prefere o seu transporte particular a utilizar transporte público. Desta forma, podemos supor que o desenvolvimento de atividades esportivas em grandes centros, podem estar relacionadas muitas vezes com o aspecto que se refere ao trânsito, ou deslocamento aos locais dos espaços esportivos.

No Brasil dados como o de vendas de automóveis são considerados indicativos de crescimento econômico, porém sabemos que em grandes metrópoles não existem mais espaços para tantos veículos e ainda assim o país persiste na política da venda de automóveis. São Paulo, Curitiba, Recife, Salvador, Belo Horizonte, são exemplos de grandes metrópoles onde atualmente a mobilidade está inviável, principalmente em regiões centrais dessas cidades, por sinal, local onde se desenvolveu este estudo. Nesse sentido, Bertini (2005) aborda que outro agravante nessas grandes cidades são os congestionamentos de pico, como por exemplo, no final da tarde, onde a grande maioria dos trabalhadores dirige-se às suas residências, logo, gera nesses horários com frequência grandes congestionamentos o que pode ter consequências graves para a qualidade de vida da população, bem como prejuízos econômicos e sociais. Sendo assim, é importante contextualizarmos este estudo, pois envolve o extracurricular de futsal, com aulas que aconteceram no final da tarde: 18h.

Maricato (2003) menciona algumas das preocupações dos moradores urbanos de grandes cidades, como por exemplo, assaltos, roubos, sequestros, tráfico de drogas e homicídios, com isso ocasiona a chamada violência urbana. Adorno (2002) comenta que problemas, como, crescimento da delinquência urbana, criminalidade organizada em grandes cidades, violações de direitos humanos são tendências no Brasil, decorrentes na maioria das vezes, sobretudo de contradições sociais. Em pesquisa realizada nas regiões brasileiras, em cidades urbanas e rurais, aponta que 47,2% das pessoas investigadas não se sentem seguras na cidade onde residem, sendo que 60% dos domicílios possuem dispositivos de segurança, preocupação essa maior, principalmente em áreas urbanas do que nas rurais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

A violência é um grave problema de saúde pública nos Estados Unidos e afeta as pessoas em todas as fases da vida, logo, diminui os valores da sociedade e

provoca problemas emocionais e físicos nos envolvidos. Em 2009, quase 16.800 pessoas - crianças e idosos - foram vítimas de homicídios e quase 37.000 tiraram sua própria vida (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2011). Pessoas que sofrem de violência, também, ficam com cicatrizes permanentes, físicas e emocionais.

Tuan (2005) aborda que o medo existente na população de centros urbanos possui relação direta com a violência, faz com que famílias tentem o controle absoluto dos filhos, ou seja, é comum a preocupação e atenção familiar com relação a grupo de amigos, locais de diversão, lazer, escola, entre outros aspectos ou comportamentos do cotidiano que muitas vezes são definidos e pensados conforme o preocupante da violência urbana. O autor salienta que o medo faz parte do cotidiano citadino e assim podemos dizer que determinados estudos que se localizam em regiões centrais de grandes centros urbanos, na medida do possível podem ter relação com esta perspectiva de violência urbana e transporte.

Num estudo relacionado com o transporte, Sirard *et al.* (2005) visou determinar por meio de observação direta, a prevalência de deslocamento ativo (a pé e de bicicleta) para alunos de escolas americanas em comunidades urbanas e suburbanas, diagnosticaram que o deslocamento ativo é o meio de transporte menos utilizado pelos alunos e pais para dirigirem-se à escola, quando comparado com ônibus e carros. Em conclusão, apenas 5% dos alunos do ensino fundamental de escola foram observados a pé ou de bicicleta. Os autores comentam que são necessários mais estudos com amostras maiores, ou diversas localizações geográficas para identificar diferenças no transporte à escola e também levar em consideração fatores, tais como a criminalidade das cidades, o congestionamento de tráfego, ambiente físico, efeito da temperatura e condições do tempo, os quais provavelmente são condições que possuem influência no comportamento de deslocamento ativo para a escola.

Church *et al.* (2011), através de fontes de dados nacionalmente representativas nos EUA, examinaram tendências da atividade física ocupacional durante as últimas 5 décadas e exploraram como essas tendências se relacionam com alterações no peso corporal médio e com a prevalência de obesidade de trabalhadores entre 40 a 50 anos. Nessa faixa etária, conforme dados da Estatística do Emprego Atual (CES), existe o maior percentual de pessoas empregadas, tanto para homens quanto para mulheres nos EUA. Em síntese, na análise do gasto de

energia para ocupações do trabalho nos EUA a partir de 1960, através de dados do *Bureau of Labor Statistics*, quase metade dos empregos na indústria privada exigia pelo menos atividade física moderada.

Atualmente, com os avanços tecnológicos relacionados à produção, o aumento do número de veículos em grandes centros urbanos, são alguns indicativos colocados pelos autores para explicar a redução da intensidade do trabalho físico e possível aumento do gasto calórico nas ocupações dos trabalhadores, assim, faz com que exijam menos de 20% do gasto energético, do que comparado nos anos 60. A pesquisa também salienta que as diferentes atividades de lazer na população em geral, aumentaram, mas possuem um bom tempo gasto com a TV. Estima-se com essa pesquisa que, ao longo dos últimos 50 anos nos EUA, o gasto energético diário relacionado aos empregos, diminuiu em mais de 100 calorias, e essa redução do gasto consequentemente aumenta a média de peso corporal dos trabalhadores para mulheres e homens. Esse dado fornece evidência da importância para a saúde pública de promover estilo de vida fisicamente ativo, fora do horário de trabalho.

Podemos com esses dados, imaginar um paralelo com este estudo, já que envolve os agentes pais, sendo que Church *et al.* (2011), identificaram que os trabalhadores possuem consciência da importância da atividade física para eles e seus familiares, principalmente aqueles com ocupações em grandes metrópoles, pois os autores classificaram alguns trabalhos atualmente presentes nos grandes centros, como por exemplo: transporte, informações, atividades financeiras e negócios, como ocupações sedentárias. Por isso os autores comentam da necessidade desses trabalhadores, compensar o baixo gasto calórico de suas ocupações, ao buscarem atividades com maior intensidade, fora do horário de trabalho.

Os resultados do estudo de Pratt *et al.* (2012), revelam preocupação na questão de tecnologia de comunicação e transporte, pois estão direta e indiretamente ligados aos níveis de atividade física entre diferentes países de baixa ou alta renda e de certa forma corroboram com os dados do estudo de Churchil *et al.* (2011). Pratt *et al.* (2012) sugerem que para melhorar a atividade física da população em geral, deve-se aumentar nas cidades a criação de políticas sinérgicas em setores não ligados somente à saúde, mas sim incluindo comunicação e facilidade de transporte, ou acesso às atividades físicas das cidades.

Brownson, Boehmer e Luke (2005) descrevem tendências de longo prazo (até 50 anos) nos EUA relacionando algumas delas, com a atividade física, emprego e profissão. Observaram forte aumento linear em utilização de veículos por pessoa ao longo do último meio século e consistente para os americanos que vivem nos subúrbios. Os autores salientam que embora seja difícil de quantificar com precisão, devido à falta de dados de longo prazo, é aparente a combinação de alterações no ambiente construído das cidades e aumento na proporção da população, pode vir a aumentar atividades sedentárias, conseqüentemente coloca a maioria da população americana no alto risco de inatividade física.

Num estudo na cidade de Bogotá, Meisel *et al.* (2012) apresentam que a Ciclovía Recreativa, existente na cidade, é uma saída para grandes metrópoles promoverem a atividade física e diminuir o trânsito congestionado. A ciclovía é considerada como promissor programa multisetorial de massa, em que determinadas ruas são temporariamente fechadas para o transporte motorizado e assim permite acesso exclusivo à população praticar atividades de lazer e transporte via bicicleta. Segundo os autores, o programa de ciclovía é viável em Bogotá, porque possui a integração de vários setores na cidade, como, esporte, educação e segurança.

2.3 VALORES NO ESPORTE – CLUBE E ESCOLA

Nesse tópico, a fim de ampliar a visão acerca do futsal, descreveremos com maior enfoque os valores do esporte no clube e na escola, para assim facilitar a posterior discussão e comparação da adesão, aderência e o abandono entre a iniciação ao futsal extracurricular e o clubístico, o que acreditamos contribuir para esses dois ambientes.

O esporte na escola, segundo Paes (1998), pode ser importante por razões como ser a escola uma agência de promoção e difusão da cultura, e até mesmo por uma questão de justiça social, por oportunizar diferentes esportes aos alunos, uma vez que em outros cenários o acesso ao mesmo será restrito a um número reduzido de crianças e de jovens, clientes de academias, ou atualmente das escolinhas de esportes. O autor adiciona que:

O esporte é uma representação simbólica da vida, de natureza educacional, podendo promover no praticante modificações tanto na compreensão de valores, como de costumes e modo de comportamento, interferindo no desenvolvimento individual, aproximando pessoas que tem, neste fenômeno, um meio para estabelecer e manter um melhor relacionamento social. (PAES, 1998, p.112).

Barbieri (2001) possui ideias similares as de Paes (1998), pois enquadra o esporte como expressão cultural da humanidade, e assim, deveria ser ensinado baseado em valores que buscam a identificação do aluno em cooperação e solidariedade com o outro, apoiados nos princípios da totalidade, coeducação, emancipação, participação, cooperação e regionalismo.



FIGURA 2.1 - JOGO DE FUTSAL ENTRE JOVENS.
FONTE: Arquivos do autor (2011).

A (FIGURA 2.1) possui a intenção de mostrar como pode acontecer a prática de jogo do futsal entre jovens e podemos perceber que é possível ser desenvolvidas algumas ideias abordadas pelos autores referentes aos valores do esporte. Por exemplo: o companheirismo pode ser desenvolvido no futsal numa situação de defesa, ou marcação, na qual é necessária a participação de todos os alunos da equipe para assim evitar a possibilidade de gol da equipe adversária; o coleguismo, ou noção de coletividade, pode ser desenvolvida no sistema de ataque da equipe, pois para fazer o gol, muitas vezes os integrantes precisam cumprir o que foi treinado e jogar com todos os colegas, ou seja, passar a bola para aquele companheiro melhor posicionado e assim esta equipe têm maior possibilidade de conseguir o gol. A (FIGURA 2.1) revela a presença do árbitro e no futsal este

posiciona-se na parte lateral da quadra, com a intenção de fazer valer as regras do esporte. Desse modo, os jovens participantes precisam entender e respeitar o que é permitido ser feito numa aula ou jogo de futsal. Observamos nesse contexto, o fato de nem todos os alunos participarem do jogo, pois na (FIGURA 2.1) há alunos que estão no banco de reserva e ao entrarem na partida, espera-se deles, que ajudem seus colegas. Enfim, no futsal podemos ter inúmeros exemplos relacionados com os valores do esporte e devem ser estimulados durante as aulas e jogos, com a finalidade de contribuir para a formação do aluno/atleta quanto cidadão.

Demo (2003) comenta que a escola tende naturalmente a reproduzir a sociedade e dada as circunstâncias mais favoráveis pode promover a cidadania crítica dos alunos em diferentes disciplinas. Rúbio (2007), afirma que o esporte praticado nos colégios em horários extracurriculares tem sido uma proposta de inúmeras instituições de ensino para ensinar crianças e jovens a serem competitivos e isso representa um comportamento comum de uma parte da sociedade atual. Sendo assim, a autora comenta que o esporte passa a ser praticado nas escolas cercado de valores somente para uma formação específica, onde muitas vezes visa ganhar títulos e preparar os jovens para uma vida adulta. Com isso o que temos como esporte na escola, pode ser compreendido, confundido, também como esporte performance e a esse processo denomina-se pedagogia do rendimento.

Partindo-se da estrutura esportiva competitiva que leva a uma busca constante por resultados e ao aprimoramento do gesto técnico, as crianças são levadas a rapidamente se inserir em modalidades esportivas, e a viver cada vez mais precocemente a especialização. Muitos programas de iniciação esportiva direcionam aqueles que se destacam, ou mesmo aqueles que tem biótipo adequado para uma modalidade, para clubes e federações que visam atender ao esporte competitivo. (RÚBIO, 2007, p. 115).

Frente a esta realidade, a autora alerta que o esporte tanto pode ser entendido como algo saudável com uma meta educativa, quanto pode reproduzir as características da cultura vigente. Aponta que devemos nos preocupar com sua utilização sem prejuízos físicos e psicológicos aos envolvidos e, considerar valores como a cooperação, participação e criatividade. Para Freire (2012) o esporte não é somente aquele das competições, da aptidão física, como por exemplo – Copa do Mundo e Jogos Olímpicos – as quais assistimos pelos meios de comunicação, ou presencial, em estádios, ginásios e quadras. Para o autor, esporte é algo que inicia-se em diferentes lugares e distante dos cenários midiáticos, mas com grande

importância na formação de qualquer cidadão e geralmente tal fato sequer é dado valor pelas autoridades esportivas.

Devemos entender que o movimento que a criança realiza num jogo, tem repercussões sobre todas as dimensões dos seu comportamento e mais, que esta atividade veicula e faz a criança introjetar determinados valores e normas de comportamento. (BRACHT, 1992, p. 66).

Sendo assim, o ensino do esporte para o jovem, deve ir além da performance esportiva. Campestrini (2009) destaca a relação entre esporte e educação, na qual contribui sobremaneira para as condições de desenvolvimento humano. Segundo o autor o papel da escola é fundamental e está interligado com o processo de formação do jovem. Ainda discute se os clubes exercem ou não praticas de relações sociais com os jovens e salienta que a formação clubística deveria ser ampla, voltada para formar cidadãos mais críticos e responsáveis pelas suas escolhas.

Coelho e Silva e Garcia da Silva (2003), abordam na discussão de um tópico denominado de “Clubes Esportivos Escolares”, sobre o esporte na escola e no clube deveriam corresponder às motivações, necessidades das crianças e dos jovens em relação à cultura motora, o que estimularia diferentes práticas formativas, lúdicas (SCAGLIA, 2003) e desportivas, sem perder de vista que o esporte não é somente para os mais dotados, antes de tudo constitui um elemento fundamental na formação pessoal e social dos mais jovens. Coelho e Silva e Garcia da Silva (2003) argumentam que o treino na escola ou no clube não prejudica a formação do jovem atleta, pelo contrário, estimula valores em crise no sistema educativo como: autodisciplina, assiduidade, pontualidade, auto-superação e competitividade com regras. Os autores identificaram em Portugal, na ilha do Fail, que o clube esportivo é a principal estrutura de participação social, bem a frente da catequese, música, teatro, folclore, escoteiros, tendo se estimado em 55% os adolescentes que praticam ou já praticaram algum esporte organizado.

Segundo Freire (2006), o papel que caberia a escola, ou ao esporte, na superação de desafios e barreiras referentes ao processo de adesão ao esporte, dá se, sobretudo na contribuição dos valores positivos como respeito, amizade, superação e excelência.

Além de ensinar futebol a todos e ensinar bem, a tarefa educacional supõe preparar sempre para algo mais que a atividade específica da escola. Quem

aprende futebol pode desenvolver um acervo de habilidades em muitos outros esportes. Além disso, poderá estar aprendendo a conviver em grupos, a construir regras, a discutir e até a discordar dessas regras, a mudá-las, com rica contribuição para seu desenvolvimento moral e social. (FREIRE, 2006, p. 09).

Conforme Brandão (1994), a educação não se limita a certo lugar, ou instituição. O autor assegura que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escolar, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação. (BRANDÃO, 1994, p. 07).

Em paralelo a afirmação acima Damo (2005) argumenta que:

A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes aos domínios das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais. Educativo tenderia a ser antes de tudo um juízo associado ao ponto de vista dos atores sociais e, portanto, relacionado ao significado da ação – da prática do futebol, por exemplo. (DAMO, 2005, p. 25).

Nesta dissertação designamos os pais, professores, alunos e diretores, do clube e da escola, de atores sociais, pois fazem parte da iniciação esportiva desses cenários e podem determinar como funciona tais ambientes esportivos. Mesquita (2005, p. 23), ao desenvolver na sua tese de doutorado a educação por meio do esporte, afirma que: “[...] na atualidade a relevância dos valores educacionais está constantemente em evidência nas diversas culturas e têm despertado o interesse de vários dos segmentos da sociedade [...]”. Desta forma autores, como alguns discutidos acima, legitimam a tendência educativa incorporada nas práticas esportivas (BRANDÃO, 1994; SCAGLIA, 2003; DAMO, 2005; FREIRE, 2006; RUBIO, 2007) e nesse estudo poderemos evidenciar, na formação de atletas de futsal.

De um modo geral, ao pensarmos na adesão e aderência em programas esportivos, esperamos que o esporte escolar atenda as características dos alunos, sendo papel da instituição como um todo, pensar sempre em novos programas¹, os

¹No site do Ministério do Esporte: www.esporte.gov.br, encontram-se alguns projetos: Projetos Esportivos Sociais, Segundo Tempo, que possuem como um de seus objetivos, desenvolver os valores do esporte nos jovens alunos que aderem à esses programas.

quais estimulem valores e contemplem generosidade, respeito a regras e ao próximo. Conforme Busso (2009), as ações esportivas discentes, de interação na escola e extraescola revelam que há acordos e saberes estabelecidos no início, meio e encerramento de cada jogo.

Os valores que privilegiam o coletivo são imprescindíveis para a formação do humano o que pressupõem compromisso com a solidariedade e o respeito, a compreensão de que o jogo se faz a dois, e de que é diferente jogar com o companheiro e jogar contra o adversário. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 71)

Antes de iniciar o jogo, tem de haver certa sociabilidade e preocupação com o próximo, no sentido de formação de grupos, pois a escolha de equipes – na escola, ou fora dela – muitas vezes acontece por grupos de interesses sustentado na amizade, num universo relacional em que a interação desempenha um papel crítico na concepção e na dinâmica dessa organização social. Deste modo, como o futebol/futsal pode perpassar em diferentes cenários, pois os jovens jogam em casa, na rua, em condomínios, em clubes e na escola com pessoas que consideram como amigas e a escolha dos grupos representa saber também como a pessoa joga, ou se comporta durante os jogos.

Para acrescentar e contribuir ainda mais com a discussão dos valores do esporte, tanto o escolar quanto o clubístico, podemos nos deter aos conceitos do Olimpismo, que busca a simbiose entre o esporte, a cultura e a educação. Para Gomes (2004), o Olimpismo não é sinônimo de Jogos Olímpicos nem tão pouco de Olimpíada, ou esporte de rendimento. É uma forma de vida baseada na alegria do esforço, no ensino de valores relacionados ao bom exemplo e no respeito pelos princípios éticos universais, uma filosofia de vida proposta por Pierre de Coubertin no final do século XIX e início do XX. Coubertin ao instituir os Jogos Olímpicos Modernos em 1896, procurou reviver os Jogos da Antiguidade Clássica com a perspectiva de busca da paz entre os povos, entendendo o esporte romanticamente como celebração da compreensão mútua e da paz universal. Portela (1999) complementa sobre o Olimpismo:

[...] é um conjunto de valores universais, que servem como linha diretriz para a formação dos princípios e comportamentos dos atletas. Nestes termos a moral do esporte, conhecida como Fair Play e incorporada pelo Olimpismo, também possui alguns valores que norteiam a construção do

seu código, dentre as quais a racionalidade, igualdade, liberdade ou entendimento mútuo e a justiça. (PORTELA, 1999, p.35).

Assim podemos dizer que o conceito de *Fair Play* está associado à adesão voluntária às regras da competição e aos princípios de justiça envolvidos, resultando na obtenção da vitória pela pelo esforço e perseverança. Por esse caráter, o *Fair Play* é considerado elemento essencial do potencial educativo dos Jogos Olímpicos (TAVARES, 1999). Ainda assim, como aponta Gebauer (1990), no esporte a ação prática é o que realmente mais conta, sendo importante impulsionar estudos nas questões morais para o entendimento dos conceitos do *Fair Play*, ou Olimpismo, na qual muitas vezes são amparados somente por situações empíricas, tendo em vista os processos multifacetados da adesão aos valores sociais.

Para enriquecer a discussão, optamos também em apresentar posteriormente as características das instituições envolvidas neste estudo, pois avaliamos que fazem parte do contexto atual da modalidade e auxiliam na caracterização do esporte. Dessa forma esta pesquisa também propõe-se a buscar compreender os objetivos, valores educacionais dessas instituições, bem como a perspectiva nesse esporte, de professores, pais, diretores e alunos e com isso levantar fatores no clube e na escola relacionados com a adesão, aderência e o abandono no futsal.

2.4 CONCEITOS DE NORBERT ELIAS

Trataremos de alguns conceitos de Norbert Elias, sociólogo do século XX que possui inserções em várias áreas, como por exemplo, filosofia, psicologia e política. Ao abordar as diferenças e as relações de poder deu uma contribuição fundamental na moderna sociologia.

Os conceitos do autor foram ferramentas importantes para discussão nos estudos sobre adesão, aderência e abandono na iniciação ao futsal e, apresentados como se estivessem num mesmo plano de importância para esta dissertação, já que pensamos que contribuem para o entendermos o contexto pesquisado. Conjuntamente com os dados obtidos, os conceitos foram um suporte teórico para, na medida do possível, fazermos analogias das ideias do autor com os resultados encontrados. Portanto, como abordagem sociológica, discutiremos neste tópico e

também durante os estudos, os conceitos de configuração, rede de interdependência, potencial de poder e *habitus* de Norbert Elias.

Sobre configuração e rede de interdependência, Elias aponta que:

A imagem do homem como "personalidade fechada" é substituída aqui pela de "personalidade aberta", que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexos do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. Este o motivo por que, conforme afirmado antes, não é particularmente frutífero conceber os homens a imagem do homem individual. Muito mais apropriado será conjecturar a imagem de numerosas pessoas interdependentes formando configurações (isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes) entre si. (ELIAS, 1994, pág. 249).

O autor deixa o conceito de configuração ainda mais simples, ao exemplificá-lo através de uma relação com as danças de salão.

A imagem de configurações móveis de pessoas interdependentes na pista de dança talvez torne mais fácil imaginar Estados, cidades, famílias, e também sistemas capitalistas, comunistas e feudais como configurações. Usando esse conceito, podemos eliminar as antíteses, chegando finalmente a valores e ideais diferentes, implicados hoje no uso das palavras "indivíduo" e "sociedade". Certamente podemos falar na dança em termos gerais, mas ninguém a imaginara como uma estrutura fora do indivíduo ou como uma mera abstração. As mesmas configurações podem certamente ser dançadas por diferentes pessoas, mas, sem uma pluralidade de indivíduos reciprocamente orientados e dependentes, não há dança. (ELIAS, 1994, pág. 250).

“Configurações como a universidade, a cidade, o sistema e inúmeras outras, podem ser substituídas por família, escolas, indústria ou estado” (ELIAS, 2008, p.14). As instituições clube e escola e seus atores sociais: pais ou responsáveis, diretores, alunos e professores, pesquisados neste estudo, podemos dizer que formam uma configuração, com mudanças em suas relações e dentro do esporte fazem parte do processo de iniciação esportiva, o que ajuda a caracterizar o esporte moderno.

No livro “A busca da excitação” (1992), Norbert Elias e um de seus principais colaboradores, Eric Dunning, analisam através do esporte, uma sociologia atenta às configurações e ao processo de civilização. Conforme apontam Elias e Dunning

(1992), devido a grande expansão da prática esportiva, percebeu-se a necessidade de regulamentação e uniformização do jogo, nascendo assim às instituições federativas esportivas, as quais organizam competições em diferentes âmbitos e na qual se enquadra o presente estudo na modalidade de futsal, já que na escola os alunos participam internamente de festivais esportivos e os alunos do clube jogam competições formais organizadas por uma federação desse esporte.

As configurações constituem, no estudo dos desportos, o fulcro da investigação. O desporto — qualquer que seja — é uma atividade de grupo organizada, centrada no confronto de pelo menos duas partes. Exige certo tipo específico de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que regulam os limites de exercício da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem o grau e o modo da força física que pode ser aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar das provas. Mas todos os tipos de desportos tem funções específicas para os participantes, para os espectadores ou para os respectivos países em geral. Quando a forma de um desporto fracassa na execução adequada destas funções, as regras podem ser modificadas. (ELIAS; DUNNING, 1992, p.230).

Elias e Dunning (1992) relacionam o esporte a aspectos sociais como na formação de grupos específicos, nos valores do respeito a regras e normas. O esporte possui regras que são rigidamente seguidas pelos discentes, ou atletas, mas ao mesmo tempo a regra permite nos envolvidos (jogadores, expectadores) a liberação das emoções e até mesmo um certo nível de violência.

Os autores destacam alguns fatores importantes no processo de civilização:

[...] a elaboração e o refinamento das condutas e dos padrões sociais; um aumento concomitante da pressão social sobre as pessoas para exercerem o autocontrole na sexualidade, agressão, emoções de um modo geral e, cada vez mais, na área das relações sociais; e, a nível da personalidade, um aumento da importância da consciência («super- ego») como reguladora do comportamento. (ELIAS; DUNNING, 1992, p.30).

Assim, pressões, formas de controle externo e interno resultam muitas vezes na monotonia das emoções e isso não é restrito somente do campo do trabalho, mas existem nas demais esferas da vida. Os autores preocupam-se no gerenciamento das emoções, propõem o controle das emoções e, com as relações de interdependência entre os sujeitos que fazem parte de uma configuração esportiva. Há menção em que desde já, podemos traçar paralelo ao esporte, no fato de haver relações sociais esportivas, baseadas na questão do ego, ou da personalidade de atletas.

Essas relações muitas vezes podem desencadear, entre os agentes, disputas pelo poder dentro da configuração e sobre isso Elias (2008) incrementa: “Constitui um elemento integral de todas as relações humanas [...] é a situação básica que encontramos sempre que os indivíduos entram ou se encontram em relação uns com os outros [...]” (ELIAS, 2008, p. 80).

O autor esclarece que pode existir um equilíbrio na relação de poder entre as pessoas, já que “[...] o poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não [...]” (ELIAS, 2008, p. 81). Diante disso, o autor faz comparações da relação de poder entre pai e filho, senhor feudal e escravo:

Desde que nasce, a criança tem poder sobre os pais, e não só os pais sobre a criança. Pelo menos a criança tem poder sobre eles, desde que estes lhe atribuam qualquer tipo de valor. O caso contrário, perde o seu poder. Os pais podem abandonar a criança se ela chorar demasiado. Podem deixá-la morrer de fome e, deliberadamente ou não, causar a sua morte, no caso de esta não desempenhar qualquer função para eles. Igualmente bipolar é o equilíbrio de poder entre um escravo e o seu senhor. O senhor tem poder sobre o escravo, mas o escravo também tem poder sobre o seu senhor, na proporção da função que desempenha para o senhor — é a dependência que o senhor tem relativamente a ele. Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. (ELIAS, 2008, p. 81)

As redes de interdependência, pelas quais os indivíduos acabam se relacionando, pode-se visualizar os jovens atletas iniciando ou permanecendo na prática do futsal escolar ou clubístico sob a influência de alguns sujeitos (pais, professores, dirigentes), dos quais muitas vezes já tiveram contato com o esporte, seja na prática (atletas) ou através do próprio meio social que estão inseridos. Esse ponto nos remete ao conceito de Elias, utilizado nesse trabalho: o *habitus*. Através dele, será possível entender porque as instituições e alguns dos indivíduos pesquisados possuem maneiras, ou costumes internalizados dentro da trajetória esportiva, no caso deste estudo: iniciação ao futsal escolar e clubístico.

Os padrões de comportamento de nossa sociedade, gravados no indivíduo desde a mais tenra infância como uma espécie de segunda natureza e mantidos em estado de alerta por um controle social poderoso e cada vez mais rigorosamente organizado, precisam ser explicados [...]. (ELIAS, 1994, p. 268).

Para o autor, o *habitus* permite compreender que cada indivíduo ou grupo possui uma característica estabelecida, socialmente construída, como se fizesse parte de uma segunda natureza. O indivíduo interage com o seu grupo, seu meio social e cultural, sendo assim é possível entender e explicar a construção do *habitus*, ou comportamento de determinadas sociedades. Complementamos o sentido de *habitus*:

[...] significa basicamente "segunda natureza" ou "saber social incorporado". O conceito não é, de forma alguma, essencialista; de fato, é usado em grande parte para superar os problemas da antiga noção de "caráter nacional" como algo fixo e estático. Assim, Elias afirma que "os destinos de uma nação ao longo dos séculos vêm a ficar sedimentados no *habitus* de seus membros individuais", e daí decorre que o *habitus* muda com o tempo precisamente porque as fortunas e experiências de uma nação (ou de seus agrupamentos constituintes) continuam mudando e acumulando. (ELIAS, 1997, p. 09).

Para Brandão (2000) essa mudança se aplica ao contexto denominado por Elias de psicogênese. São as alterações da estrutura mental individual, e o autor expõe que a teoria dos processos de civilização de Elias, baseia-se em que toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura de personalidade do ser, produz mudanças na estrutura social em que o ser está inserido. Dessa forma, podemos supor, encontrar alterações nas estruturas mentais dos indivíduos pesquisados nesta dissertação.

Elias (1991) ao tratar na obra "Seres Humanos e suas emoções", salienta que as emoções e os movimentos relacionados, são uma das indicações de que os seres humanos são por natureza constituídos para a vida em companhia de outros, para a vida em sociedade com alto grau de interdependência entre os sujeitos. Sendo assim, os estudos desta dissertação, também possuem um grande peso nas relações sociais estabelecidas dentro das configurações pesquisadas e nos atores sociais que delas fazem parte. A participação desses indivíduos e suas relações dentro do processo das instituições, provocam mudanças no comportamento dos mesmos, seja na esfera da vida ou social.

As alterações - individuais e nas relações sociais - encontradas nos indivíduos desse estudo, podem acarretar um efeito especificamente nas temáticas pesquisadas: adesão, aderência e abandono no futsal clubístico e escolar. Assim, de acordo com as ideias de Elias, podemos fazer possíveis paralelos com os dados encontrados nos estudos, como por exemplo, o fato de levar em conta a

necessidade do jovem em procurar emoções, ou no caso, outros esportes que se enquadrem com as características, perfil e gosto do praticante. É possível também afirmar que estudar os atores sociais interligados na iniciação esportiva de jovens, pode vir a contribuir ao entendimento do contexto esportivo, haja vista que é uma rede complexa de múltiplas esferas, ou cenários com negociação entre os discentes, familiares, dirigentes e professores. Sobre a importância de estudar as relações entre os sujeitos, Elias afirma:

Tornam-se necessário não só explorar uma unidade compósita em termos das suas partes componentes, como também explorar o modo como esses componentes individuais se ligam uns com os outros, de modo a formarem uma unidade. (ELIAS, 2008, p. 78).

Questionar e discutir, sob a perspectiva de diferentes sujeitos e cenários, os motivos da adesão, aderência e abandono num esporte culturalmente aceito, com emoção, delimitação de gênero², torna-se muito interessante para o desenvolvimento desse trabalho.



FIGURA 2.2: PAIS PRESENTES NA INICIAÇÃO AO FUTSAL.
FONTE: Arquivos do autor (2011).

A (FIGURA 2.2) apresenta os pais dentro da quadra esportiva, os quais observam seus filhos receberem a premiação de encerramento do futsal escolar. Muitos dos pais, registram o momento, que sem dúvida é de alegria e expectativa

² Apesar do aumento da presença feminina nos campos, o futebol continua a pertencer a um cenário ainda tido como masculino, pois quem joga na escola ou fora pode ser visto como machista, forte. Assim o esporte é um dos principais lugares nas sociedades modernas que se expressa a identidade masculina. (ELIAS; DUNNING, 1992).

para os participantes. Assim, tal figura revela sobretudo, um dos atores sociais que pretendemos investigar nesse estudo: os pais e/ou responsáveis presentes na iniciação ao futsal. Tendo por base as ideias de Norbert Elias, estimamos o pensamento, a visão dos demais atores sociais: professores, alunos e diretores serem fundamentais para o estudo e compreensão da configuração que envolve a iniciação ao futsal nos cenários do clube e da escola, sendo isso, um dos fatores justificativo da importância deste estudo.

3 ADESÃO À PRÁTICA DO FUTSAL NO CLUBE E NA ESCOLA

3.1 INTRODUÇÃO

Coelho e Silva; Malina, Robert (2006), verificaram que, de acordo com os pressupostos dos modelos de adesão à atividade física, o sujeito antes de assumir a participação em atividades desportivas organizadas passa por algumas etapas: a) sujeito considera as possibilidades e vantagens de adesão ao esporte; b) sujeito recolhe informações (valores, horários, data de início da atividade) sobre o esporte; e c) realização da atividade.

A Federação Paranaense de Futebol de Salão (FPFS), organiza competições estaduais formais a partir da Categoria sub-07. Podemos dizer que são consideradas “formais”, pois existe a presença de regras, árbitros, torcida (FIGURA 2.1) e dessa maneira muito similar a forma adulta de jogar, logicamente com algumas diferenças, como por exemplo, tempo de jogo e tamanho da bola. Os campeonatos das categorias menores, sub-09 a sub-15, possuem uma particularidade na forma de disputa, são formados por equipes de escolas e clubes, divididas em dois grupos: no grupo da “chave ouro”, estão as melhores equipes e o grupo da “chave prata” é formado com equipes consideradas mais fracas, geralmente com jogadores inexperientes no futsal (FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTSAL, 2012). Portanto, percebemos que as crianças com sete anos de idade já aderem na modalidade tanto nos clubes, quanto nas escolas.

Busso (2009) estuda o futebol dentro e fora da escola, afirma que o conceito de atleta brasileiro bem-sucedido no futebol, adentra a Escola, “seduzindo” alunos à escolha desta carreira profissional, e isso faz com que haja uma confusão entre educação e esporte, pois o fim escolar torna-se problemático mediante o jogo de futebol, como por exemplo, existe até mesmo “negociação” para que nas aulas de educação física, sempre aconteça o futebol, que na verdade no Brasil este esporte profissional se dá no contexto extraescolar. Para Brandão (1994), as pessoas aprendem fora e dentro da escola, em diferentes universos socioculturais, é uma troca e, portanto, nesse contexto, os alunos aprendem tanto no futsal escolar como também no clube.

O menino que nasce na cultura brasileira, possui o futebol como algo irrenunciável, logo ganha apoio dos familiares, ou seja, o futebol passa a ser um projeto familiar, com a expectativa de algum integrante dessa família alcançar sucesso e conforto aos familiares (RIAL, 2006; CAVICHIOLLI *et al.*, 2011). Damo (2005), na sua tese de doutorado, faz um retrato etnográfico da formação do atleta de futebol direcionado ao mercado e à matriz espetacularizada. O autor revela que o processo para esse fim é geralmente realizado à margem de instituições clubísticas ligadas a federações esportivas. Neste caso trata-se de converter crianças/jovens talentos em profissionais capazes de exibir suas performances a um público peculiar, engajado em agremiações esportivas.

Santana (1996) questiona o fato das crianças que aderem aos campeonatos formais de futsal, os quais segundo o autor, são considerados importantes no meio principalmente na relação com os torneios adultos e sugere algumas indagações sobre a iniciação esportiva, por exemplo: será que a grande parte dessas crianças, ou jovens talentosos, os quais disputam competições formais, realmente estão interessados no valor simbólico existente na conquista de títulos federativos. Ou o desejo dos jovens praticantes de futsal de diferentes contextos, não seria o simples fato de jogar futsal/futebol (SCAGLIA, 2003) e divertirem-se com o esporte, ou com seus colegas.

Uma vez percebido o eco desse interesse em outros trabalhos que remetem ao objeto desse estudo, antecipamos a relevância que esta pesquisa poderá assumir ao tornar-se uma fonte diferenciada de entendimento do futsal/futebol em clube e escola.

3.2 OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi investigar como se dá a adesão na iniciação ao futsal escolar e clubístico.

3.2.1 Objetivos Específicos

- Analisar a perspectiva dos atores sociais envolvidos no processo de iniciação do clube e da escola quanto aos motivos de início ao futsal;

- Mostrar os objetivos das instituições com o futsal praticado;
- Relacionar alguns dados encontrados com os conceitos sociológicos;
- Comparar a adesão no futsal do clube com a adesão no futsal da escola.

3.2.2 Hipóteses

Podemos supor que são possíveis hipóteses que podemos encontrar e testar neste estudo sobre adesão ao futsal escolar e clubístico:

1ª hipótese (H1) - Os valores da escola e do clube serem divergentes;

2ª hipótese (H2) - Os responsáveis (pais, mães, família em geral), pelos alunos são os principais agentes que ditam a adesão no processo de iniciação ao futsal escolar e clubístico;

3ª hipótese (H3) - A adesão no futsal tanto no clube quanto na escola está associada com os seguintes aspectos: proximidade/distância de moradia, aproveitamento da logística de deslocamento do aluno, gastos com transporte.

3.3 METODOLOGIA

3.3.1 Descrição dos cenários e sujeitos dos estudos

Os estudos foram realizados na cidade de Curitiba. Com base nos últimos censos, a população residente é de 1.764.540 habitantes, sendo considerada uma das cidades mais influentes no cenário brasileiro.

A pesquisa aconteceu em dois cenários: numa escolinha de futsal de um colégio da rede particular de ensino (atividade extracurricular) e num clube com orientação profissional, e tradicional de Estado do Paraná.

O colégio está localizado na região central de Curitiba, onde a modalidade está culturalmente presente e aceita. Quanto ao clube pesquisado, o mesmo é reconhecido por formar grandes jogadores para o futebol nacional. O acesso aos locais da pesquisa foi possível devido à função profissional do pesquisador, já que ministrou aulas na escola formal e possui companheiros de profissão que atuam no clube esportivo.

Nas duas instituições pesquisadas há envolvimento de aproximadamente 40 alunos na modalidade de futsal, categoria sub-13. As aulas de futsal na categoria sub-13 (alunos entre 11 e 13 anos), foram analisadas no clube e na escola em 2012 e as atividades de futsal aconteceram duas vezes por semana nessas instituições.

O futsal escolar foi analisado neste trabalho na atividade extracurricular, que é aquela oferecida pela escola através das Práticas Esportivas Extracurriculares (PEE) e entendemos que no decorrer dos estudos, poderemos utilizar “futsal escolar” para o leitor entender que o estudo refere-se à escola. Tais atividades na escola, possuem orientação de um profissional qualificado, e este possui auxílio de um professor estagiário e do seu coordenador esportivo.

O extracurricular de futsal pesquisado aconteceu no contraturno escolar das 18h às 18h50 e esses alunos não participavam de competições, somente de festivais esportivos. Na escola – rede particular – reconhecida por excelente qualidade de ensino, os pais e/ou responsáveis, precisam pagar matrícula/mensalidade para que seus filhos estudem nesse colégio: aulas curriculares. As PEE são oferecidas aos alunos que estudam nesse colégio, mas também para participar delas, o pai e/ou responsável deve efetuar matrícula e pagar uma mensalidade para que seu filho participe, nesse caso, do futsal.

Já a categoria sub-13 do clube pesquisado, divide-se em duas equipes: uma equipe formada por aqueles que jogam somente na “escolinha do clube” e outra equipe formada por atletas que compõem a equipe “principal do clube”.

Assim, investigamos os sujeitos que fazem parte dessa última equipe: a principal do clube, com treinamentos realizados no período da tarde – 15h30 às 17h30 – sendo que os alunos pesquisados da equipe principal, participaram de campeonatos oficiais organizados pela Federação Paranaense de Futsal na categoria mencionada acima e não pagam taxa de mensalidade, uniforme, nem precisam ser sócios do clube para participar dessa equipe, somente precisam se preocuparem, juntamente com seus responsáveis, com a questão de deslocamento ao local de treinos e jogos. Pois o clube não oferece transporte para treinos e locais de jogos.

Para esclarecimento, os alunos da mesma faixa etária pesquisada – sub-13 – que participam/treinam somente nas escolinhas, esses sim, pagam taxa de mensalidade, uniforme, sendo que esses grupos são formados por associados do

clube, que de certa forma almejam fazer parte da equipe principal do clube, que disputa competições federadas.

Assim, ao elaborarmos este estudo, com esta diferença nos cenários esportivos acreditamos ser possível diagnosticar e analisar como se dá à iniciação no futsal no espaço de tais instituições, podendo com isso, por exemplo, discutir os valores que cercam os agentes envolvidos nesses dois ambientes.

3.3.2 Tipo de pesquisa

Este estudo de caso, tem caráter exploratório permite ao pesquisador aumentar sua experiência em torno de determinado problema e tema, além de aprofundar seu estudo nos limites de uma determinada realidade, para assim, explorar e melhor conhecer o objeto de estudo.

Contudo, para que as observações *in loco* da investigação sejam devidamente conduzidas faz-se necessário articular com uma revisão da literatura com vista a possibilitar o emprego adequado do método de estudo (TRIVIÑOS, 1987). É uma pesquisa qualitativa, com característica multimetodológica e para desenvolver os estudos (Adesão, Aderência e Abandono) no clube e na escola, foram utilizados os instrumentos: entrevistas, questionários, observações e análise de documentos.

Marconi e Lakatos (2005), afirmam que a pesquisa qualitativa deve ser usada quando se tem como objetivo a geração ou construção de qualidades. Este tipo de pesquisa se traduz capaz de recuperar ideias, valores, opiniões locadas na mente humana.

Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim os resultados são expressos, por exemplos em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário, como fotografia etc., acompanhados de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas etc. (Triviños, 1987, p. 128).

Triviños (1987) refere que o processo de pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques, prestando se assim ao desafio de captar a realidade complexa e dinâmica do seu objeto de estudo, em sua realização histórica.

3.3.3 Critérios para seleção dos participantes.

- Entrevistas:

Os participantes foram selecionados de forma intencional para responderem as entrevistas. Também é importante esclarecer que os mesmos sujeitos utilizados para tratar da Adesão no clube e na escola serão usados para o estudo sobre Aderência no futsal do clube e da escola. Os sujeitos utilizados para o estudo do Abandono serão detalhados no capítulo 5, referente à temática do Abandono. Segundo Marconi e Lakatos (2005), o pesquisador está interessado na opinião, ação de determinados elementos da população.

Para os estudos da Adesão e Aderência no futsal do clube e da escola utilizamos os sujeitos envolvidos na categoria sub-13: alunos, pais e/ou responsáveis dos alunos, diretores, professores.

Total de sujeitos: Adesão e Aderência – Clube e Escola.

- No clube (categoria sub-13), foram 04 alunos e na escola foram 03 alunos investigados.

- No clube são 03 pais e/ou responsáveis investigados, pois um dos sujeitos é responsável por dois alunos entrevistados; e 03 pais dos alunos investigados na escola. Cabe esclarecer, que nos estudos, geralmente usamos a palavra “pai” ou a palavra “responsáveis” para nos referir a esses sujeitos,

- O número de professores/técnicos entrevistados foram de 02, sendo um do clube e um da escola na categoria sub-13 e 02 diretores esportivos, sendo um do clube e um da escola.

Totalizando assim: 17 sujeitos.

Seleção dos alunos participantes das entrevistas: Adesão, Aderência – Clube e Escola:

- 04 alunos que por mais tempo participam do futsal no clube e 03 da escola na categoria sub-13 e que estejam dispostos em contribuir com a pesquisa (o clube e a escola forneceram os registros de inscrições dos alunos).

Critérios para seleção dos pais e ou responsáveis pelos alunos:

Os pais e/ou responsáveis dos alunos escolhidos foram entrevistados. Escolhemos a princípio estudar 16 sujeitos, mas aconteceu que um sujeito é responsável por dois atletas do clube, e pela facilidade de acesso optamos em entrevistar esses dois alunos do clube, totalizando 17 sujeitos (QUADRO 3.1 e 3.2).

A escolha de entrevistarmos 17 sujeitos para tratarmos da Adesão e Aderência no esporte é devido ao fato de que explorando em profundidade como as pessoas pensam e vivenciam determinados fenômenos, estaremos atendo às diferentes possibilidades de se ver o fenômeno e isso pode contribuir para gerar categorias, as quais podem ser úteis para este estudo (TRIVIÑOS, 1987).

ESTUDOS	CLUBE		ESCOLA		TOTAL
	Pais	Alunos	Pais	Alunos	
Adesão / Aderência	3	4	3	3	13
Abandono	3	3	3	3	12
Total / sujeitos					25

QUADRO 3.1: SELEÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE PAIS E ALUNOS PARA ENTREVISTAS.

FONTE: O autor (2012).

ESTUDOS	CLUBE		ESCOLA		TOTAL
	Diretor	Professor	Diretor	Professor	
Adesão / Aderência e Abandono	1	1	1	1	4

QUADRO 3.2: SELEÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS DIRETORES E PROFESSORES PARA ENTREVISTAS.

FONTE: O autor (2012).

- Questionários

No decorrer da pesquisa, observamos que os sujeitos da escola eram de fácil acesso e aplicamos questionários aos mesmos. Portanto para discutirmos somente a Adesão no futsal da escola optamos para participarem do estudo os 26 alunos participantes em 2012 e dessa forma conseguimos 26 pais e/ou responsáveis (QUADRO 3.3).

Desde já, aproveitamos para esclarecer que na temática do abandono, participaram do estudo 20 pais e 20 alunos (QUADRO 3.3).

ESTUDOS	ESCOLA		TOTAL
	Alunos	Pais	
Adesão	26	26	52
Abandono	20	20	40
Total / sujeitos			92

QUADRO 3.3: SELEÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE PAIS E ALUNOS PARA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.

FONTE: O autor (2012).

Aspectos éticos para entrevista e questionário:

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICES 1 e 2). As entrevistas, análise de documentos e observações foram aprovadas pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, (CEP/SD CAAE: 01510312.3.0000.0102) (ANEXO 1).

A utilização de questionário foi aprovada no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade São Francisco – SP, com número de parecer 76302 (CEP/SD CAAE: 03425012.5.0000.5514) (ANEXO 2). Conforme já mencionado acima, a ideia de aplicarmos o questionário surgiu no decorrer das observações na escola e pela facilidade de contato com os participantes. Utilizamos o Comitê de Ética em Pesquisa da USF para aprovação na aplicação do questionário, pois acreditamos que a autorização para pesquisa fosse aprovada rapidamente e de fato, foi isso o que aconteceu.

3.3.4 Técnica para coleta de dados

Optamos pela observação, que segundo (Lakatos; Marconi, 2005), significa aplicar atentamente os sentidos a um objeto e adquirir assim um conhecimento claro e preciso. A observação tem como uma de suas maiores vantagens relacionada com a possibilidade de se obter a informação na ocorrência espontânea do fato. O ato de observar é frequentemente utilizado para melhor conhecer as pessoas, os

acontecimentos e as situações que se estabelecem no local da pesquisa. Com base em Richardson *et al.* (2010), há aspectos do comportamento humano que não poderiam ser estudados satisfatoriamente de outra forma, já que a observação é o meio mais direto de estudar uma ampla variedade de fenômenos e muito utilizada por várias disciplinas científicas.

Conjuntamente temos como outro instrumento de pesquisa, a análise de documentos das instituições envolvidas, pois conforme Gil (1995, p. 73), “a pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.” Ainda com base no autor, as fontes de papel muitas vezes são capazes de proporcionar ao pesquisador dados ricos para evitar a perda de tempo com levantamentos de campo, sem contar que em muitos casos só é possível a investigação social a partir de documentos.

Também optamos pela entrevista, em função desta ser uma técnica que propicia “uma coleta de materiais profunda e rica em detalhes” (Lakatos; Marconi, 2005, p. 115).

Dentre as modalidades de entrevistas optamos pela semiestruturada, que segundo Triviños (1987), oferece um amplo campo de interrogações, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes. Valoriza a presença do investigador e oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

Pela facilidade de acesso e contato, aplicamos questionários com perguntas abertas e fechadas, somente com os participantes (pais e alunos) do futsal da escolar. Conforme Gil (2009, p. 116), “a elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos, sendo também possível a criação do questionário com base na experiência dos pesquisadores”.

Nos tópicos a seguir, detalhamos as técnicas utilizadas:

A Observação:

Para a forma de análise e a fim de melhor cumprir os objetivos da pesquisa utilizamos a observação através da sistematização, planejamento e controle da

atividade. Nesse sentido buscamos nas observações acontecimentos específicos e relacionados com o problema, hipóteses, objetivos e também verificar se as categorias de análise (ver item 3.3.5) estão realmente presentes no dia a dia dos cenários esportivos.

Foram aproximadamente seis meses de observação de treinos e jogos nas instituições pesquisadas, com idas a campo semanalmente nesse período. Foi possível observamos os cenários no mesmo período, pois o futsal do clube é realizado no período da tarde, às 15h30 e o extracurricular a partir das 18h. As principais informações, relacionadas com as temáticas deste estudo, foram anotadas no que chamamos de “Diário de campo”. No decorrer dos estudos apresentamos as observações e a data em que foi relatada no Diário de campo.

Utilizamos neste estudo a letra P como legenda para identificar o pai e números para separarmos os sujeitos, ou seja, “P7”, significa que é o sétimo pai que forneceu informações para o estudo. Os alunos foram identificados com a letra A.

A observação participante foi utilizada nesta pesquisa e com base em Gil (1995), na observação participante, é preciso atentar para o aspecto ético, o conjunto das regras e para o perfil íntimo das relações sociais, ao lado das tradições, e costumes, e os sentimentos dos grupos na compreensão da totalidade de sua vida, verbalizados por eles próprios, mediante suas categorias de pensamento.

Também é necessário observar como essas regras e normas são obedecidas ou transgredidas e como ocorrem os sentimentos de amizade, antipatia ou simpatia que permeiam os membros dos grupos da escola e do clube, aproximando o expectador da realidade estudada. Conforme Richardson *et al.* (2010), o observador participante tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária do ambiente, do que o observador não participante.

A grande vantagem da observação participante diz respeito à sua própria natureza, isto é, ao fato de o pesquisador tornar-se membro do grupo sob observação. Isto significa que as atividades do grupo serão desempenhadas naturalmente porque seus membros não apresentarão inibições diante do observador, nem tentarão influenciá-los com procedimentos que fujam ao seu comportamento normal, já que deve apresentar um nível elevado de integração grupal pelo fato de os membros esquecerem ou ignorarem que há um “estranho” entre eles. (RICHARDSON, *et al.* 2010, p. 262).

Seguindo com as ideias do autor e seus colaboradores, foi levado em consideração para o sucesso deste estudo que o investigador não deve esquecer o seu principal objetivo naquela situação, ou seja, perder contato com a finalidade da sua pesquisa, como por exemplo, registrar fatos carregados de afetividade. Com a intenção de preparar para a pesquisa foram propostas algumas etapas para o processo de observação:

Primeira Etapa - aproximação aos grupos de pesquisa, com a intenção de amenizar a desconfiança, ou seja, sermos aceitos nos locais.

Segunda Etapa - visão do todo através de análise de alguns documentos e observação da vida cotidiana, dos objetivos do projeto, com duração em torno de seis meses nas instituições da pesquisa. Os dados das observações foram registrados imediatamente, para que as informações não se percam. Após as coletas dos dados.

Terceira Etapa - sistematizar e organizar os dados para análise dos mesmos.

A observação de campo foi realizada na metade do primeiro semestre e terminou na metade do segundo semestre de 2012, nos locais dos treinos, jogos, arquibancadas e lanchonetes, e outros espaços de convívio dos agentes pesquisados.

A entrevista:

Para a coleta das informações realizamos quatro passos básicos:

1º passo: diálogo com o entrevistado com o objetivo de informá-lo sobre os razões da pesquisa e a importância das entrevistas.

2º passo: foi o envio de carta com os respectivos nomes do pesquisador e do orientador, formalizando a solicitação da entrevista, com auxílio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 1) aprovado pelo Comitê de Ética da UFPR (ANEXO 1).

3º passo: foi definido o local do encontro (sala), entrevistas foram gravadas em áudio por equipamento especializado da marca Powerpack – DVR 576/1076, e algumas entrevistas também gravadas em vídeo pelo equipamento JVC GZ-E10, assim como, foi conversado com os sujeitos sobre os aspectos éticos de confidencialidade e anonimato.

Por fim, o 4º passo: as entrevistas eram transcritas *verbatim* e confirmadas novamente através do gravador, antes de partir para outra entrevista.

Nesta dissertação não foi usado todo o material transcrito das entrevistas, somente aquele que consideramos relevantes para os estudos. O tempo de cada entrevista foi de aproximadamente 30 minutos para os sujeitos: pais e/ou responsáveis, professores e dirigentes. Para cada aluno entrevistado o tempo aproximando de cada entrevista foi de 20 minutos.

Nos resultados dos estudos (Adesão, Aderência, Abandono), usaremos nomes fictícios, e as falas foram detalhadas por siglas. Exemplo: A: aluno; E: escola; C: clube; T: técnico; PR: professor; D: dirigente, P: pai e/ou responsável. Utilizamos números para mostrar qual foi a ordem do entrevistado. Assim, “P3”, significa que é o terceiro pai que forneceu informações para o estudo. Os alunos foram identificados com a letra A. Outro exemplo: “DE” significa que o *diretor da escola* forneceu relatos para o estudo.

As entrevistas pessoais estiveram sempre disponíveis para os entrevistados, caso queiram alterar alguma fala, bem como acrescentar informações esquecidas anteriormente.

Logo, as fases metodológicas passaram sistematicamente pelas seguintes etapas: a) análise e discussão bibliográfica; b) elaboração da entrevista e questionários; c) seleção dos sujeitos e realização das entrevistas e questionários concomitante a visita a campo; d) tratamento e análise dos dados; e) elaboração dos estudos; f) resultados, discussões, conclusões; g) conclusões finais.

Os documentos:

Após a explicação dos objetivos da pesquisa foi solicitado às instituições os seguintes documentos: Estatuto Social do Clube e Projeto Político Pedagógico (PPP), Plano de Atividade do colégio. A intenção desses documentos foi identificar a finalidade dessas instituições com relação ao esporte e na medida do possível relacionar com os dados encontrados, mas somente nos estudos da “Adesão e Aderência”. É nítido que os documentos que foram analisados se enquadram melhor nos estudos de adesão e aderência, portanto não foram utilizados no estudo sobre Abandono (Ver capítulo 5) no futsal.

Com base em Richardson *et al.* (2010), documentos constituem uma fonte, quase inesgotável para pesquisa social, que expressa de maneira dispersa e

fragmentária como se produzem as manifestações da vida social em seu conjunto e em cada um dos seus setores, elaboradas a partir desses documentos.

Tais documentos foram apoios importantes para esclarecer os propósitos educacionais e ou esportivos das instituições que fazem parte da pesquisa. Serão importantes para discutirmos a formação do jovem participante com base nos objetivos do clube e da escola com relação ao esporte.

Questionários para Adesão e Abandono no futsal escolar:

Aplicou-se um questionário aprovado pelo Comitê de Ética da USF (ANEXO 2) aos pais e alunos para tratarmos da Adesão e Abandono do futsal escolar com perguntas fechadas e somente uma aberta para o questionário da Adesão “Se caso seu filho vier a abandonar o futsal, por qual motivo seria?”. Os alunos e pais foram selecionados respeitando as considerações éticas (APÊNDICE 2).

Os questionários foram elaborados a partir do estudo sobre os motivos da participação e abandono em esportes de jovens esportistas escolares portugueses (MATOS; CRUZ, 1997), na qual adaptamos os itens utilizados pelos autores para a realidade desta pesquisa e criamos categorias para análise da adesão e do abandono do esporte, a saber: fatores pessoais, ambiente e clima de grupo, organização da prática desportiva, família, formação e supervisão da atividade, projeto educacional e esportivo, tempo e logística, outros interesses e saúde. Essas categorias foram utilizadas para elaboração dos questionários e foram criadas em média três perguntas para cada categoria.

A categoria saúde foi a única utilizada somente para o questionário dos pais, porque em pré-testes os alunos não apresentaram respostas que permitissem comentários posteriores. A categoria outros interesses, foi utilizada somente para elaboramos os questionários sobre o abandono no futsal, conforme mostraremos nos resultados do capítulo 5, que trata desta temática.

Essas categorias foram utilizadas como base para agrupamento dos itens presentes nos questionários, sendo que os itens aplicados aos alunos não necessariamente são iguais aos itens respondidos pelos pais, assim, adaptamos alguns itens com a intenção de facilitar o entendimento dos sujeitos e nos resultados procuramos destacar as categorias de acordo com os dados encontrados.

3.3.5 Técnica de Interpretação dos dados

Entrevistas, análise de documentos, questionários e observações:

Para facilitar o tratamento dos dados, os itens nas entrevistas, questionários, observações no campo, e os documentos solicitados, foram agrupados, triangulados entre os agentes entrevistados e com base no referencial teórico discutido, conjuntamente com a técnica da análise do conteúdo colocados nas categorias. A técnica de análise foi a “análise do conteúdo”. O pesquisador busca pelo método de análise de conteúdo ultrapassar as incertezas e o enriquecimento da leitura, sem deixar de lado o rigor, a necessidade de descobrir pelo questionamento. (BARDIN, 1995). A autora afirma que o que é dito, escrito pode ser suscetível a análise do conteúdo. Bardin, resume a técnica, o objetivo e funcionamento ao explicar que o termo é:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos por mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conteúdos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (BARDIN, 1995, p. 42).

Assim, os princípios da Análise do Conteúdo estão direcionados para uma interpretação do conteúdo de qualquer mensagem (comunicação) no sentido de realçar os seus significados (BARDIN, 2011).

Há diferentes fases da análise do conteúdo, organizam-se em três polos cronológicos: pré-análise; exploração do material e o tratamento dos resultados.

A pré-análise, fase em que se organiza o material a ser analisado, é um período de intuições, com o objetivo de torná-lo operacional, sistematiza as ideias iniciais, por meio de quatro etapas:

a) leitura flutuante, que é o estabelecimento de contato com o que foi coletado, deixando-se invadir por impressões e orientações;

b) escolha dos documentos, que é a demarcação do que será analisado sobre o problema levantado;

c) formulação das hipóteses e objetivos, trata-se de uma suposição por intuição e que permanece suspenso enquanto não for submetida a prova de dados levantados;

d) referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, por meio de recortes de texto em unidades comparáveis de categorização nos documentos de análise.

Os índices podem ser escolhidos de acordo com as hipóteses; e) a preparação do material, edição das entrevistas na íntegra (inclusive respostas abertas) e separação por recortes (BARDIN, 2011).

A segunda fase, de exploração do material, consiste em operações de codificação, decomposição (referencial de codificação ou categorização), que permite atingir representação do conteúdo, a fim de esclarecer as características do texto, orientado pelos referenciais teóricos e o objetivo da pesquisa. O objetivo da investigação obtida juntos dos participantes é encontrar algo que seja interpretável, com significado para o investigador: as chamadas categorias de análise.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rúbricas, ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registros, no caso da análise do conteúdo) sob um título genérico, agrupamento este efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (Bardin, 1995, p. 117).

A terceira fase é o tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação. Ocorre uma condensação, aparecem os destaques das informações para análise, é o momento para intuição, de análise reflexiva e crítica. Assim, todos os temas que significam tempo e logística são agrupados na categoria tempo e logística, ou seja, o que permite o agrupamento é a parte comum existente entre os elementos, assim há uma organização entre as mensagens. A autora aponta que primeiramente é possível definir categorias de acordo com o referencial teórico e posteriormente podem aparecer novas categorias. O (QUADRO 3.4) demonstra as categorias de análise definidas para este estudo:

CATEGORIAS – adesão	SUB-CATEGORIAS
1. Ambiente e Clima do grupo	Diversão, amigos, grupo, convívio social.
2. Fatores Pessoais	Futura profissão, autoestima, fama, desempenho esportivo.
3. Formação e Supervisão da Atividade	Participação, envolvimento social; imagem do esporte, complemento educativo, valores do esporte. Continua

CATEGORIAS – adesão	SUB-CATEGORIAS	Continuação
4. Família	Familiares ex-atletas, recompensa financeira, futura profissão, valores do esporte.	
5. Projeto Educacional e Esportivo	Organização das instituições, projeção de continuidade; futsal para futebol.	
6. Tempo e Logística	Local de acesso, transporte, horários compatíveis, duração da atividade, residência.	
7. Outros Interesses	Desinteresse por tal esporte, estudo, amigos, migração para outros esportes.	
8. Organização da Prática Esportiva	Professores, modelos de treinos, competições e festivais, vitórias e derrotas.	
9. Saúde	Preocupação com a saúde, orientação médica pela atividade física.	

QUADRO 3.4: CATEGORIAS DE ANÁLISE UTILIZADAS NO ESTUDO.

FONTE: adaptação do estudo realizado por Matos e Cruz (1997).

Após a definição das categorias, criaram-se as entrevistas. Foram criadas, em média, três perguntas para cada categoria. As categorias também foram o foco para observação e análise dos documentos presentes no clube e na escola. As perguntas das entrevistas que foram elaboradas e aplicadas aos responsáveis, diretores, professores e alunos do clube, possuem similaridades as aplicadas na escola, já que são ambientes diferentes e dessa forma não foram iguais. Nos resultados e discussões as categorias foram destacadas de acordo com os dados encontrados.

Questionários:

Na temática: Adesão e Abandono no Futsal Escolar, os dados foram organizados em uma planilha de cálculo Excel do sistema operacional Windows 7 e analisados estatisticamente no software R Development Core Team, (2013) por meio de análise descritiva. Pesquisas descritivas exploram as relações que existem entre as variáveis investigadas sem manipulá-las e sem admissão de tratamentos experimentais (THOMAS; NELSON; SILVERMANN, 2005).

Não houve necessidade de identificação dos questionários, pois os dados foram interpretados com base nas respostas dos participantes (alunos e pais) em relação ao que classificaram ser mais importante e menos importante para a Adesão e o Abandono no Futsal Escolar. Foram realizadas aproximações com os dados encontrados nas entrevistas, observações e análise de documento.

3.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os principais resultados encontrados que tratam da adesão na iniciação ao futsal encontram-se detalhados e discutidos a seguir.

3.4.1 Adesão à prática no futsal do clube.

[...] aqui no clube sabemos que **existem muitos alunos jogando futsal**, toda semana têm aluno que chega pra fazer teste na equipe, mas **somente alguns vão chegar lá** [...] é lógico que eles querem e sonham em ser jogador reconhecido, é o sonho da maioria, por isso que são muitos atletas aqui no futsal e nós temos que acreditar nisso, tentar fazer com que esse sonho se realize, apesar de que esse sonho será somente para poucos deles [risos]. (PC1, grifo nosso).

Abaixo, no (QUADRO 3.5), apresentamos alguns dados fornecidos pela secretaria de esportes do clube, com a intenção de mostrarmos certos detalhes, como a quantidade apreciável de alunos que fazem parte do futsal do clube pesquisado. No momento da coleta, participavam do futsal clubístico 148 participantes, divididos em diferentes categorias (QUADRO 3.5), sendo que 15 alunos faziam parte da equipe sub-13, investigada neste estudo. Podemos afirmar, conforme fragmento do relato acima fornecido por um dos pais entrevistados do clube, que é uma quantidade considerável de alunos praticantes de uma modalidade numa só instituição.

Escolinhas/ Equipes	Equipe Cat. Sub-07	Esc. Cat. Sub-09	Equipe Cat. Sub-09	Esc. Cat. Sub-11	Equipe Cat. Sub-11	Esc. Cat. Sub-13	Equipe Cat. Sub-13	Equipe Cat. Sub-15	Equipe Cat. Sub-17	Cat. Sub 20/ Adulto
Alunos/ atletas	16	18	12	14	14	15	15	14	14	16
Professores	1	1	1	1	1	1	1	1	1	3
Auxílio transp. / financ.	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
Uniformes para treinos/ jogos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Taxa	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
C/H dos treinos/ semana	2h	2h	2h	2h	2h	2h	3h	3h	5h	10h
Período dos treinos	M	M	M	T	T	T	T	T	T	M/T

QUADRO 3.5: INDICATIVOS COM RELAÇÃO À ORGANIZAÇÃO POR CATEGORIAS DO FUTSAL.

FONTE: Dados fornecidos pela secretaria de esportes do clube – agosto/2012.

Legenda: C/H: Carga horária; Esc.: escolinha; Cat.: Categoria.

* Categoria de no máximo 13 anos na qual foi desenvolvido este estudo.

Consideramos o futsal do clube como parte de uma configuração maior e para Elias e Scotson (2000), isso seria um microcosmo. Sobre essa utilização os autores escrevem:

O uso de uma pequena unidade social como foco da investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de unidades sociais, maiores e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com uma **minúcia considerável – microscopicamente** por assim dizer. Pode-se construir um modelo explicativo em pequena escala, da figuração que se acredita ser universal – um modelo pronto para ser testado, ampliado e, se necessário, revisto através da investigação de figurações correlatas em maior escala. (ELIAS, 2000, p. 20, grifo nosso).

Portanto, o que for discutido neste estudo pode vir a se tornar um referencial para outros cenários que desenvolvam a formação de atletas. Importante também é estudar os detalhes e as informações com a intenção de compreensão do contexto analisado. Assim, de acordo com o (QUADRO 3.5) percebemos que o clube possui várias categorias, ou seja, o aluno tem a possibilidade de iniciar no sub-07 e permanecer no clube em categorias maiores.

Verificamos que o clube faz uma cobrança de mensalidade, sobretudo nas escolinhas e sobre isso, o dirigente do clube complementa:

[...] a taxa da mensalidade é uma forma de ajudar nos treinos e jogos, desde uniforme, material esportivo, até pagamento de árbitros em dias de festivais das escolinhas. Cobramos uma mensalidade, principalmente das escolinhas, caso o aluno entre na equipe do clube, a partir do sub-09, essa taxa não é mais cobrada, pois pensamos que ele vai ter que se dedicar mais nos treinos e vai representar o clube em competições importantes [...]. (DC).

Com as observações constatamos que nos treinos da categoria sub-13, eventualmente as atividades são realizadas em diferentes locais dentro do clube, pois se o local onde geralmente acontece o treino desta equipe for usado para jogo de outra categoria, ou festival esportivo, a equipe sub-13 é direcionada para outro espaço esportivo. O relato em seguida do diretor do clube esclarece tal situação:

De segunda a sexta-feira, no período da tarde, geralmente os sócios não utilizam as quadras, assim todas estão livres para o treinamento das equipes e escolinhas. Temos o ginásio principal, onde a prioridade é sempre das equipes, porém os festivais das escolinhas são realizados nesse ginásio e assim, é muito comum nessas semanas de festivais as equipes alternarem os locais de treinos [...] normalmente os professores já sabem que na semana tal, o ginásio será ocupado e assim eles possuem a liberdade de se organizarem e definirem os locais de treinos. **O importante é sempre ter**

treino! [risos], não podemos cancelar o treino por qualquer dificuldade, ainda mais nas escolinhas que os alunos pagam uma pequena mensalidade e contribui muito com o clube [...]. (DC, grifo nosso).

Por meio das observações durante os treinamentos entendemos que é muito bem administrada a questão da mudança de locais dos treinos pelos próprios professores de futsal do clube. Dessa forma verificamos que os alunos já fizeram seus treinos em diferentes espaços: na quadra de areia, society, bem como a sala de musculação. Logo, permite-nos afirmar que neste cenário, os treinos não são cancelados por falta de local para realização dos mesmos.

No (QUADRO 3.6) temos um demonstrativo, principalmente da estrutura utilizada pelas equipes de futsal.

	Ginásio	Quadra de areia	Quadra society	Piscina	Musc.	Coord.	Secr.	Professores	Clínica de Fisiot.
Clube	2	1	1	1	1	1	3	5	1

QUADRO 3.6: DEMONSTRATIVO DA ESTRUTURA DISPONIBILIZADA AOS PARTICIPANTES DO FUTSAL DO CLUBE.

FONTE: Dados fornecidos pela secretaria de esportes do clube – agosto/2012.

Legenda: Coord.: Coordenador; Secr.: Secretários; Fisiot.: Fisioterapia

Os aspectos que envolvem a estrutura do clube, como por exemplo, quadras e professores, parece-nos que são condições apreciadas pelos pais entrevistados, pois correspondem às expectativas para uma iniciação adequada. Essa percepção é retratada nos depoimentos dos pais:

Iniciei meu filho aqui porque esse clube é reconhecido por formar jogador e tem **estrutura** pra isso, o espaço é amplo, sempre tem treino aqui e a gente fica tranquilo de deixar os meninos no clube [...] os professores são bons profissionais, já estão um bom tempo no clube e entendem o que estão fazendo, eles [técnicos] trabalham bastante, **exigem** muito dos meninos [...]. (PC2, grifo nosso).

[...] o horário do treino é sempre o mesmo, dificilmente não temos treino, somente em alguns dias de jogos, isso mostra responsabilidade dos professores, conseqüentemente os alunos nunca faltam [...] por sinal, às vezes quando antecede uma competição, ou um jogo importante, **os treinos aumentam** [...] isso é possível porque tem vários espaços aqui no clube para treinar. (PC3, grifo nosso).

Dessa maneira, a adesão segundo os pais, é facilitada por aspectos como a “estrutura do clube, horário, seqüência e responsabilidade dos alunos e professores

com os treinos” (DC; PC2; PC3), fatores enquadrados na categoria que pré-determinamos de “Organização da Prática Esportiva”.

Ao abordarmos a categoria que designamos de “Família”, averiguamos nos entrevistados questões, sobretudo almejando o futsal se tornar uma futura profissão e com recompensa financeira. Por conseguinte, iniciamos a discussão referente a esta categoria, em que ao inserir o aluno no futsal do clube, fica clara a expectativa do pai em relação a seu filho. Vejamos:

[...] eu falo para os pais: você está colocando seu filho aqui, xingando, passando por tudo isso, por injustiça, porque não é fácil levar o menino, bancar tudo [...] quando perdem eles choram, se estressam, às vezes também poderiam estar fazendo outra coisa. Quando alguns pais falam que é só diversão, arrumam briga comigo, acho que primeiro é sonho do pai, depois entra no sangue deles [alunos]. Dificilmente o menino esta ali [no futsal] pra diversão, é hipocrisia de dizer: não vai ser jogador. Todos os meninos do time, sabemos que não serão jogadores, **mas aqueles que realmente derem certo no futebol podem arrumar a vida da família inteira.** (PC1, grifo nosso).

Nesta fala, cabe-nos ressaltar o desejo que o pai deposita em seu filho para esse se tornar um jogador de futebol e propiciar condições melhores à família, por meio de uma recompensa financeira. Importante desde já, é que com tais fatos encontrados cabe-nos refletir sobre “qual processo de formação de atleta esse participante está inserido”, ou seja como for, “sob condição de que esse jovem não consiga no futuro se tornar um jogador de futebol”, ou ainda, “caso não consiga no futuro, arrumar a vida da família financeiramente”.

Também no fragmento do discurso, mencionado pelo pai entrevistado (PC1), iniciar o aluno no futsal é saber que ele vai passar por situações consideradas complicadas para um jovem vivenciar, pois poderiam desenvolver/aprender outras tarefas, as quais certamente mais prazerosas do que o futsal até então praticado. Para reforça a intenção do futsal se tornar uma profissão, pudemos testemunhar na fala de outro entrevistado.

[...] claro que eu quero que ele se torne jogador, tem nosso apoio para que faça carreira, se alguém pretende ser um jogador de futebol profissional, **além de talento, tem que ter sorte**, é o que eu falo: “talento ele tem, o menino possui condições, senão não estaria aqui no futsal”, porque **não é qualquer um que joga aqui**, e os meninos sabem disso. (PC2, grifo nosso).

Com este depoimento, faz-nos identificar alguns quesitos para iniciar no grupo do futsal clubístico, como, possuir talento, ser considerado bom para tal prática e ainda ter a sorte no meio que o leve a tornar-se um futuro jogador profissional, são aspectos fundamentais segundo a visão parental para que se inicie na prática do futsal no clube. Além disso, os pais destacam que não é para qualquer aluno fazer parte da equipe sub-13 do clube. Isso revela o reconhecimento do futsal como *status*, em outras palavras, verificamos existir no pai, orgulho em seu filho fazer parte de um grupo seletivo e diferenciado e, ainda espera o reconhecimento do esforço do seu filho, mas também do esforço familiar.

O técnico desportivo ressalta que o aluno para estar no grupo da equipe precisa possuir algumas condições:

No começo do ano tive que fazer uma nova seleção, alguns alunos voltaram para escolinha do clube, porque não tinham condições como **falta de movimentação no jogo, noção de marcação, passe, sem experiência no futsal**, por isso, achamos melhor encaminhá-los para a escolinha e estão até hoje e também porque aqui sempre surge um aluno que se destaca, com muito talento e não pode ser deixado de fora do grupo [...] então nós conversamos com os alunos e posteriormente com os pais e, explicamos: “se eu não sirvo para jogar a chave ouro, onde jogam os melhores e treina-se mais, eu vou jogar a chave prata”. Os alunos entenderam que o ritmo da ouro é outro. Os pais aceitaram e quem sabe certamente vamos aproveitar no futuro algum desses meninos que voltaram para a escolinha. Na verdade aqui no sub-13, temos alguns alunos que vieram da escolinha e hoje estão muito bem na equipe. (TC, grifo nosso).

De acordo com o técnico do clube há algumas condições, relatadas acima, que ditam a adesão para que o aluno inicie na equipe da chave ouro, ou da chave prata da categoria. No futsal organizado pela Federação Paranaense (FPFS) os campeonatos das categorias menores são formados por equipes que jogam duas séries: ouro e a prata. Essa última, é uma competição considerada mais fraca do que a primeira, ou seja, possui alunos iniciantes, sem experiência e no momento estão sem as condições necessárias para jogar a chave ouro. Cabe-nos afirmar com base nas observações, que os alunos das escolinhas do clube disputam a chave prata (FPFS, 2012).

Os pré-requisitos apontados pelo técnico para fazer parte da equipe e assim jogar a chave ouro, possuem relação com a categoria “Fatores Pessoais” na qual um quesito que a caracteriza é justamente o desempenho esportivo (TC) do aluno em corresponder às exigências do futsal e de fato, tal exigência pode definir a

adesão ao futsal desse clube pesquisado. Então, em consoante com o relato do Técnico do Clube, nos coloca ressaltar que aquele aluno muito bom, com um talento acima dos demais participantes, entrará facilmente no futsal desse clube e por mais que o grupo esteja criado, sempre haverá espaço para esse aluno novo, basta possuir excelentes condições momentâneas de jogo, ou jogar conforme o entendimento do técnico sobre o futsal. Em síntese, o talento para o futsal/futebol possui um peso muito grande na adesão ao futsal clubístico, não é somente dedicar-se aos treinos e jogos.

Outro fator importante para adesão no clube relaciona-se com a categoria que chamamos de “Ambiente e Clima de Grupo”, pois ao investigarmos essa categoria, tornou-se claro com os dados obtidos, que o aluno inicia no futsal num primeiro momento porque possui o *gosto, prazer pelo jogo*. Consideremos as narrativas abaixo:

O Pedro [nome fictício] adora, se **diverte com o jogo**, penso que no fundo se não gostassem não estariam lá [no futsal do clube]. Ele [aluno] gosta muito de discutir a jogada de todo treino. Ele é bem assim: “o que os outros definem num texto ele define numa pequena frase, como por exemplo, foi muito bom” [...] eu pergunto pra ele: “o que você fez no jogo?": ele responde: “deitei”³ [...]. (PC1, grifo nosso).

[...] esse ano vai fazer **4 anos que jogo aqui no clube**, meu pai me trouxe, viramos sócios [...] eu **gosto mesmo do futsal**, se deixar jogo a tarde inteira, jogo na escola, no clube, no final de semana jogo na praça perto de casa. [...] Gosto mais quando a gente faz gol, a comemoração, **o grupo** é divertido, mas tenho que jogar mais, sou o primeiro ano do sub-13, ai as vezes o professor **me coloca muito pouco no jogo**. Tem o meu melhor amigo que joga, nós estamos sempre juntos [...]. (AC1, grifo nosso).

Sempre quis estar aqui, jogo **desde os sete anos aqui**, meu pai me colocou na escolinha, depois já passei para a equipe mesmo [...] é divertido o futsal [...] gosto do grupo, tenho vários amigos aqui, gosto no momento do gol, quando a gente ganha e jogo bem [...] jogo com meu pai e amigos também, acho que jogo demais, se não gostar mais eu paro, mas vai ser difícil. (AC3).

Segundo o pai (PC1), verificamos que os alunos se estressam durante as atividades ou os jogos, chegam a chorar quando perdem uma partida. Por outro lado, fica claro os participantes também gostarem e divertirem-se com o jogo de futsal. Também, observamos nos relatos que o início dos alunos se dá nas categorias menores e com grande possibilidade de haver sequência no futsal, como o aluno acima (AC3), que iniciou na sub-07 e atualmente está na sub-13.

³Conforme observações, “deitei” é uma gíria pelos alunos para demonstrar quando se joga muito bem numa partida de futsal. (Diário de campo, 05.07.2012).

Os pais (PC1; PC2), seguramente, possuem um papel na adesão ao futsal, pois precisam iniciar o filho, levá-los até o ambiente do jogo. Porém, podemos afirmar que os alunos (AC1; AC3) possuem uma autonomia nesse processo quando argumentam fazerem a atividade, porque gostam e possuem uma diversão no jogo. Aspectos como o gol, o grupo, amizades, fazem com que eles sintam-se à vontade no futsal, o que pode facilitar a convivência dentro e fora desse ambiente. Em síntese, para iniciar no futsal num primeiro momento o aluno precisa gostar do jogo, sentir-se feliz com determinada prática e paralelamente surgem outras questões. Segundo o técnico do clube:

[...] penso que a procura nessas categorias iniciais é pelo **prazer de jogar** futsal, aqueles que **continuam** realmente gostam, não dá muito certo quando a gente percebe que lá no sub-07 o pai parece que obriga o menino a estar aqui no clube [...] o **nome** Paraná Clube, Atlético, Coritiba atrai mais, os pais pensam isso, por isso muitas vezes os alunos iniciam aqui. Então o nosso caso é isso, tem o fator do nome, porque muitos que estão no **futebol de campo do Brasil**, tiveram passagem aqui no futsal. E também tem um processo normal, a primeira procura mesmo é pelo prazer do esporte, e depois acabam que visam **muito o campo**. (TC, grifo nosso).

O depoimento do técnico desportivo vem ao encontro dos atores sociais: pais e alunos, ao relatarem que um dos motivos para o início no futsal se dá pelo gosto da atividade, caso contrário, dificilmente os alunos progridem em outras categorias. Ainda, o técnico salienta o fato do clube ser reconhecido como formador de jogadores para o futebol de campo profissional. Evidenciamos isso como é um atrativo, fazendo com que os pais iniciem seus filhos nessas instituições para quem sabe num futuro muito próximo, eles sigam os passos daqueles iniciantes do futsal clubístico e atualmente são jogadores de futebol profissionais reconhecidos. Faz-nos esclarecer, quando dizemos “reconhecidos”, significa que o futuro atleta deverá jogar campeonatos importantes, como por exemplo, o Campeonato Brasileiro, das séries A ou B, numa equipe profissional do futebol brasileiro.

Quanto à função dos pais, o dirigente do clube reconhece o importante papel deles no processo de iniciação esportiva e a relação se dá no suporte, o qual se materializa, como por exemplo, no apoio logístico, visto que o dirigente considera com a sua experiência a necessidade de manter boa distância de forma a evitar confusões de papéis: “[...] continuamos a tentar que os pais estejam tão presentes quanto possível e tão próximos quanto possível, se bem que cada vez mais vai sendo difícil gerir esta situação [...]” (DC). Existe, por conseguinte, a necessidade de

estabelecer limitações de espaço à intervenção parental no decorrer dos fatos, de forma a definir o campo de intervenção próprio de cada um, na adequada definição de papéis e funções, pois “[...] eles não devem confundir as coisas, querer interferir no nosso trabalho, e nós aqui do clube, reconheço que precisamos melhorar em algumas situações de suporte [...]” (DC).

Elias (2008), ao estudar as relações de poder, as quais se estabelecem entre as pessoas, desenvolve o conceito de função e propõem que:

[...] é impossível compreendermos a fundo o que A desempenha relativamente a B, sem atendermos a função que B desempenha relativamente a A. Isto é o que se pretende dizer quando o conceito de função é um conceito de relação. (ELIAS, 2008, p.86).

Em outras palavras, as funções são melhores compreensíveis a partir do momento em que estuda-se as relações, como, por exemplo, entre pai e filho (ELIAS 2008). Por isso o dirigente reconhece o importante papel do pai na iniciação esportiva do clube e preocupa-se em estabelecer funções para este ator social, com a intenção de criar uma boa relação entre todos os envolvidos no cenário esportivo. As relações que envolvem a instituição e se referem à continuidade no esporte, ou estabelecimento de funções, estão inseridas dentro da categoria “Projeto Educacional e Esportivo”, já aspectos sobre os professores, enquadrados na categoria “Organização da Prática Esportiva”. Portanto, permite-nos identificar que a instituição – clube – é sim fundamental no processo de adesão ao futsal e reforçamos isso com as narrativas dos pais ao assumirem essa importância clubística, sobretudo através do trabalho dos professores, em que se pode verificar:

[...] eles são bem do esporte, bem do futsal, os meninos aprenderam muito esse ano, eles levam muito a sério, até de mais, esse lado as vezes assusta os meninos novos que chegam, mas se quiser ser jogador mesmo, **vai ter que sofrer** [...] isso tem em todos os setores, tudo quanto é lugar. (PC1, grifo nosso).

Com relação aos professores, eles já são mais profissionais, **trabalham com os profissionais no futsal adulto do clube, se você comparar o time da escolinha (série prata) e o do federado (série ouro)**, aqui no federado o professor pega pesado mesmo, não tem essa de cair e ficar chorandinho não! [risos]. Aqui no federado, tem que levantar e jogar, não ficar chorando, senão o outro te passa por cima e assim é que se aprende se quiser levar isso pra frente. (PC2, grifo nosso).

Eu fico tranquilo aqui, fico feliz de deixar eles [alunos] aqui, meus filhos ficam no clube, estão em **segurança**, o Pedro [nome fictício], treina no sub-13 e fica esperando o irmão até às 19h aqui no clube, nunca tive problema, conheço os professores, que são profissionais demais. (PC3, grifo nosso).

Verificamos nos depoimentos, sob a visão parental, que os técnicos entendem de futsal, atuam na categoria adulta e cobram dos seus atletas sub-13 um bom rendimento esportivo, o qual poderíamos supor ser parecido com o da equipe adulta, logo, os treinadores são considerados pelos pais como bons profissionais, pois levam muito a sério os treinos e os jogos. Recorremos ao Diário de campo para mostrarmos alguns fatos vivenciados durante as aulas de futsal. Vejamos:

[...] as aulas são dinâmicas, porém o aluno precisa entender a atividade [...] o **treino é intenso, o aluno é cobrado** por não entender o que foi solicitado pelo professor [...] caso incida algum erro, esse aluno é reprimido, porém o professor mostra às soluções para que esse erro não venha acontecer com frequência. (Diário de campo, 01.07.2012, grifo nosso).

O professor exige muito da marcação durante as atividades, eventuais faltas [empurrões, carrinhos..etc] são frequentes e muitas vezes o jogo tem sequência com o aluno ao chão, ao término do lance geralmente verifica-se a integridade do aluno [...]. (Diário de campo, 03.07.2012, grifo nosso).

Desta forma, ao anotarmos o funcionamento e algumas características das aulas, verificamos a convergência com os relatos dos pais, que observam e muitas vezes julgam a atitude do professor, ou o tratamento que seus filhos recebem do treinador.

Para entender o objetivo da instituição com o esporte, analisamos o “estatuto social” do clube e constatamos que há referência na promoção de atividades relativas à educação física, bem como, deve-se implantar e praticar diferentes atividades desportivas. Outra menção nesse documento, relacionada com o objetivo do clube, relata que uma das formas de constituir patrimônio deste se dá através dos direitos federativos, financeiros sobre os atletas e o direito a indenização em caso de futuras vendas de jogadores formados no clube e, atualmente cabe-nos afirmar que isso perpassa nas modalidades de futsal e futebol do clube pesquisado. Nessa direção, o dirigente esportivo concebe a iniciação ao futsal como um fato muito importante à instituição e leva em consideração a possibilidade da formação de futuros atletas tanto para o futsal, como para o futebol profissional do clube. Assim, consideremos a fala do dirigente esportivo:

Temos aqui no clube uma **sequência**, o aluno pode entrar no sub-07 e seguir, temos alguns alunos que iniciaram no sub-07 e ficaram até o futsal adulto. **Alguns o futebol de campo leva-os mesmo, não tem como segurar, é importante para o clube isso** [pausa] é difícil, mas nós do futsal temos que entender que é a filosofia do clube. São vários atletas, como por exemplo, Giuliano convocado recentemente para Seleção Brasileira de Futebol, tem o Luizinho que até pouco tempo atrás jogava aqui com a gente,

com nossos profissionais e hoje é o destaque no futebol de campo do clube e **somos [técnicos, dirigente] reconhecidos no meio por isso**. Hoje a principal referência do futebol do clube, saiu, foi criado aqui no futsal. Então, apesar de termos uma formação voltada para o futsal, com profissionais qualificados e experientes nessa modalidade, o clube em si, tem um objetivo de formador de atleta para o futebol de campo e pensa sempre posteriormente conseguir benefícios, lucros com a venda desse jogador, que foi formado em casa, quase sem custos ao clube [...]. (DC, grifo nosso).

Verificamos que o técnico deve possuir um perfil para se trabalhar no clube, que é voltado para a formação de potenciais promessas, pois esse técnico possui importância e será reconhecido no processo de formação de um futuro atleta para o futebol profissional. Futsal e Futebol de Campo são importantes para o clube, embora, com pesos diferentes, na qual o futebol é o fim maior, sobretudo pela possibilidade de render grandes lucros financeiros ao clube através da venda de algum jogador. Sendo assim, o futsal é considerado pelo clube um lugar apropriado para formação de futuros jogadores de futebol de campo, logo, os pais sabem dessa filosofia de trabalho e iniciam seus filhos nas categorias menores com o pensamento de que muito em breve, eles sejam utilizados no futebol de campo. O dirigente enfatiza, no depoimento acima, que o clube possui ideia de futuramente trabalhar somente com algumas categorias no futsal, pois “cogita-se daqui uns tempos o futsal, tão tradicional no clube, ficar somente até o sub-13, ou o sub-15, depois todos, ou a grande maioria devem ser aproveitados no futebol de campo [...]”. (DC).

Os atletas quando perguntados sobre o “sonho de ser jogador de futsal e exemplos de atletas neste esporte”, acreditam que podem realizar tal desejo, de um dia vir a ser um jogador de futebol de campo famoso e iniciam no clube porque o mesmo pode oferecer essa oportunidade. Com base nas narrativas dos alunos, apresentamos tais expectativas:

Já me convidaram para jogar em outros clubes, mas não vou, aqui é melhor, acho que vou seguir aqui, nós jogamos campeonatos bons, igual as outras equipes da cidade [...] Eu gosto de ficar mais atrás, na marcação, gostaria de ser igual o Thiago Silva [jogador do PSG e Seleção Brasileira], ou David Luiz [jogador do Chelsea e Seleção Brasileira] [...] No futsal [pausa], o Falcão é craque, gosto quando ele faz gol de bicicleta, isso é muito difícil. (AC1).

[...] eu **sonho em ser reconhecido**, tem o Messi, Neymar, são os que mais admiro no futebol de campo, gosto do Cristiano Ronaldo, porque jogo de atacante no campo, no futsal tem o Falcão, ele teve aqui o ano passado no clube, peguei autógrafa dele, ele ficou brincando com a bola no aquecimento, e no treino nós tentávamos fazer o que ele fazia com a bola [risos] pretendo continuar no clube, tem vários que começaram aqui e hoje estão muito bem no futebol de campo [...]. (AC2, grifo nosso).

Eu penso em começar a jogar aqui no clube mesmo [...] sempre quando podemos [filho e pai] vamos ao estádio e assistimos aos jogos do futebol [campo]. Tem vários aqui do futsal que estão no futebol de campo, gosto do Luizinho [jogador profissional do futebol de campo] porque lembro dele aqui no futsal [...] gosto do time do Barcelona, acho que poderia ser qualquer um deles [jogadores] [risos]. [...] Há, no futsal poderia ser o Falcão, esses dias ele fez um gol de peito, ele faz coisas diferentes com a bola. (AC3).

Eu gosto do Ronaldinho e Messi, eles conduzem bem a bola, é bonito assistir eles jogarem, parece que a bola prende nos pés deles, são meus ídolos no futebol de campo. [...] No futsal vejo o Falcão, ele é muito habilidoso, faz coisas difíceis com a bola. (AC4).

São referências para os jovens iniciantes, principalmente os jogadores de futebol de campo que possuem grandes resultados, estão em grandes times, ou até mesmo são convocados para Seleção Brasileira de Futebol. Consequentemente os jogadores de futebol com essas características, estão com frequência na mídia esportiva, sendo assim são lembrados pelos iniciantes. O depoimento do técnico explica a relação com os jogadores midiáticos, o que reforça tal ideia:

O sonho deles não adianta, o grupo dos alunos do sub-15, do sub-13, eles comentam sobre o Messi, Cristiano Ronaldo, agora sobre o Neymar [...] o Falcão do futsal até comentam, mas é sobre um lance que aconteceu que a **mídia** mostra. A maioria deles tem acesso somente a tv aberta e quase dificilmente tem futsal, dificilmente eles assistem o Falcão [...] então os alunos assistem ao futebol de campo e o **interesse é totalmente voltado para o campo**. (TC, grifo nosso).

Primeiramente perguntamos aos alunos que comentassem sobre quais jogadores profissionais de futsal eles conheciam, mas os primeiros a surgirem foram os de futebol de campo, para num segundo momento aparecer como representante único do futsal - o atleta Falcão - jogador atual da Seleção Brasileira de Futsal, já eleito pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) melhor jogador do mundo da modalidade e recentemente campeão da Copa do Mundo de Futsal da FIFA, cujo dessa maneira, possui representatividade entre os alunos da modalidade. Apesar de o clube pesquisado possuir o futsal adulto, esses jogadores em nenhum momento foram lembrados pelos alunos entrevistados. Diante disso, faz-nos refletir que faltam referências de atletas no futsal adulto, do clube pesquisado, pois dificilmente são divulgados pela mídia esportiva do clube, por isso os alunos mencionam somente os jogadores famosos do futebol de campo e futsal.

De fato, os pais confirmam o desejo dos filhos e assim, há reciprocidade entre os relatos desses atores sociais, sobretudo no motivo da procura ao futsal,

originada pelo gosto de jogar futsal, em paralelo com a ambição de se tornarem futuros jogadores de futebol de campo.

[...] quando se inicia aqui no clube a gente espera que eles **cheguem lá** [ser jogador reconhecido] eles gostam demais, se divertem desde pequenos, possuem amigos aqui. Tenho meu outro filho que joga aqui no sub-15, o sonho dos dois é chegarem lá [pausa]. **Eu fico muito feliz de sair antes**, deixar alguém, dar um jeito no trabalho e assistir aos jogos ou treinos [...] ficaria muito feliz se o sonho deles [alunos] e nosso [pais] se realizassem. (PC3, grifo nosso).

Quando o entrevistado usa a expressão “chegar lá”, entendemos como o momento que o filho se tornou um jogador profissional de futebol de campo, ou seja, conseguiu um contrato com algum clube reconhecido no meio esportivo e conseqüentemente já pode ajudar a família financeiramente. Tais achados se enquadram na categoria que designamos de “Família”.

Entendemos que contribui para o jovem atleta conseguir num futuro o futebol de campo se tornar carreira, ou futura profissão, o fato deste vivenciar algumas situações na iniciação ao futsal, como por exemplo, as que encontramos através da categoria “Ambiente e Clima de Grupo”, que possui relação com o convívio social e amizades, condições consideradas relevantes, tanto para os pais quanto para os alunos, pois observamos que esses sujeitos, na medida do possível, acabam aprendendo a conviver com o ambiente do futsal, futebol, adaptam-se no contexto, conforme apontam os depoimentos abaixo:

Eu assisto a grande maioria dos jogos, tanto futsal como os de futebol, gosto aqui do clube, meus dois filhos jogam aqui e possuem vários amigos, já conheço todo mundo aqui, alguns pais são meus amigos e isso a gente leva para sempre, a gente acaba ficando bem próximos, afinal, são da mesma equipe, então **os pais acompanham nessa idade** e se viram como podem para estarem aqui [...] os meninos, convivem com o pessoal do clube, isso é importante, **eles [alunos] aprendem a como funciona esse ambiente**, do futebol, pois se vierem a ser jogador isso vai ajudar eles. (PC3, grifo nosso).

[...] desde pequeno, **sou eu que levo e busco** então a gente aprende a gostar do jogo, do ambiente, dos colegas, **isso é muito parecido com o que eles pretendem seguir** [...] os colegas convivem entre eles, o **círculo de amizade atual do meu filho, tem a ver com o clube**. Ele veio para o Clube já fazem dois anos e nossa! Ele [aluno] ama isso aqui! Eu penso que a gente tem que acompanhar eles, pode vir a ajudar futuramente, tem que estar em cima, torcendo mesmo, e ele gosta quando estou presente. (PC2, grifo nosso).

Sob a perspectiva dos pais, a convivência entre os jovens no ambiente clubístico pode ajudá-los futuramente, sendo que almejam uma fácil adaptação

quando seus pupilos chegarem ao meio do futebol de campo profissional. Além disso, no fragmento das falas acima, parece-nos o pai ou responsável elaborar um planejamento e faz tudo o que está ao seu alcance para seu filho praticar o futsal. Essa prática deve ser num local pré-determinado e reconhecido no meio, sendo assim o pai ou responsável é um ator social importante para a adesão na iniciação ao futsal, já que de acordo com os entrevistados, geralmente nas idades iniciais são os pais ou responsáveis que levam os filhos aos ambientes onde são realizados os treinos e jogos.

O João [nome fictício], desde que ele começou a andar, ele pegava as bolinhas do pinheirinho em casa e começava a jogar, dava carrinho ele não tinha interesse [...] **era só bola, então aos quatro anos eu coloquei ele na escolinha, para jogar mesmo, treinar sabe**, ele sempre adorou isso [pausa] e a maioria dos meninos aqui começaram dessa forma [...] ele [aluno] começou no Clube “x” [nome fictício], que ficava perto de casa, depois foi para o “y” [nome fictício], e após isso o indicaram a este clube que é mais tradicional no futsal. Então a gente [pais] incorpora o sentimento deles [alunos] e quer o melhor para os filhos, que nesse momento é jogar futebol. (PC2, grifo nosso).

Portanto, este depoimento sintetiza que os pais se preparam e se organizam para realizar um sonho, o qual pertencem aos filhos e pais. De fato, fica claro que esses últimos, são presentes na iniciação ao futsal, portanto realmente participam e dividem junto com seus filhos algumas pretensões, como a já mencionada expressão, “[...] chegar lá [...]” (PC3), ou seja, o aluno tornar-se num futuro muito próximo: jogador de futebol de campo.

Diante disso, cabe-nos fazer uma analogia com Elias (1995), que a partir da leitura de: “Mozart - Sociologia de Um Gênio” Norbert Elias discute através de uma reflexão sociológica, a carreira no século XVIII do compositor Mozart, cuja durante a adolescência foi conduzida e financiada pelo seu pai, Leopold, visto que “no interior de tal estrutura era comum o pai assumir o papel de mestre e ensinar as artes do ofício, talvez até mesmo desejando algum dia o filho excedesse sua própria perícia” (Elias, 1995, p.26). Desta forma, Leopold desejava a carreira de músico para seu filho, e fez de tudo para que Mozart, ainda quando criança, estivesse inserido em diferentes lugares da Europa (Viena, Paris, Munique) onde a música era desenvolvida, com a finalidade de contribuir na formação de Mozart e que assim, o mesmo fosse reconhecido na sociedade como um grande músico (ELIAS, 1995).

Tal fato, pode ser muito atual no futsal entre os jovens entrevistados, pois as narrativas sugerem o apoio familiar, ou até mesmo como o caso verificado abaixo:

Eu [responsável] só faço o que ele aceita, eu falo pra o João [nome fictício]: “eu não sou empresário, não vivo disso”. Mas ajudei ele [aluno] a iniciar no clube, ajudo no que ele precisar, levo para o treino do futsal e do campo, ele fica lá em casa com o Pedro [nome fictício], almoça aqui [casa do responsável], e falo pra ele: “**10 por cento do teu contrato eu quero depois**”. [...] Ele é um menino bom, tem muito potencial, é só direcionar, o esporte é dele e ele quer. (PC1, grifo nosso).

Constatamos nessa situação que o responsável por um dos alunos entrevistados foi fundamental para este aderir ao futsal do clube e deseja – muito parecido o que faz atualmente um empresário de jogador de futebol de campo – obter retorno financeiro de “10% num futuro contrato”. Vale lembrar, recentemente o jogador Lucas do São Paulo Futebol Clube⁴, foi transferido para França por uma quantia de R\$ 116,2 milhões e nessa transação, diga-se de passagem, rende lucros consideráveis, todos os atores sociais ganham: o empresário, familiares, clube e os sujeitos que dele fazem parte.

Para complementar, o técnico quando perguntado sobre um “apoio financeiro” ou, se o clube oferece ajuda aos alunos iniciantes, ressalta que:

Os alunos nessa faixa etária não recebem nenhuma ajuda de custo [passagem, lanche] do clube e por isso para iniciar aqui, muitos precisam de ajuda, seja do pai, ou até mesmo dos próprios colegas, **isso é muito comum aqui, desde almoços, lanches, passagens, inscrições** em campeonatos e **caronas** para treinos e jogos [...] Neste ano não participamos da Taça Paraná e um dos motivos foi a questão financeira do clube, não conseguimos verba o suficiente para viagens e inscrições. (TC, grifo nosso).

Com a intenção de identificarmos situações que facilitem a adesão ao futsal, apresentamos outros detalhes que segundo os atores sociais, técnico e pai, são importantes na adesão ao programa esportivo do clube.

[...] os treinos com as categorias menores acontecem no meio da tarde, o sub-13 é **às 15h30, então facilita o aluno iniciar aqui**, principalmente aqueles que residem na região metropolitana e precisam pegar ônibus, já que são de classe muito baixa, e por isso que é importante os pais, ou responsáveis ajudar mesmo o time [...] me recordo de alunos de outros clubes que vieram procurar o nosso clube devido ao horário de treino e

⁴Ver: <<http://saopaulofc.com.br/19157/noticias/sem-gastar-com-reforcos-sao-paulo-recebe-r-872-milhoes-por-lucas/>>. Acesso em 10/01/2012.

acesso ao local ser melhor, [...] esse nosso horário de treino a tarde facilita pra alguns que moram longe. (TC, grifo nosso).

Ele iniciou aqui também porque quando ele treina **eu fico a disposição dele, facilitou pra mim**, já que não estou trabalhando [...] você vê, eu moro no Campina do Siqueira, então ele sai meio dia e meia da escola, chega correndo da escola, almoça rápido, eu atravesso a cidade e chego aqui no horário do treino, e depois voltamos pra casa. (PC2, grifo nosso).

Para os entrevistados, na iniciação esportiva, a Categoria “Tempo e Logística”, ou seja, o horário do treino, acesso ao local (TC) são importantes para adesão do aluno, principalmente no caso de clubes localizados em grandes metrópoles, de modo que alguns alunos precisam de transporte público para se deslocar aos locais de treinos ou jogos.

Conforme a situação, se o aluno morar na região metropolitana, distante do local do treino, pode acontecer deste passar mais tempo em função do deslocamento para ir ao local do treino e voltar à sua residência, do que propriamente o treino em si, o qual geralmente leva em torno de duas horas.

No capítulo 04, daremos sequência nas categorias vistas neste estudo, fundamentais na adesão do esporte, muito embora algumas delas também consideramos importantes para a aderência, ou manutenção do aluno no futsal do clube.

3.4.2 A adesão à prática no futsal da escola.

A escola passa **confiança aos responsáveis**, todos aqueles envolvidos no processo de ensino são realmente educadores e acreditamos nisso [...] Meu filho joga no extracurricular desde os setes anos, muito em virtude da escola disponibilizar uma excelente estrutura [...] o local é apropriado ao futsal, é reservado somente para eles, já os professores fornecem um bom suporte aos alunos, **as vezes chegam a buscar os alunos em sala**, isso é legal, mostra dedicação da parte do colégio [...]. (PE3, grifo nosso).

Com base na narrativa de um dos pais investigados, verificamos a importância do projeto esportivo possuir bons profissionais e uma estrutura adequada à prática do esporte.

Para ajudar a contextualizar o cenário escolar apresentamos no (QUADRO 3.7) uma pequena demonstração da estrutura oferecida aos participantes das Práticas Esportivas Extracurriculares (PEE).

	Ginásio	Quadra Poliesportiva	Sala de Judô	Sala de Dança	Sala de Xadrez	Coord.	Estag.	Dep. Saúde	Professores
Escola	1	5	1	1	1	1	4	1	6

QUADRO 3.7: DEMONSTRATIVO DA ESTRUTURA DISPONIBILIZADA AOS PARTICIPANTES DAS PEE.

FONTE: dados fornecidos pela coordenação de esportes do colégio – agosto/2012.

Legenda: Coord: Coordenador de esportes; Estag.: Estagiários; Dep.: Departamento

Todas as quadras e ginásio do colégio são cobertas, adequadas para iniciação nas modalidades oferecidas, ministradas por um profissional especializado na modalidade em questão, sendo comum em algumas vezes o professor trabalhar com duas modalidades, como por exemplo, futsal feminino e masculino, ou ministrar teatro e violão. O Colégio possui no horário das atividades inspetores e uma de suas funções é auxiliar os alunos participantes no direcionamento às atividades extracurriculares. Conforme o (QUADRO 3.7), os estagiários são acadêmicos de Educação Física e remunerados, os quais acompanham e auxiliam os professores nas atividades com os alunos.

O pai entrevistado demonstra na sua fala que “[...] o professor possui auxiliares (estagiários remunerados), que ajudam muito na dinâmica da aula, como por exemplo, quando alguém se machuca, esse auxiliar logo encaminha o aluno ao ambulatório escolar e o jogo retorna rapidamente [...]” (PE1), com isso podemos dizer que a aula torna-se dinâmica e o estagiário contribui para que as atividades aconteçam da melhor forma possível.

PEE	Alunos Sub-07	Alunos Sub-09	Alunos Sub-11	Alunos Sub-13	Alunos Sub-15	Alunos Sub-17	Hora de início	Total
Futsal masculino	20	21	22	25	15	Não	18h e 18h50	103
Futsal feminino	Não	Não	12	10	Não	Não	18h	22
Vôlei feminino	Não	14	15	14	14	Não	18h	57
Ballet	Não	10	12	12	10	Não	18h e 12h10	44
Judô	07	08	10	07	05	06	18h e 12h10	43
Xadrez	07	09	08	07	Não	Não	18h	31
Teatro	Não	Não	Não	10	08	10	18h	28
Violão	Não	Não	10	07	08	05	18h	30

QUADRO 3.8: INDICATIVOS COM RELAÇÃO A ORGANIZAÇÃO DO FUTSAL ESCOLAR.

FONTE: dados fornecidos pela coordenação de esportes do colégio – agosto/2012.

Legenda: C/H: Carga horária.

* Categoria de no máximo 13 anos na qual foi desenvolvido este estudo.

Os (QUADRO 3.7 e 3.8) enquadram-se dentro das categorias: “Projeto Esportivo e Educacional”, e “Organização da Prática Esportiva”. Esses quadros

apresentam informações das PEE, disponibilizadas pela instituição e importantes para entender o cenário dessas práticas no ambiente pesquisado. O (QUADRO 3.8) revela que o futsal masculino é a modalidade, no momento pesquisado, com o maior número de praticantes, totalizando 103 alunos, distribuídos em várias categorias de acordo com a faixa etária, e assim os mesmos podem ter sequência nas suas atividades, já que verificamos a presença de alunos nas categorias sub-07 até a sub-15.

O extracurricular possui uma taxa mensal e os alunos praticam as atividades duas vezes por semana, na qual a maioria iniciam após o horário das aulas curriculares, sendo que há dois horários de prática para algumas modalidades. Isso acontece de acordo com a procura dos alunos, por isso existe a necessidade do colégio oferecer outro horário aos praticantes. A categoria pesquisada o horário possui início às 18h, logo após o término das aulas curriculares.

Conforme demonstra o (QUADRO 3.8) o colégio oferece diferentes atividades esportivas, com considerável procura entre os jovens pelas modalidades oferecidas. Utilizamos uma analogia com os conceitos de Elias e Dunning (1992) para justificar tal fato, pois os autores ao estudarem as emoções nos esportes, reconhecem que as práticas esportivas proporcionam emoções controladas, ao mesmo tempo agradáveis aos praticantes. Assim, a busca pelo prazer nas atividades, justifica a oferta e procura de diferentes PEE e sobre a procura por modalidades, um dos pais entrevistados salienta:

[...] **se meu filho quiser mudar de atividade, não me importo, vai do gosto dele**, é importante que ele mude um pouco, já falei para ele isso [...] ele gosta de lutas, acho que é devido a mídia, aqui na escola também oferecem o judô e ele já comentou que tem uns amigos que fazem e ficou interessado neste esporte [...] muito provável que ele inicie no ano que vem [2013] a fazer judô. (PE1, grifo nosso).

Na análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) (2000, p.23) verificamos como característica da escola pesquisada que as diretrizes curriculares fazem uma relação com o esporte, ou seja, “[...] as atividades esportivas, como as Práticas Esportivas Extracurriculares (PEE) são integradas ao PPP da escola e dessa maneira são oferecidas aos alunos diferentes atividades esportivas [...]”. Também, o colégio possui a aprendizagem com base nos Quatro Pilares da Educação: Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver juntos e Aprender a ser (PROJETO

Político Pedagógico, 2000), no qual as aulas, ou ensino das disciplinas, nesse caso o futsal, devem ir além do conhecimento específico e relacionar assim o esporte com a formação humana, conforme propõem o PPP (2000, p. 24), “[...] que as PEE devem ter o papel de satisfazer os anseios e motivações, produzindo um sentido no cotidiano dos alunos”. Ao observarmos a prática esportiva identificamos alguns fatores, os quais revelam em parte o encaminhamento da aula de futsal, conforme o que se transcreve:

Após ser realizado um aquecimento, os alunos jogam em média 3 partidas de aproximadamente 10 minutos. [...] As equipes são equilibradas e existem regras que buscam a **coletividade**. [...] As aulas são dinâmicas, na qual os professores aproveitam o máximo de tempo possível durante as aulas para que os alunos pratiquem o futsal e **os alunos se divertem nas aulas** [...] As aulas possuem cinquenta minutos de duração e após o seu término a grande maioria dos alunos se dirigem juntamente com seus responsáveis para a saída da escola. (Diário de Campo, 31.07.2012, grifo nosso).

Salientamos, através das observações e a análise de documento PPP, revelam que o motivo da procura de jovens pelo futsal no ambiente pesquisado – sem generalizar – pode estar relacionado a filosofia da instituição e com a maneira como a aula é conduzida pelo professor. Com a finalidade de mostrar a importância da filosofia da escola apresentamos relatos de alguns dos entrevistados e são características contextuais diagnosticadas dentro da categoria denominada “Formação e Supervisão da Atividade”.

Para **formação** da criança o esporte é muito importante não pelo aprendizado de drible, essas coisas, eu sou da moda antiga ainda, você tem que ter uma disciplina com os alunos, e até com os pais e eu observo isso principalmente nos professores da escola, **acredito na filosofia da escola para formação do aluno**, por isso que ele estuda aqui [...] porque eu vejo alguns pais que jogam a criança na escola, e a esta que se vire, ou que assuma todo o papel educacional. Então com relação a escola, tem as normas toda do esporte, as regras, e aluno deverá seguir, não só no esporte, mas para vida, para o dia a dia, isso vejo que é cobrado deles nas aulas de esportes. (PE1, grifo nosso).

No dia que tem futsal, nós saímos da aula às 17h40, fazemos um lanche rápido e já descemos para a quadra, se chegar atrasado, sem uniforme do colégio, não vai jogar, o professor cobra isso [...] não gosto quando tinha muita falta no jogo, agora a marcação está melhor, o professor também cobra isso, e passar a bola, **não dá para jogar sozinho**, agora o grupo está melhor. (AE1, grifo nosso).

O colégio possui normas e todos os professores as respeitam. **O colégio valoriza o professor**, desde que ele utilize os procedimentos, cumpra seus deveres docentes, com todos os envolvidos: pais, alunos e até mesmo administrativos: gestores, funcionários em geral. [...] **sabemos que as aulas de esportes os pais ou responsáveis possuem acesso**, acompanham, pois o pai não vai entrar na sala de aula em outras

disciplinas, mas o esporte ele assiste, então é necessário um grande preparo do profissional. (DE, grifo nosso).

Em consonância com a fala do diretor acima, o PPP também estabelece princípios, ou regras inspiradoras da prática docente, para qualquer professor da instituição. São normas que envolvem compromisso para com a profissão, como por exemplo, o professor deve ter domínio aprofundado de conhecimentos de sua área de atuação; compromisso de integridade, ou seja, o docente tratar todos os alunos com ética, respeito e igualdade; compromisso com as normas administrativas, sendo que o horário de entrada e saída no trabalho deve ser cumprido pelos docentes e discentes; compromisso com a sociedade, na qual o professor deve dar exemplos de cidadania para seus alunos; compromisso dos professores com os alunos, como por exemplo, procurar conhecer seus alunos e praticar uma relação profissional com afetividade, tolerância, autoridade, mas sem autoritarismo e respeitar a dignidade e individualidade dos alunos; e, compromisso com os pais, que independente da forma como os pais ou responsáveis tratam o professor, este deve ser cordial, respeitoso e sempre utilizar argumentação convincente. (PROJETO Político Pedagógico, 2000).

Percebemos nos entrevistados, que não existe uma preocupação exacerbada com o aprendizado da parte técnica ou desempenho esportivo, mas sim são importantes para adesão, questões relacionadas com a filosofia educacional da escola, as quais contribuam no dia a dia dos alunos, como por exemplo, disciplina, respeito com os colegas e coletividade.

De acordo com os alunos, eles iniciam no extracurricular de futsal da escola, por:

Comecei a fazer futsal com **6 anos**. Aqui no Colégio estou desde os **9 anos** e aqui é melhor, melhorei bastante mas lá [antiga escolinha] também era legal [...] mas lá agora é muito longe, **agora eu estudo aqui e moro bem perto** [centro]. Não tenho mais amigos que fazem na antiga escolinha, faz um tempo que não vou lá e aqui agora tenho vários amigos [...] Eu gosto bastante, ai o futsal já é no colégio mesmo, e facilita para mim e para os meus pais. (AE1, grifo nosso).

Os amigos da sala que me convidaram a fazer futsal, nós já estamos desde a primeira série juntos e sempre jogamos, no recreio, ou no final de semana na casa do João [nome fictício]. Jogo aqui desde os 7 anos, gosto bastante do jogo, me divirto com eles, brincamos com aqueles que perdem gol e erram as vezes, isso é divertido. (AE2, grifo nosso).

O futsal é divertido, adoro quando faço gol, eu não sou tão bom, e ai eu fico com os meninos que não são tão bons, são meus melhores amigos [...] O meu amigo, ela já fazia, então ele não quis ficar sozinho e me chamou, junto com meu outro amigo [...] Fico feliz quando eu ganho a bola dos outros meninos e faço gol. O meu máximo foi cinco gols num treino. Mas eu gosto do jogo, me adaptei bem, melhorei bastante desde quando entrei. (AE3).

Para os alunos iniciantes, o gosto pelo futsal é critério para iniciar e fazer parte do grupo do extracurricular e isso relaciona-se com a categoria que designamos “Fator Pessoal”. Também, parece-nos que de certa forma, os alunos se importam com o desempenho esportivo deles, mas com a intenção de diversão. Em outras palavras, conforme fragmentos dos relatos acima, no contexto escolar os alunos querem melhorar a performance, jogarem melhor o futsal.

Porém, ao recorrermos as observações (Diário de campo, 31.07.2012) identificamos que isso é com a finalidade pessoal e também usado pelo grupo para fazer parte da aula, através de brincadeiras voltadas de acordo com o desempenho dos colegas e não com a intenção de ter um rendimento na aula para ser um futuro jogador de futsal ou futebol de campo.

As ideias dos pais relatadas na sequência convergem em parte com aquelas que seus filhos (AE1; AE2; AE3) argumentaram logo acima, sendo ainda possível identificarmos outros detalhes importantes para a adesão na escola. Vejamos:

Quando **passamos a morar no centro ele iniciou aqui no futsal**, teve que parar na outra escolinha perto da antiga casa e já faz um tempo que esta aqui. **Para ele é uma alegria**, ele sempre gostou do futsal, quando assisto percebo que ele se diverte. O comentário que ele mais gosta de fazer é quando faz o gol. Quando ele se destaca. Percebo também que convive mais com os meninos da sala dele, tem o João [nome virtual], ele e mais dois, que conversam mais e tão mais juntos, inclusive fazem o futsal também. (PE1, grifo nosso).

Ele considera muito divertido o futsal, logo que ele chega ele comenta sobre o jogo se fez gol, ou não fez gol. Gosta de jogar, ele gosta de passar para os colegas, as vezes falta ele ser um pouco mais agressivo, quando posso eu assisto aos jogos, acho que é o perfil dele mesmo. Não se importa em ajudar os outros. [...] **eu trabalho e o horário facilitou** ele fazer o futsal, ai passo aqui depois do trabalho, fica fácil na verdade, **a gente aproveita o tempo sabe**, chego mais rápido aqui no centro. (PE2, grifo nosso).

Iniciou por causa dos colegas, faz tempo já, mas acaba gostando né, aqui no Brasil todo mundo gosta! [...] ele acha muito divertido, ele joga na educação física, conta que joga no recreio, queria fazer outra escolinha perto de casa, mas não deu certo, é muita coisa pra ele. O futsal é bom, **ele interage demais com os colegas**, tem alguns da sala de que fazem o futsal. [...] Para mim o horário está perfeito, isso é bom, ai ele não fica pela escola passeando e faz alguma coisa, quando iniciou isso foi importante e consigo chegar logo quando termina a aula. (PE3, grifo nosso).

Segundo os pais entrevistados, além do aluno gostar da prática e ter os amigos como incentivadores, surgem outros detalhes, como por exemplo, o horário da atividade e a residência ser próxima do colégio são condições fundamentais para facilitar a adesão no futsal da escola. Vale lembrar que o extracurricular acontece após a aula no período da tarde, das 18h às 18h50 e o colégio localiza-se na região

central da cidade de Curitiba, por isso os pais preocupam-se com a questão de trânsito e horário de início, e término da atividade. Enquanto os pais deslocam-se até a escola para buscarem seus filhos, os mesmos estão no futsal, ou seja, aproveitam esse tempo para que seus filhos desenvolvam uma atividade física e logo, não interfere na rotina diária dos pais, haja vista que de alguma forma precisam buscar seus filhos no colégio.

Utilizamos de questionários para alunos e pais participantes do futsal escolar com a intenção de posteriormente comparar com as narrativas, ou identificar outros motivos relevantes à adesão no futsal escolar.

No (QUADRO 3.9) estão apresentados os itens, os quais poderiam ser respondidos pelos alunos, para assim discutirmos os principais motivos que os levam a iniciar no futsal escolar.

Categorias	Itens respondidos pelos alunos
Fatores Pessoais	1 Quero melhorar meu desempenho no esporte. 2 Sonho em ser jogador de futebol. 3 Sonho em ser jogador de futsal
Ambiente e Clima de Grupo	4 Considero o futsal divertido. 5 Meus amigos fazem. 6 Por causa do convívio social.
Formação e Supervisão da Atividade	7 Confia na educação oferecida pela instituição. 8 O esporte transmite bons valores, como saber perder, ganhar, respeito com os colegas. 9 Gosto das regras do esporte.
Família	10 Minha família apóia minha prática. 11 Meus pais querem que me torne um jogador profissional.
Tempo e Logística	12 O horário é prático. 13 O acesso é fácil. 14 Já estou no colégio.
Projeto Educacional Esportivo	15 Estou preocupado com as vitórias. 16 O futsal do colégio oferece uma continuidade.
Organização da prática desportiva	17 Gosto da maneira como a atividade acontece. 18 Gosto do professor.
Saúde	19 Estou Preocupado com minha saúde. 20 O médico recomendou.

QUADRO 3.9: ITENS ELABORADOS DE ACORDO COM AS CATEGORIAS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS MOTIVOS DE ADESÃO PELOS ALUNOS.

FONTE: adaptação do estudo realizado por Matos e Cruz (1997).

Procuramos esboçar no (QUADRO 3.9) diferentes possíveis motivos que possam ser fundamentais para o início no extracurricular de futsal. Solicitamos aos alunos que identificassem somente as principais causas que os levaram a iniciar nesta modalidade. No gráfico da (FIGURA 3.1) identificamos as principais razões de adesão.

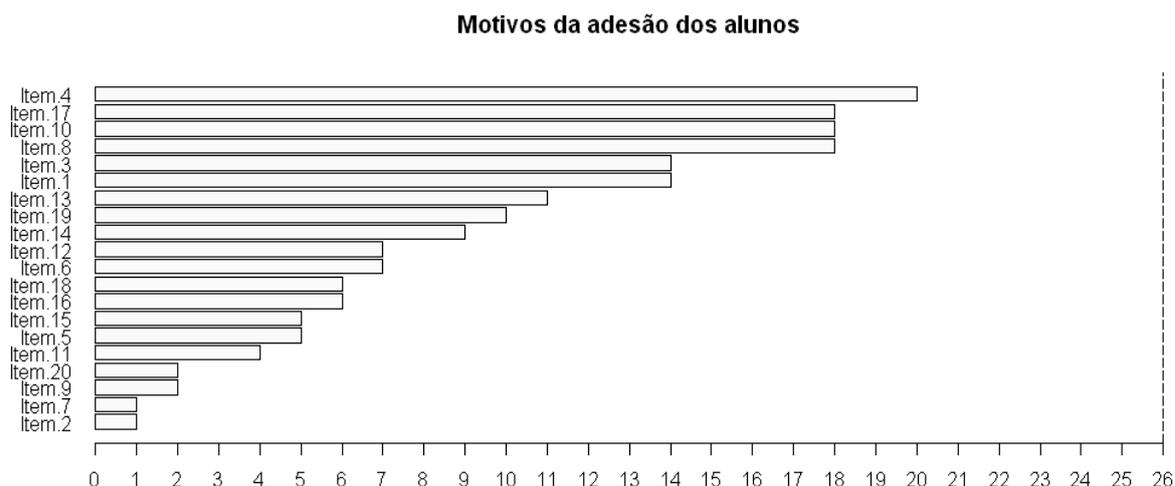


FIGURA 3.1: FREQUÊNCIA DOS FATORES DE ADESÃO DOS ALUNOS.

FONTE: Dados fornecidos pelos alunos da escola.

Observamos que os maiores fatores para a adesão dos alunos foram respectivamente: considero o futsal divertido (item 4), gosto da maneira como acontece a atividade (item 17), minha família apoia (item 10) e o esporte transmite bons valores (item 8). Para esclarecimento, o item 4 foi criado com base na categoria que chamamos de “Ambiente e Clima de Grupo”.

O item 17 está inserido dentro da categoria “Organização da Prática Esportiva”, já o item 10 com a categoria designada de “Família” e o item 8 relaciona-se com a categoria “Formação e Supervisão da Atividade” (QUADRO 3.9).

Percebemos que os menores fatores foram respectivamente: sonho em ser jogador de futebol (item 2), confia na educação oferecida pela instituição (Item 7).

CATEGORIAS	ITENS RESPONDIDOS PELOS ALUNOS
Fatores Pessoais	1 Sou um ex-atleta. 2 Meu filho gosta. 3 Meu filho tem potencial para ser um futuro jogador de futsal. 4 Meu filho tem potencial para ser um futuro jogador de futebol. Continua

CATEGORIAS	ITENS RESPONDIDOS PELOS ALUNOS	Continuação
Ambiente e Clima de Grupo	5 Indicação de um amigo. 6 É importante que meu filho pertença a um grupo.	
Formação e Supervisão da Atividade	7 Confio na filosofia educacional da escola. 8 É importante que meu filho faça, ou desenvolva outras atividades além das tarefas escolares. 9 Acredito serem importantes os valores do esporte.	
Família	10 A família acredita que o esporte ajuda no seu cotidiano. 11 Minha família apoia a prática do futsal.	
Projeto Educacional Esportivo	12 O futsal do colégio oferece um continuidade no esporte. 13 A instituição oferece uma estrutura adequada.	
Tempo e Logística	14 O horário é prático. 15 O acesso é fácil. 16 Meu filho já está no colégio e assim facilita a logística. 17 É perto da minha residência.	
Organização da prática desportiva	18 Gosto da maneira como a atividade acontece. 19 Gosto da maneira como o professor conduz a aula.	
Saúde	20 Estou preocupado com a saúde e qualidade de vida. 21 O médico recomendou.	

QUADRO 3.10: ITENS ELABORADOS DE ACORDO COM AS CATEGORIAS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS MOTIVOS DE ADESÃO PELOS PAIS.

FONTE: Adaptação do estudo realizado por Matos e Cruz (1997).

Para encontrarmos as razões pelas quais os pais iniciaram seus filhos no extracurricular de futsal, elaboramos no (QUADRO 3.10) itens muito similares aos que foram respondidos pelos alunos e com base no referencial teórico apresentado nesta pesquisa, faz-nos afirmar que os itens são amplos quando tratamos dos motivos para se iniciar num determinado esporte.

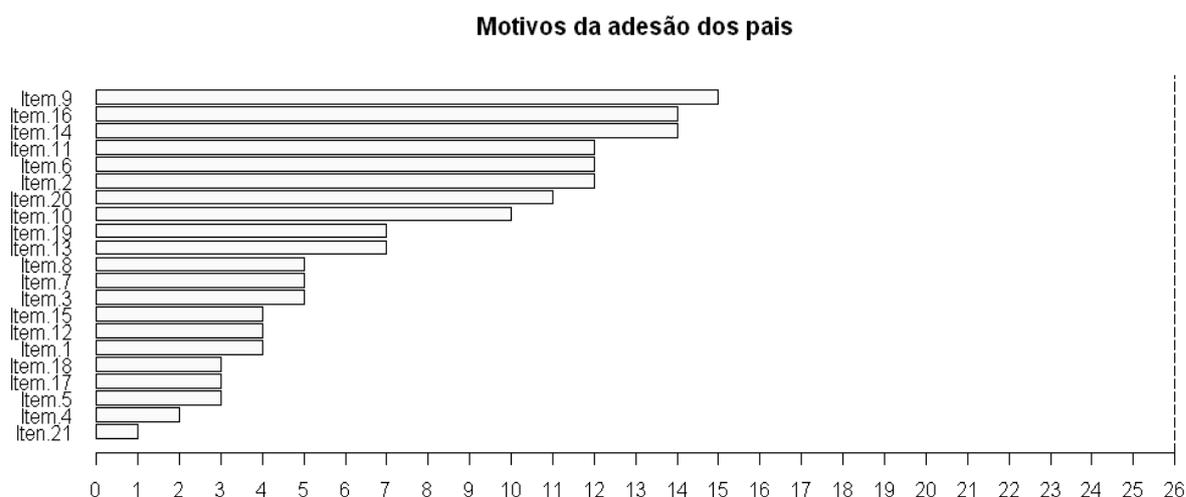


FIGURA 3. 2: FREQUÊNCIA DOS FATORES DA ADESÃO DOS PAIS.
Dados fornecidos pelos alunos da escola.

Observamos na (FIGURA 3.2), que os maiores fatores para a adesão no futsal sob a perspectiva dos pais ou responsáveis foram respectivamente: acredito serem importantes os valores do esporte (Item 9), meu filho já está na escola e assim facilita a logística (Item 16), o horário é prático (Item 14), minha família apoia a prática do futsal (Item 11), é importante que meu filho pertença a um grupo (Item 6) e meu filho gosta (Item 2). (QUADRO 3.10). Percebemos que os menores fatores foram respectivamente: Meu filho tem potencial para ser um futuro jogador de futebol (item 4) e o médico recomendou (Item 21).

De fato, conforme os dados do questionário, para os alunos o importante é gostar da atividade, divertir-se com ela e estar com os seus melhores amigos, são os principais fatores para adesão neste esporte. Para os pais ou responsáveis verificamos que os valores presentes no esporte são importantes para iniciarem seus filhos no futsal, os quais acreditam nos valores do esporte presentes nas aulas de futsal como importantes para formação do aluno quanto cidadão – ser humano.

Na visão parental percebemos preocupação relacionada com a categoria “Tempo e Logística” já que o horário da atividade e o fato do aluno já estar no colégio facilitam a adesão no futsal. Tanto para os pais, quanto para os alunos a categoria “Família” é relevante no processo da adesão no esporte, pois constatamos que esses atores sociais consideram a importância do apoio familiar na prática do futsal.

Sobre os itens menos assinalados pelos sujeitos encontramos que ser um futuro jogador de futebol não é critério para iniciar no futsal escolar. Nas entrevistas,

referentes ao sonho de pais numa futura carreira futebolística para seus filhos, entendemos que nesse caso as ideias convergem entre os atores sociais participantes deste estudo, porque não há pressão familiar para o aluno ser jogador de futebol, conforme demonstram os relatos abaixo:

[...] **não é assim, a meu filho vai ser jogador!**. Vai muito da vontade dele, se ele quiser ser tudo bem. Isso profissionalmente. Agora, que eu vá incentivar, forçar, aí não. Pensamos que não é por aí, eu vejo por aí, nem tanto aqui no colégio, mas que alguns forçam a criança, isso não é legal [...] está fazendo o futsal por vontade dele, **nem ele comenta que quer ser jogador**. (PE1, grifo nosso).

O plano dele é fazer direito, aí faz um concurso, aí suspende pra ser jogador de futebol, o plano dele até sábado era esse e sempre muda. Ele gosta do jogo, mas **não vejo com um fanatismo grande pelo futebol**, assiste futebol as vezes, tem a questão da família, o tio foi jogador de futsal, hoje é preparador físico, vamos ver mais pra frente, mas da parte dele não vejo um sonho, a família também não cobra, ele é muito criança ainda. (PE2, grifo nosso).

Cabe-nos aqui, descrever uma situação para entendermos em parte, o contexto e o perfil de alunos participantes do extracurricular de futsal, no qual um dos pais entrevistados, relata que seu filho, participou de uma seletiva/teste no próprio colégio com vários alunos e conseguiu ser aprovado para fazer parte da equipe principal da instituição, que disputa competições formais ao longo do ano.

Na seletiva tinham vários colegas dele, aproximadamente 30 alunos e somente ele foi escolhido a fazer parte da equipe do colégio, que disputa competições, treina-se mais e ainda não há custos. Ficamos muito contentes, mas o João [nome fictício] **não se adaptou ao grupo e logo em seguida optou por voltar a escolinha do extracurricular** [...] Ele queria muito a seletiva, estava ansioso, ficava esperando o dia do teste, a desistência foi mais pela questão de colegas, já que sentiu falta de seu grupo de amigos [...] na verdade, no início pensamos que não deveria ter desistido na primeira, deveria ter enfrentado as dificuldades e depois eu não iria ficar insistir sabe, **porque por outro lado é uma diversão o futsal para ele e não queria obrigá-lo a fazer, somente por que estava na equipe principal do colégio**. (PE2, grifo nosso).

De fato, os pais não fazem pressão para seus filhos entrarem numa equipe considerada mais competitiva, mas existe a preocupação do aluno sentir-se bem no grupo do futsal, seja no extracurricular, ou no equipe do colégio e, na medida em que este não mais gostar, ou não se adaptar com a atividade, nesse caso, pode decidir em qual grupo do futsal irá continuar.

Desta maneira, é possível observarmos que o grupo é importante para a adesão no futsal escolar, é difícil para os alunos iniciantes entrarem num grupo desconhecido por eles.

Elias e Scotson (2000), no seu livro “Os Estabelecidos e os Outsiders”, através da observação de uma comunidade chamada Wiston Parva, tratam das relações de poder evidenciadas entre os indivíduos de diferentes grupos, onde existe uma estigmatização definida pelos próprios grupos dessa comunidade, o que afeta os sujeitos que dela fazem parte e sobre isso o autor afirma que: “Eles não conseguem escapar individualmente da estigmatização grupal, assim como não conseguem escapar individualmente do *status* inferior de seu grupo” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 131).

Fazemos um paralelo com o esporte em geral e através dos dados obtidos, na iniciação esportiva temos os alunos, ou atletas aptos a determinadas modalidades, possuidores de talento e de certa forma isso contribui, na maioria das vezes, para serem bem aceitos no meio (grupo do futsal), ou numa determinada configuração.

Nessa perspectiva são “estabelecidos” no contexto, já que “todas elas produzem e reproduzem, repetidamente, grupos de pessoas que se adaptam melhor e outras que se adaptam mal ou não se adaptam à ordem estabelecida e a seus papéis pré-fixados” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 139).

Abaixo, apresentamos outro caso, de um aluno do extracurricular, que envolve a questão de adaptação num cenário clubístico, como propõem o relato do professor da escola:

Tive um aluno esse ano que foi para o clube, mas a mãe não gostou do ambiente, pois é diferente a maneira do técnico conduzir a aula [...] ela reclamou até dos pais do clube, **era muita pressão**, é diferente do ambiente do extracurricular, eles [pais da escola] compreendem a nossa aula. O menino é bom, tem talento, jogaria tranquilamente no clube, mas não pode queimar [expor], tem que ver o que os pais querem, porque acho que o menino nem quer isso pra ele. Então, no geral, aqui no extracurricular, não vejo muito forte, uma pressão para que o aluno se torne jogador. (PR, grifo nosso).

Diante dos casos relatados pelos sujeitos (PE2; PR.), revelam ser a categoria “Ambiente e Clima de Grupo”, importante para a adesão ao futsal, já que o aluno praticante no ambiente escolar pode possuir uma condição de jogar, digamos num cenário mais competitivo, porém alguns detalhes como o fato do grupo escolar

ser formado somente por colegas de classe e participar somente de festivais esportivos, sem cobrança por resultados, fazem com que os alunos momentaneamente não se adaptem (*outsiders*) a outros cenários e retornem ao ambiente escolar.

Pode-se dizer nesse estudo, o extracurricular movimenta-se não somente pelo talento do aluno no esporte, mas sim, há um peso maior para outras questões, como por exemplo, os amigos e o ambiente de jogo, as quais são condições fundamentais para um aluno se tornar “estabelecido” no grupo de futsal escolar.

Portanto, com as informações dos entrevistados, podemos afirmar que para os pais, professor e alunos a questão de desejo, sonho de ser um jogador não é primordial, ou não é fator que dita a adesão no futsal escolar e sim aspectos referentes ao grupo ou a maneira como a aula acontece.

Abaixo, a visão dos atores sociais: professor e diretor escolar, cujos, reforçam alguns motivos e apontam outras situações sobre a adesão ao futsal escolar.

[...] primeiro motivo são os pais, principalmente no sub-07, eles enchem a arquibancada aqui, porque os meninos as vezes sentem falta dos familiares, e muitas vezes se os pais não estão presentes os alunos nem jogam. Já nos maiores, como no sub-13, já nem todos os pais estão presentes. Depois a criança gosta mesmo, tem o fato de alguns pais que querem forçar as crianças, **mas o primeiro é porque as crianças gostam, tem uma atração pelo esporte e acabam permanecendo**, tenho alguns que já fazem um tempo que estão aqui [...] eles chamam os amigos da sala, nos menores (sub-07) tenho uma turma, formada por alunos da mesma sala, impressionante [...] e tem a diversão, a mídia influencia bastante, principalmente já nos maiores (sub-13), eu vejo que eles gostam bastante. (PR, grifo nosso).

[...] os pais dos menores gostam muito, eles elogiam demais a aula e o professor, nunca tive problema nesse sentido [...] **percebo que é um prazer para o pai ver o seu filho jogar**, então o pai possui um papel importante no primeiro contato do aluno com o futsal. E os alunos adoram o jogo, se adaptam ao ambiente, acho muito engraçado, **no dia do futsal eles [alunos] já vem de meio, uniformizados para o jogo**, tem uns alunos que ficam a tarde inteira de caneleira, eles gostam mesmo do ambiente, e estão sempre juntos, **aqui no colégio eles quase todo ano estão na mesma sala, isso facilita bastante a adesão, pois são amigos, colegas que chamam colegas**. [...] aqui no sub-11, sub-13, se o menino não gosta mais, ele não vai mais fazer o extracurricular, por mais que os pais queiram. (DE, grifo nosso).

Tanto para o professor quanto para o diretor, os pais possuem importância na adesão ao futsal principalmente em categorias menores, já que estão mais presentes se comparado com categorias maiores como a sub-13. Conforme os

dados obtidos, alguns alunos normalmente iniciam cedo no futsal escolar, são inclusos na categoria sub-07 e na medida em que esses alunos gostam do jogo, do ambiente, do grupo, logo ocorre a adesão futuramente em outra categoria.

Podemos afirmar que isso justifica o fato de muitos iniciarem na categoria sub-07 e permanecerem como no caso deste estudo, até a sub-13. Sobre a permanência, veremos mais detalhadamente no estudo do capítulo 4, em tópico específico que trata da aderência no futsal escolar.

3.5 CONCLUSÕES

Com o objetivo de investigar os motivos de adesão na prática do futsal escolar e clubístico na categoria sub-13 e através da comparação entre essas instituições, observamos como resultado inicial deste estudo que os valores esportivos estão presentes na escola. Nesse contexto, a diversão e o prazer de jogar foram constatados na fala da grande maioria dos investigados, bem como, o grupo é importante para a adesão, pois um colega ao iniciar no futsal da escola e gostar de praticá-lo, logo tem a possibilidade de chamar seus outros amigos.

A filosofia educacional é observada na perspectiva de todos os atores sociais entrevistados como relevante para adesão no futsal, já que na escola o esporte deve relacionar-se com a formação humana e os sujeitos, sobretudo os pais ou responsáveis, acreditam que a instituição trabalha os valores do esporte através da construção da cidadania, na qual todos aprendem sobre o jogo e convivem da melhor maneira possível no ambiente do futsal.

Segundo os entrevistados, o papel que cabe a escola com relação ao esporte pode ser visto na superação de desafios e barreiras, na contribuição dos valores positivos como respeito, amizade, superação e excelência (BRACHT, 1992; COLETIVO DE AUTORES, 1992; RÚBIO, 2007).

Alguns resultados deste estudo estão em consonância com os encontrados por Alonzo, Lucas e Rodrigues (1997), que reporta a diversão e a relação entre o grupo dos jovens praticantes, como motivos importantes pela escolha de uma modalidade esportiva.

Na iniciação ao futsal clubístico encontramos algumas características que ditam a adesão, como por exemplo, afirmamos que o ambiente é competitivo, logo o aluno para iniciar na equipe federada da chave ouro, precisa possuir características apropriadas para fazer parte desta equipe, talvez deva ter particularidades similares ao esporte adulto, condizentes com o jogar correto, conseqüentemente busca-se obstinadamente o desempenho esportivo nesse cenário. Tal ideia está presente no estudo de Ferreira *et al.* (2009).

No extracurricular de futsal, evidenciamos uma preocupação com o desempenho durante o jogo, mas no sentido de diversão dentro do grupo, pois percebemos que os alunos gostam de fazer o gol, ou fazer uma jogada, um drible que exija certa habilidade no futsal e desta forma ocorre a diversão entre os colegas.

O estudo de Carvalheiro; Fonseca e Tavares (2001), determina que o desempenho esportivo é o motivo pelo qual os jovens atletas procuram determinados cenários esportivos. Gould (2009) argumenta que seguir um **modelo profissional dentro das organizações clubísticas é um dos maiores problemas que o desporto jovem contemporâneo enfrenta**. A preocupação com a vitória predomina, está acima da preocupação em desenvolver experiências do atleta de vários tipos e está no centro da profissionalização do desporto jovem (SANTANA, 1996, RÚBIO, 2007; FREIRE, 2013).

Como um dos principais resultados, enfatizado e encontrado no clube, os pais ou responsáveis ao iniciarem seus filhos colocam uma expectativa de que se tornem futuros jogadores de futebol de campo e não futsal. Iniciam no futsal do clube em categorias menores e a exemplo do que é evidenciado na escola, os alunos do clube gostam do jogo, porém tanto pais quanto alunos, desejam talvez na próxima categoria já não mais jogarem futsal e sim somente futebol de campo. De fato, fica claro que o clube ser voltado ao futebol de campo, possui importância no processo de adesão ao futsal.

Verificamos no clube que os pais ou responsáveis planejam a vida dos jovens atletas e isso envolve um grande esforço para os sujeitos, porque o pai ao iniciar seu filho no clube, já imagina que este pode vir a passar por desafios, barreiras e injustiças, as quais servirão como aprendizado para vida e, acima de tudo, parece-nos que isso faz parte do projeto para ser um futuro jogador de futebol. Poderíamos afirmar que este planejamento, logo se transforma em expectativa,

sonho e o que faz justificar todo o esforço passado por pais e filhos, é devido a possibilidade da recompensa financeira através de um contrato profissional.

No futsal escolar o planejamento dos pais está associado ao horário das aulas, ou seja, o pai acredita que o horário das 18 horas, facilita sua rotina ao buscar o aluno após a aula, porque conseqüentemente seu filho aproveita para desenvolver uma atividade esportiva nesse intervalo de trajeto, digamos, do trabalho do pai até o local da aula. Para os pais, o trânsito congestionado na região central da cidade faz com que muitas vezes não consigam assistir as aulas desde o início e, assim chegam ao colégio eventualmente no término do extracurricular, por isso o horário facilita para o aluno que faz uma atividade física e também para o pai deslocar-se tranquilamente até o colégio.

Esses resultados convergem com o estudo de Weiss (1993), no qual o ator encontrou questões sociais, reforço de pais e parentes como fundamentais na adesão do esporte para jovens.

Diante desse quadro verificamos que a H1 foi confirmada, ou seja, os valores do clube e da escola são divergentes.

A H2 parcialmente foi aceita, já que na escola os pais, família em geral não são tão fundamentais para adesão na categoria sub-13, se comparado ao clube esportivo. Na escola podemos assegurar que o aluno precisa gostar do jogo e adaptar-se ao grupo para iniciar na aula e caso decida não mais fazer o futsal, o pai aceitará esta opção de seu filho, contanto que faça outra atividade.

Por outro lado, no clube a emoção do pai ou responsável é maior quando comparado ao pai da escola, porque constatamos durante jogos e treinos que “jogam juntos com os jovens atletas”, vivem as mesmas expectativas e frustrações quando perdem ou ganham um jogo. Acrescenta-se o fato de que pais e alunos iniciam no clube e esperam logo vivenciar o futebol de campo. Sendo assim, há indícios para afirmar que no clube, o ator social pai ou responsável possui uma importância maior, um peso maior (ELIAS, 2008) na adesão ao futsal quando comparamos com o cenário escolar.

A H3 foi confirmada nas instituições, já que observamos preocupações dos sujeitos investigados quanto aos fatores, como, deslocamentos dos alunos, horário das atividades e proximidade/distância da moradia. A adesão ao futsal do colégio é favorecida no sentido de que todos os alunos entrevistados já estão na escola, ou seja, estudam no período da tarde, sendo assim verificamos que os pais estão de

acordo com o horário, pois ao buscarem seus filhos evitam o grande trânsito que a região central da cidade de Curitiba possui, principalmente no horário das 18h, e ainda como benefício aproveita-se o horário para seus filhos jogarem no extracurricular de futsal.

Coelho e Silva *et al.* (2006) realizaram um trabalho com similaridades a este estudo, pois avaliaram que o horário da atividade influencia na adesão em programas de esportes. No clube os treinos na categoria sub-13 são realizados no período da tarde, às 15h30 e não há transporte aos alunos, sendo assim, notamos a organização de alguns pais (WILSON *et al.*, 2011) ou responsáveis para levar e buscar os atletas ao local de treino e jogo. Por outro lado, tal horário beneficia a adesão de alguns atletas que residem na região metropolitana de Curitiba e necessitam de transporte público para voltarem as suas moradias.

Diante disso, a H3 foi aceita, na medida em que fatores como transporte, local e horário das atividades são pertinentes na adesão ao futsal da categoria sub-13, tanto no clube quanto na escola.

Ao abordarmos a adesão no futsal de acordo com as categorias criadas para estudar a temática podemos dizer que a categoria “Tempo e Logística” possui similaridades tanto no clube quanto na escola, portanto são determinantes para a adesão no futsal os aspectos encontrados como, por exemplo, moradia, transporte, deslocamento do aluno, horário e acesso ao local de treino. A categoria “Ambiente e Clima de Grupo” sugere uma relevância na escola em comparação com o clube, pois em ambas as instituições verifica-se o gosto, prazer da prática do futsal pelos alunos, muito embora no futsal escolar o indicativo “grupo”, pode determinar a adesão neste esporte.

A categoria “Formação e Supervisão da Atividade” trata da filosofia da escola, ou objetivo do clube e relaciona o esporte com a formação do atleta quanto cidadão, ser humano. Evidenciamos o ambiente escolar ser mais favorável para que esta categoria prevaleça, pois o esporte é visto como um complemento na formação do aluno e no clube entendemos tal categoria não ser uma prioridade destacada pelos atores sociais envolvidos, que valorizam demasiadamente o desempenho esportivo.

De fato, no clube e na escola as categorias “Desejo Familiar” e “Projeto Esportivo” se relacionam, pois as instituições pesquisadas possuem objetivos diferentes e os pais ou responsáveis acreditam nos projetos esportivos dessas instituições, como por exemplo, confiam que os professores e a estrutura é adequada

para seus filhos praticarem o futsal em segurança e, no clube o notamos o pai com aspirações de seu filho tornar-se jogador de futebol do clube.

4 ADERÊNCIA À PRÁTICA DO FUTSAL NO CLUBE E NA ESCOLA

4.1 INTRODUÇÃO

Apesar de o senso comum estabelecer que todo brasileiro “já nasce sabendo jogar bola”, é longo o caminho entre o reconhecimento de se “ter certo talento” para o futebol - nos círculos familiares e escolares - até a “lapidação” desta espécie de “aptidão aparentemente inata” - nos clubes especializados. (CAVICHIOILLI *et al.*, 2011, p. 5).

Cavichioli *et al.* (2011), ao analisarem a iniciação ao futsal, perceberam que os atores sociais do meio, sobretudo – pais e professores – encaram a permanência do jovem atleta no futsal como um processo de lapidação. Por isso, os envolvidos precisam ter paciência, já que o processo é lento e assim há um longo caminho a seguir e a enfrentar, até o momento do aluno se tornar lapidado, ou seja, um atleta profissional de futsal/futebol. Para Chalita (2001), o professor merece destaque, salienta que tal profissão é um privilégio, é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita, é conduzir almas, manter os sonhos, expectativas e também, “lapidar diamantes”.

Rodrigues (2003), ao abordar jovens jogadores de futebol de campo num clube profissional brasileiro, constatou que a formação do futuro atleta não pode ser encarada como “inata”, oriunda somente de vocação e dom, mas sim, ocorrerá por meio de um trabalho amplo, com estrutura adequada, auxílio de diferentes profissionais, como fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos e também o envolvimento dos familiares do jovem praticante. Segundo o autor, atualmente é fundamental para permanência do jovem no futebol, que este adapte-se, ou incorpore o novo estilo de trabalho, o qual envolve diferentes sujeitos com diversas funções e com uma finalidade em conjunto, de desenvolver todo o potencial desse jovem atleta.

Este estudo envolve a formação do jovem atleta, sob perspectiva dos sujeitos, ou atores sociais: pais, professores, dirigentes esportivos e alunos, no processo de aderência ao futsal escolar e clubístico. Verardi e De Marco (2008), através de entrevistas e observações, investigaram a influência parental na manutenção de jovens praticantes de futebol e perceberam que os pais apoiam seus filhos na prática esportiva, porém notaram ausência dos mesmos nos locais de treinos

e jogos, uma vez que os alunos investigados consideram a presença de seus responsáveis fundamental para permanência e autoafirmação deles na modalidade.

Sobre a temática da aderência de jovens nos esportes, ou atividades físicas em geral, aparecem alguns questionamentos: de como os sujeitos se mantêm, se sustentam, ou continuam em diversos cenários esportivos. Então, notamos que termos como aderência, manutenção, permanência é muito comum serem usados para tratarem desse estudo (NAHAS, 2006). Para Nahas (2006) através do exercício físico o praticante consegue a aderência no esporte e conseqüentemente desenvolve a melhora na capacidade de realizar determinadas atividades físicas, e nesse estudo, poderíamos pensar que a manutenção no futsal melhora o desempenho do jovem praticante nesse esporte.

Darido (2004), observa que nas últimas duas décadas há um aumento na população praticante de atividade física, sendo que o conhecimento dos benefícios proporcionados pela realização do exercício, aliado a busca da manutenção ou melhora na saúde e a prática pela diversão em si, são motivos que tem contribuído para o aumento de praticantes. A autora aponta que há aqueles aderentes – jovens e adultos – permanecendo no esporte como uma forma de melhorar a estética corporal, pois reconhece a insatisfação das pessoas com a autoimagem frente ao estilo de corpo que vigora na sociedade atual. Ser fisicamente ativo é um dos passos mais importantes para ser saudável e escolas, clubes são cenários ideal para ensinar os jovens como adotar e manter um estilo de vida ativo e saudável (NATIONAL CENTER FOR CHRONIC DISEASE PREVENTION AND HEALTH PROMOTION, 2009).

4.2 OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi investigar como se dá a aderência à iniciação ao futsal escolar e clubístico.

4.2.1 Objetivos Específicos

- Analisar a perspectiva dos agentes envolvidos no processo de iniciação do clube e da escola quanto aos motivos de aderência ao futsal;
- Relacionar alguns dados encontrados com os conceitos sociológicos;

- Fazer relações dos dados encontrados no estudo sobre adesão com o estudo sobre aderência;
- Comparar a aderência no futsal do clube com a adesão no futsal da escola.

4.2.2 Hipóteses

Foram testadas possíveis hipóteses no estudo sobre aderência no futsal:

1ª hipótese (H1)- Os responsáveis (pais, mães, família em geral), pelos alunos são elementos que ditam a aderência no processo de iniciação ao futsal escolar e clubístico;

2ª hipótese (H2) - A aderência no futsal está associada com os seguintes aspectos: proximidade da moradia, aproveitamento da logística de deslocamento do aluno, gastos com transporte, estrutura da instituição.

3ª hipótese (H3) - É correta a afirmação do senso comum que o futsal no clube é: uma ponte e um modelo de aprendizagem para futebol de campo.

4.3 METODOLOGIA

4.3.1 Procedimentos:

A descrição do cenário/sujeitos, seleção dos participantes e técnica para coleta de dados com utilização de Entrevistas, Análise de documento e Observações foram descritos no capítulo 3 (ver itens: 3.3.1, 3.3.3, 3.4 e 3.4.1).

4.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.4.1 Aderência à prática do futsal no clube.

Para os pais entrevistados, percebemos que os principais motivos da manutenção de seus filhos no clube relacionam-se com o desejo do futsal muito em breve se torne um caminho para chegar ao futebol de campo do clube. Sobre esse fato, contemplamos as seguintes declarações dos pais:

Primeiramente meu filho **iniciou aqui no clube porque ficamos sócios** e ele sempre gostou de jogar bola [...] e porque pai é aquela coisa, vamos colocar no futsal aqui do clube, aí se o menino for bem aqui, **permanecer sempre jogando** [...] pensamos que futuramente ele pode ser jogador do futebol de campo do clube. (PC1, grifo nosso).

Você pergunta pra ele [filho], o que ele quer ser? **“Jogador de futebol, não de futsal”** [...] isso sem dúvida, é para a maioria dos amigos dele e a maioria dos pais querem que façam uma experiência no futebol de campo [pausa]. O **futsal pra maioria é momentâneo**, apesar deles gostarem muito, eu prefiro o ambiente aqui do futsal do que o do futebol de campo. (PC2, grifo nosso).

Ele [aluno] está permanecendo aqui no Clube, é uma consequência, se ele **conseguir destaque aqui no futsal, vai ser chamado para o campo** [...] Porque não tentar! [risos] no início do ano ele chegou a jogar o futebol de campo, eles acabam preferindo o campo, os professores, os pais dizem que tem que começar no futsal para pegar **agilidade**, ano que vem acredito que fique somente no campo. (PC3, grifo nosso).

Nesse estudo que trata somente da aderência no futsal, encontramos nos relatos dos pais, fatores similares aos dados achados no estudo anterior, ou seja, podemos dizer que alguns motivos constatados para os alunos iniciarem, se fortalecem de uma maneira, que se fazem fundamentais também para permanência na prática do futsal.

Verificamos através da perspectiva parental, a aderência no futsal parece ser um período temporário na vida dos meninos. Pois, como vimos no estudo sobre adesão, o pai ao iniciar seu filho no futsal de um clube onde há futebol de campo, reconhece que menino ao se destacar no futsal, conseqüentemente será convidado ao futebol de campo e caso isso ocorra, alimentará ainda mais o sonho de pais e alunos no quesito: ser um “futuro jogador de futebol”. Neste estudo há indícios para associar a permanência no futsal com o planejamento familiar do jovem atleta, voltado à futura transição ao futebol de campo.

Nos fragmentos das falas, notamos o desejo dos pais e depois o aluno, em incorporar a expectativa de frequentar o futebol de campo. Tais características se enquadram na categoria “Família”, a qual envolve o pai ou responsável como uma espécie do que atualmente é conhecido por “empresário” no futebol profissional, mas nesse caso, o pai atua na iniciação do seu filho. Este imagina o caminho a ser traçado pelo filho, para juntos atingirem um objetivo maior: o futebol de campo.

Cabe-nos refletir o futsal como prática esportiva, a qual mantêm uma procura tradicional e por parcela significativa de associados ou membros externos ao clube e, para isso recorreremos ao conceito de Norbert Elias (1994) que através de

seus estudos sobre a organização da sociedade insere o conceito de *habitus*. O autor contribui no sentido de compreender mais claramente que cada indivíduo, como ser que faz parte de um grupo, possui uma personalidade e interage com os demais, mas seu *habitus* é construído em meio a sua relação ao seu meio social, que é definido num processo de longa duração. Assim, em paralelo entre as concepções de Elias e o cenário do clube, usamos o depoimento do dirigente esportivo, que acrescenta:

[...] a manutenção do futsal no clube é justamente no sentido de **formar o atleta para o futebol de campo**, essa ideia, entre outras características, vem desde a fundação do clube e sempre deu resultado e todos os envolvidos pensam assim [formação para o futebol de campo]. Também tem **o associado do clube com muito interesse no futsal e o objetivo dele é se manter numa prática esportiva**, sendo que as escolinhas são formadas na sua maioria por associados e assim o futsal também se sustenta no clube pelo poder do associado que sempre elogia nosso trabalho [...]. (DC, grifo nosso).

Ao tratarmos da adesão ao futsal clubístico, analisamos o documento “estatuto social” do clube e verificamos que um de seus objetivos relacionados com a iniciação esportiva, em síntese, é a formação de atleta para o futebol de campo profissional. Neste momento, em consonância com a temática sobre aderência, cabe-nos enfatizar o fato deste documento também mencionar que o sócio do clube possui o direito de matricular seus filhos nos cursos mantidos pela instituição, bem como tomar parte do que acontece nessas atividades. O “estatuto social” ainda cita a instituição pesquisada, ser reconhecida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como Entidade de Prática Desportiva Formadora de Atleta, Categoria A. De acordo com a legislação⁵ em vigor, atualmente prevê uma proteção maior aos clubes formadores de atletas de futebol e assim, podemos dizer que tal fato possibilita a manutenção da iniciação esportiva em clubes que possuem o futebol profissional, o qual se enquadra o ambiente pesquisado.

Em outras palavras, a iniciação ao futsal é mantida no clube, no entanto deve ser voltada para a formação do jogador de futebol de campo e sobre essa visão, o dirigente adiciona outro fator que “o clube precisa se manter como

⁵ Agora com a inclusão (Lei 12.395/11), o artigo 29 da Lei Pelé (Lei 9.615/98), determina que aqueles clubes que cumprirem certos requisitos previstos na RDP 01/2012 da CBF receberão o Certificado de Clube Formador (CCF), podendo posteriormente, reclamar sua participação em eventuais negociações de atletas. Dependendo do quanto for investido na base, de quantos requisitos forem seguidos, os clubes serão certificados com a “Categoria A ou B”. Ver: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm>. Acesso em 15/10/2012.

instituição, sendo uma das formas: preparar e vender o atleta da casa, isso é uma maneira encontrada pelo clube para faturar muito mais` [...]. (DC). No Brasil, São Paulo e Internacional são os times de futebol, que no período de 2003 até 2011, lideraram as negociações⁶, vendas de jogadores com quase R\$ 700.000,00 milhões de reais e por sinal, esses clubes também possuem o futsal como modalidade praticada pelos associados ou atletas. O Internacional⁷ atualmente desenvolve escolinhas e equipes nas bases iniciantes de futsal, e o São Paulo⁸ possui uma equipe que disputará em 2013 a Liga Nacional de Futsal, uma das principais competições do país.

Observamos a presença de técnicos e dirigentes do futebol de campo do clube, que assistem aos treinamentos e jogos da equipe de futsal.

Antes de começar o jogo o técnico do futsal e do futebol de campo dialogam principalmente sobre o desempenho dos alunos do futsal [...] Ao começar o jogo o técnico de campo observa seus atletas, ou futuros atletas [...] **Há comentários entre os pais sobre a presença dos agentes do futebol de campo** [...] Na arquibancada o técnico e diretor do futebol de campo, conversam com os pais ou responsáveis pelos alunos que estão jogando. Conversam sobre os lances do jogo e sobre os detalhes do futebol de campo, envolvendo horários, competições, treinos [...]. (Diário de campo, 04.08.2012, grifo nosso).

De fato, a presença do diretor gera uma expectativa nos pais e também nos alunos, cujos nessas ocasiões, notavam os atores sociais e sabiam que seriam avaliados naquele treino ou jogo, pois encontramos comentários entre os alunos: “[...] está vendo aquele cara [dirigente do campo] ali em cima [arquibancada], ele é lá do campo, vamos falar para o João [nome fictício], jogar bem hoje, que será chamado para jogar com a gente no campo [...]”. (Diário de campo, 24.07.2012).

Com base nos dados obtidos e nos conceitos de Elias, tem-se a permanência da modalidade do futsal como prática esportiva dentro do clube como *habitus* que se formou ao longo dos anos e assim torna-se uma “segunda natureza”, isto é, acredita-se no futsal como necessário e impreterível na formação do jovem atleta que almeja o futebol de campo. Essa busca, se aproxima do que os atores sociais entendem como “natural” e estes precisam estar no ambiente do futsal para quem sabe, descobrirem novos jogadores para o futebol de campo.

⁶Ver:<<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2013/01/papoes-de-titulos-inter-e-sao-paulo-sao-os-campeoes-de-vender-craques.html>>. Acesso em 01/01/2013.

⁷Ver:<<http://www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=12&setor=148>>. Acesso em 05 jan. 2013.

⁸Ver:<<http://globoesporte.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2013/01/liga-nacional-de-futsal-define-tabela-da-competicao-em-2013.html>>. Acesso em 05/01/2012.

O clube como instituição, favorece a formação de conexões dos associados com alguma atividade esportiva e essas ligações ao longo dos anos facilitam a formação de grupos praticantes, nesta circunstância o futsal e, assim fazem com que essas atividades se tornem tradicionais, com características próprias, logo acontece uma identidade da modalidade com o associado. Na relação de poder com os demais clubes, há uma valorização maior deste se comparado com as demais equipes que competem na federação, explicada pelo fato deste clube ter a possibilidade de continuidade em outra modalidade: o futebol de campo.

O pai ao iniciar o filho no futsal, almeja uma carreira no futebol de campo e assume as expectativas comuns ao ambiente, como por exemplo, acreditar que o futsal pode lhe ajudar a ser jogador de futebol de campo e isso é incorporado, adquirido pelos atores sociais pesquisados no clube. Como o Brasil se destaca no cenário mundial em ambas as modalidades (futsal e futebol), talvez num futuro não muito distante esse *habitus* possa ser incorporado nas diferentes regiões do planeta.

Um dos pais entrevistados (PC3) afirma que manter o aluno no futsal é também prepará-lo no sentido de ganhar “agilidade” e contribuir posteriormente no futebol de campo. Isso também foi uma constante nas observações, pois nos treinos e jogos os pais ou responsáveis comentam sobre a evolução do aluno na parte física e técnica e assim entendem o que seus filhos precisam aprimorar para que tenham um melhor desempenho esportivo. (Diário de campo, 25/08/2012). Esses detalhes estão em consonância com a categoria denominada de “Fatores Pessoais”, ou seja, pais e alunos acreditam que a aderência no futsal é importante para melhorar o desempenho esportivo do praticante, sobretudo visando ser apto a jogar o futebol de campo.

Sobre as características em específico do jogo de futsal é necessário neste momento esclarecer alguns aspectos. Para Santana (1996), os fundamentos, como por exemplo, drible, passe, chute representam movimentos e gestos básicos para que o aluno possa praticar o esporte da forma mais natural possível. O autor salienta que fundamentos do futsal podem fazer parte de inúmeras atividades realizadas durante a aula, sobretudo através de jogos adaptados, que estimulem no aluno o desenvolvimento do raciocínio rápido, do melhor momento de usar o drible, passe, chute, deslocamentos corretos, noções de marcação, entre outros quesitos importantes para o jogo de futsal. Bompa (2001) ressalta que as capacidades físicas envolvem por exemplo, força, agilidade, velocidade e são fundamentais para as estratégias da equipe durante o decorrer dos jogos. Os jovens atletas apontam

algumas características básicas de jogar futsal/futebol e benefícios desta prática, os quais enquadrámos na categoria “Fatores Pessoais:

Eu jogo futsal pra ganhar mais **velocidade, drible**, tem a diversão também. Já faz um ano que jogo futebol de campo e o futsal tem me ajudado no campo, hoje faço vários gols que antes não fazia [...] parece que fica mais fácil, acho mais fácil o futebol de campo, tem mais espaço pra gente que sempre joga futsal [...]. (AC1, grifo nosso).

Tem uns meninos lá do futebol de campo que não entendem a gente, eles deveriam jogar futsal, são muito ruins, demoram demais com a bola [...] o futsal deixa você mais rápido, a gente do futsal quase não erra passe. Jogo campo há dois anos e **tem muita coisa que aprendi no futsal e que uso no futebol de campo**, principalmente drible e deslocamento [...]. (AC2, grifo nosso).

[...] eu me adaptei muito bem no futebol de campo, é diferente, você chega e não conhece todos os colegas e muitos não gostam da gente que joga futsal e futebol de campo [...] mas nós do futsal jogamos melhor do que aqueles somente do campo, eu tive que parar com o campo agora e jogava de volante, o futsal me ajudou bastante principalmente a sair jogando com a bola, iniciar as jogadas da equipe, fica muito mais fácil no futebol de campo [...]. (AC3).

A importância de continuar na modalidade relaciona-se com o *habitus*, pois para Elias (1994), esse *habitus* pode ser considerado tanto uma identificação pessoal, marca que distingue o indivíduo dos demais, como uma forma de distinção dentro da própria instituição esportiva. Enfim, a iniciação no futsal do clube passa uma “imagem ao longo do seu processo”, e aqueles que se sustentam na prática adquirem habilidades fundamentais se quiserem aspirar pelo futebol de campo.

A maioria dos alunos da categoria sub-13 jogam ou passaram pelo futebol de campo do clube e um dos pais com filho no futebol de campo, complementa:

Quando eu posso, acompanho o futebol de campo, segunda, quarta e sexta-feira [...] posso afirmar que os melhores do campo são os alunos que jogam futsal [...] isso é visível, esses meninos ficam mais espertos, com mais habilidade [...] por exemplo, meu filho joga de zagueiro, não dá pra comparar com o outro da mesma posição que joga somente campo, esse menino não sabe sair jogando, é somente chutão, balão para frente, **já o meu filho** e outros dois que jogam no meio de campo, **difícilmente erram um passe**, os meninos tocam a bola, driblam e tudo isso aprenderam aqui no futsal. (PC1, grifo nosso).

Alguns alunos entrevistados e de acordo com a fala do pai acima, jogam futsal nas terças e quintas feiras e futebol de campo nas segundas, quartas e sextas feiras. Os alunos da categoria sub-13, ao se manterem no futsal e futebol do clube, possuem uma carga considerável de treinos durante a semana e procuramos questioná-los sobre tal assunto. Segundo um dos alunos “[...] prefiro jogar futsal, o

treino é mais rápido, e é no local coberto, no futebol de campo às vezes tem muito sol, fico a tarde inteira e canso demais, mas mesmo assim quero jogar futebol de campo [...]”. (AC2). Apesar das dificuldades do futebol de campo, como jogar sob o sol e não fazer outra coisa durante a tarde inteira em virtude do treino, cujas situações são reconhecidas pelo aluno, porém prefere posteriormente continuar no futebol de campo do que o futsal.

Para outro aluno entrevistado percebemos que deixou a prática do futebol de campo, momentaneamente. O motivo infere-se que:

Estava no começo do ano, no futebol de campo e futsal do clube, **era muita tarefa pra mim**, jogava a semana inteira, minha mãe fez eu optar, tive que parar na metade do ano com o campo [...] no futebol de campo o treino é muito longe, minha mãe me levava e buscava no final da tarde, chegava muito cansado em casa e não conseguia mais estudar [...] **então tive que parar e optamos [pai e filho] no futsal, que é mais tranquilo**, é mais perto de casa, não preciso ficar a tarde inteira aqui [...] mas ano que vem, já até avisei aqui no futsal, vou ficar somente no futebol de campo. (AC3, grifo nosso).

A manutenção no futsal também advém por aspectos referentes à residência ser perto do local do treino, conseqüentemente há aproveitamento melhor do tempo. Nesse caso, o aluno reside perto do treino de tal modo que não precisa ficar a tarde toda em função deste, ao contrário do que acontece no futebol de campo. Apresentamos outro relato de um atleta sub-13 do clube:

Quando faço futsal parece que aproveito mais o dia, aqui é mais tranquilo [...] consigo fazer outras coisas em casa e somente depois que vou para o futsal, pois moro aqui perto [...] em casa eu estudo, descanso, assisto tv, consigo até jogar vídeo game com o amigo do futsal e o irmão depois do treino. (AC4).

Deste modo o aluno consegue aproveitar melhor seu tempo para desenvolver outras atividades e vai ao encontro do que aponta a narrativa de um dos pais entrevistados “[...] ele [atleta], quando chega em casa da aula, almoça, faz suas tarefas de aula para o dia seguinte, faz um lanche e somente depois, que vai para o treino de futsal [...]” (PC3), já no que se refere ao futebol de campo, verificamos relatos (AC2; AC3) de o treino durar todo o período da tarde, e assim, não é possível desenvolver outras tarefas.

Apesar de o futsal parecer mais acessível na iniciação do que o futebol de campo, percebemos que a aderência deste último prevalece sobre o futsal. O técnico desportivo argumenta:

Eles adoram o futsal, estão aqui pelo gosto, mas muitos tem a ideia de que o futsal é bom para dar uma base para o futebol de campo, aqueles papo do tipo, que vai dar um apoio, um suporte para o futebol de campo, eles escutam muito isso, principalmente dos seus responsáveis. Então, além de eles gostarem do jogo, eles visam o campo, **iniciando e permanecendo aqui no futsal do clube vai facilitar lá na frente**, quando forem para o futebol de campo. É como eu falei, o sonho deles é o campo. (TC1, grifo nosso).

Em consenso com os estudos sobre adesão (ver capítulo 3) no futsal, o técnico desportivo do clube, menciona que o gosto, o prazer de jogar também são condições que sustentam os alunos no futsal, adicionado ao sonho de estarem no futebol de campo. Outro fator da aderência, com base nos relatos dos sujeitos, é o fato do futsal desenvolver o talento dos participantes, que consideram esse esporte propício para o talento se desenvolver. Nesse contexto, segundo o técnico “[...] realmente todos os envolvidos acreditam que o futsal desenvolve raciocínio rápido, habilidade com a bola e outras capacidades físicas, mas dificilmente fala-se de um processo pedagógico para que isso aconteça [...]”. (TC).

Elias (1994) comenta sobre a aprendizagem que “[...] não são fixadas geneticamente, mas sim construídas pelos próprios seres humanos e adquiridos por cada membro individual de uma sociedade ao longo de um extenso processo de aprendizagem [...]”. Elias (1995) quando trata da genialidade musical de Wolfgang Amadeus Mozart no século XVIII, revela que já naquela sociedade era comum existir expressões de “gênio inato” como se o talento fosse herdado geneticamente. Porém, o autor salienta que Mozart teve preparo, um ensino para ser músico reconhecido.

Nunca teve má opinião de si mesmo ou de sua obra e poucas vezes relaxou em seu trabalho artístico. Sua educação básica ajudou-o a adquirir a capacidade de improvisar musicalmente ao gosto da época, ou seja, da maneira exigida pelos padrões da classe dominante. No que se referia à música, ainda se tinha como certo que o artista devia seguir o gosto da audiência, socialmente superior. (ELIAS, 1995, p. 41).

Norbert Elias revela ser simplesmente impossível para uma pessoa ter uma propensão geneticamente enraizada de fazer algo como a música de Mozart, pois o meio tornou possível o desenvolvimento de seu talento como músico e compositor. Segundo Elias (1995, p. 22), ao descrever sobre o pai de Mozart, menciona que:

“[...] não apenas educou musicalmente o jovem [...] como também buscou conformar seu comportamento e sentimentos ao padrão da corte”.

No clube pesquisado, percebemos na fala do técnico que o jovem atleta, considerado muito talentoso, pode ter alguns privilégios durante treinos e jogos.

[...] temos um aluno, destaque no futebol de campo e no futsal, é muito bom, **tem muito talento, isso parece ser dele mesmo, porque vem desde o sub-07** sendo o destaque [...] as vezes esse aluno muito bom falta aos treinamentos da semana, mas é escalado tranquilamente num jogo importante, pois é muito bom, a gente sabe que o talento dele vai resolver a partida. [...] os colegas dele e pais entendem que **esse aluno pode faltar treino e mesmo assim jogar**, reconhecem que o menino pode decidir um jogo. (TC, grifo nosso).

Dessa maneira, nesse meio clubístico pesquisado há o entendimento, inclusive para os técnicos, que na iniciação ao futsal existe o jovem atleta possuidor de talento inato, algo a mais se comparado com os demais, e isso fornece alguns privilégios válidos somente para esse menino talentoso, como chegar atrasado num treino, não treinar e ainda assim, permanecer no futsal, jogar finais de campeonatos, ou partidas consideradas importantes.

Na perspectiva de se manterem no futsal por ser um importante auxílio para o futebol de campo, todos os jovens atletas iniciantes do clube assumem o fato que terão de optar em qual ambiente devem permanecer, ou seja, muito em breve o futsal pode não ser mais praticado. Vejamos os depoimentos:

A ideia é jogar mais o ano que vem futsal e depois optar somente pelo futebol de campo. [...] ainda tenho mais um ano do sub-13 no futsal e pretendo ficar até o final dessa categoria [sub-13]. A gente [amigos do futsal] não vai para o futsal, já até me convidaram para mudar de clube, mas é difícil, apesar de gostarmos do futsal, **o futebol de campo tem mais futuro, ganha-se mais que o futsal né!** [risos]. (AC1, grifo nosso).

Ano que vem quero ficar só no campo [futebol de campo], ai vou me dedicar mais ao campo [...] o campo tem mais futuro e ainda fica muito corrido, cansativo jogar futsal e campo [...] não tenho muito tempo, falto demais na escola, ano passado quase reprovei de ano, não conseguia estudar. (AC3).

Tive que parar na segunda-feira com o futebol de campo, ai compenso na quarta-feira, chego antes do horário de início e faço um treino físico na quarta-feira para compensar segunda-feira, que sempre falto porque tenho que fazer outras coisas. Ano que vem continuo no futsal porque é meu último ano do sub-13 e moro aqui perto, ai a gente joga sempre mais no último ano, mas depois acho que vou ficar somente no campo [...] o professor do campo cobra isso, que vai ter que optar, ou campo, ou futsal e vou optar pelo campo né! (AC4, grifo nosso).

Nestes depoimentos reafirmamos na visão dos alunos a dificuldade de permanecerem no futsal e no futebol de campo. Se por um lado, estar no futsal é prazeroso, melhora o desempenho esportivo para o futebol de campo, por outro, a prática sistematizada de ambos, faz com que os alunos cansem, tenham problemas na escola e não consigam fazer outras tarefas, além das esportivas. O motivo dos alunos optarem futuramente em permanecer e dedicarem-se somente no futebol de campo, dá-se pela necessidade de obter um tempo livre para outras tarefas, como por exemplo, um momento destinado as obrigações escolares. Acrescenta-se o motivo do futebol de campo ser mais lucrativo, porque os entrevistados acreditam e entendem existir um futuro melhor se permanecerem somente na prática do futebol de campo. Em outras palavras, existe perspectiva da recompensa financeira ser maior ao praticar futebol de campo, do que futsal.

Segundo os alunos (AC1; AC4), o fato de estar no último ano da categoria sub-13 é relevante para que permaneçam no futsal, pois normalmente são esses, os que mais participam dos jogos, pois são considerados mais experientes e aptos do que aqueles do primeiro ano da referida categoria. Para os pais, outro motivo dos atletas aderirem ao futsal somente até uma determinada idade é devido “[...] o futsal adulto em Curitiba ser muito fraco, o clube até possui o futsal profissional, mas é muito recente, você não sabe se vai continuar no ano seguinte e não pode comparar com o futebol de campo [...]”. (PC4). Em outras palavras, percebemos na visão do pai a falta de uma referência aos iniciantes no futsal do clube com uma equipe adulta competitiva nessa modalidade, e assim poderíamos afirmar que a referência para os jovens praticantes do futsal, é a equipe profissional de futebol de campo do clube. Deste modo, a falta de representatividade do futsal adulto do clube, é um motivo dos jovens permanecerem até determinada categoria no futsal, sub-13 ou sub-15, e depois buscar almejar o futebol de campo, para quem sabe ser uma futura profissão.

O diretor de esportes do clube argumenta sobre a sequência futsal:

Aqui no clube, **o futsal possui a intenção que o aluno permaneça**, continue em outras categorias, a nossa formação é nesse sentido, que o aluno continue até o adulto [...] hoje na equipe adulta a maioria dos atletas vieram das categorias de base [...] o que acontece em Curitiba é o futsal adulto precisar de patrocínios e a falta deles fazem com que os atletas, muitos deles, trabalham e jogam [...] os pais das categorias menores percebem que o futsal adulto não é totalmente profissional e não se compara ao futebol de campo, e certamente apesar de termos uma formação, na qual esperamos que o aluno permaneça em outras categorias, sabemos que o futebol de campo chega um momento que **passa a ser a aposta principal da família**. (DC, grifo nosso).

É nítida a intenção do diretor e do técnico de que o jovem atleta deve permanecer no futsal, jogar em categorias subsequentes até chegar na adulta, o que chamamos: aderência ao futsal. Muito embora, verificamos na visão parental e do aluno, parecer que essa formação no futsal da sub-13 logo será interrompida, a medida que os interesses desses sujeitos voltem somente à formação de um futuro jogador de futebol de campo.

Poderíamos fazer uma analogia com as ideias de Elias (2008), quando explica no livro “Introdução a Sociologia”, capítulo intitulado Modelos de Jogos, as relações estabelecidas na sociedade “[...] que baseiam-se em duas ou mais pessoas que medem suas forças [...]”. (Elias, 2008 p.80). Nesse capítulo o autor aponta e descreve vários modelos de jogos para explicar as relações sociais, com base no potencial de poder entre, por exemplo, as pessoas que estão se relacionam numa determinada esfera. No caso deste estudo, utilizamos um dos modelos de jogos denominado “várias pessoas num só nível”, pois temos os atores sociais pesquisados: dirigente, técnico, pai e aluno que interagem no ambiente do futsal e de acordo com Elias (2008), as forças de poder entre esses sujeitos devem buscar um equilíbrio nas relações que se estabelecem entre eles.

Logo, constatamos com os dados obtidos, que o potencial de poder na formação esportiva do futsal é maior para os pais e alunos, pois vimos nos relatos acima, esses serem os sujeitos que definem se permanecem na iniciação ao futsal do clube, ou seguem somente com a formação voltada para o futebol de campo e fica evidente o interesse do responsável em influenciar no destino de onde seu filho irá atuar, que será no futebol de campo. O técnico da categoria sub-13, atua como auxiliar técnico da categoria adulto e completa tal raciocínio com um importante depoimento sobre a aderência futsal/futebol de campo:

Muitos dos atletas que estão atualmente na equipe adulta, tentaram em algum momento nas categorias menores de futsal, o futebol de campo do clube [...] depois de um tempo alguns alunos voltaram para o futsal e estão até hoje no clube fazendo parte da equipe adulta de futsal. Então isso acontece muito aqui, nós não impedimos ninguém de sair, pelo contrário, sempre incentivamos o sonho do aluno e do pai, mas eventualmente eles voltam para o futsal, porque o futebol de campo do clube é difícil, não tem transporte, o jovem precisa ficar o dia inteiro, não recebe nada, no geral não se investe muito na base e as condições de treino são as mesmas do que aqui no futsal. (TC).

O técnico aponta que o jovem atleta pode permanecer no futsal e posteriormente decidir somente praticar o futebol de campo, apoiando essa escolha de pais e alunos. No entanto, se por algum motivo esse aluno, desistir do futebol de campo e voltar a aderir ao futsal, será bem recebido novamente pelo técnico. De fato, o clube não investe nas categorias de base e os jovens atletas que permanecem e se destacam no futsal têm facilidade em chegar ao futebol de campo, porém nota-se a dificuldade estar na aderência desse esporte, o que poderia ser facilitada por melhores investimentos na formação desses atletas, como por exemplo: transporte para o aluno ir e voltar do treino. Os pais entrevistados demonstram essa preocupação, percebem como funciona o futebol de campo, ao fazerem comparações entre a aderência ao futsal com a do futebol de campo:

[...] o ambiente do campo parece que é mais disputado, tem mais gente do que no futsal e tem outro fator, o menino perde a tarde inteira para ir lá treinar, não se alimenta direito, as vezes não come nada a tarde inteira, isso desgasta muito [...] tem uns que já desistiram devido essas coisas, falta de estrutura mesmo, a gente sabe disso e o clube não vai investir na base, nos detalhes sabe [...] o clube sabe que vai formar o menino e depois vender, tem vários exemplos assim [...]. (PC1).

[...] se fosse para comparar, permanecer aqui no futsal seria muito melhor, no futebol de campo o dia que tem sol, ele chega em casa com dor de cabeça, chega com muita fome [...] as vezes o futebol de campo acontece no frio, chuva, sem falar no final de semana que sempre tem jogo, as vezes a gente pensa nisso, para ver se vale a pena mesmo passar por isso [...]. (PC2).

Eu até preferiria que continuasse no futsal, mas vamos tentar o futebol de campo, o ambiente aqui é melhor, a gente tem mais contato sabe, como pai preferiria que ele [atleta] continuasse aqui no futsal, mas ai entra o sonho dele e nosso também [...] mas se vier a voltar depois somente para o futsal não vejo problemas, eu acompanho o time adulto aqui, eles tem seu emprego, treinam e continuam sempre jogando [...]. (PC3).

Em síntese, as narrativas revelam detalhes relevantes à aderência ao futsal clubístico, como por exemplo, a estrutura, ou local onde são realizados os treinos de futsal, onde os jovens atletas, em dias de frio e muito sol, executam suas atividades esportivas num ambiente fechado, o que não ocorre no futebol de campo. Nota-se a preocupação dos pais com a alimentação de seus filhos, pois poderíamos dizer que o aluno consegue fazer um lanche antes do treino de futsal, tal fato, parece não ser possível quando há o treino de futebol de campo. Também entendemos, permanecer somente na prática do futsal, é sinal de que não haverá jogo em todo final de semana e o aluno poderá supostamente desenvolver junto aos familiares, outras atividades. Nos depoimentos abaixo, outras particularidades à aderência.

[...] na verdade, amigo mesmo ele possui somente um que fica aqui em casa frequentemente [...] os outros eles se dão bem, se relacionam bem e aprenderam a respeitar. Eles gostam do grupo do futsal, a maioria percebo que se relacionam bem, eles querem se divertir entre eles [...] com o técnico que está esse ano, eles estão com medo de discutir, mas com o antigo do ano passado eles discutiam bastante, eles falavam: ``tem que fazer isso, não é assim, porque você não faz isso``. Então, posso dizer que eles gostam do ambiente, dos amigos do futsal [...] **permanecer no futsal ajuda eles nisso, de conversarem bastante, interagirem com os colegas e acredito que o grupo, pelas amizades** que criam, também é importante para eles continuarem no futsal. (PC1, grifo nosso).

[...] a questão de estarem com os amigos, não estarem na rua fazendo o que não deve é importante para que continuem aqui. Aqui eles aprendem coisas boas como, se relacionarem com os colegas, meu filho melhorou bastante essa parte de saber se expressar, antes era muito tímido [...] e tem a parte de respeito com o próximo, com as regras, isso o esporte ensina para eles [...]. (PC2).

O meu filho veio da escolinha do clube, no começo foi um pouco difícil, não passavam a bola para ele [...] mas logo se adaptou com os colegas, o professor ajudou bastante nessa parte de sociabilização e ele melhorou bastante, hoje está super bem aqui, tem vários amigos no futsal, diferente do futebol de campo, pois ele não sabe, nem o nome de alguns colegas. (PC3).

É importante estar no futsal, segundo a visão parental, porque é um ambiente que contribui para a formação do aluno quanto cidadão e este precisa conviver, respeitar todos os envolvidos na modalidade, bem como aprender a se relacionar com seus colegas. Também, há preocupação no fato, enquanto o aluno permanece no futsal ele fica focado, tem uma atividade para deixa-lo longe das ruas, drogas, entre outros malefícios característicos de jovens das grandes cidades. As observações contidas no Diário de campo revelam algumas características dos alunos que permanecem no futsal e asseguramos estarem em consonância com o relato dos pais:

Os alunos ao chegarem no ginásio primeiramente cumprimentam aqueles colegas que aguardam o treino na arquibancada e logo em seguida conversam sobre diferentes assuntos, o que para eles a conversa parece estar muito interessante e engraçada [...] ao descerem para quadra cumprimentam os professores e ainda alguns alunos que estavam no treino anterior. Como de costume solicitam ao professor, uma bola para começarem o aquecimento que por sinal, é um dos momentos mais divertidos para eles [...] Durante o treino, a aula é direcionada e quando o professor solicita à atenção, todos com muito respeito escutam as orientações do professor [...] No treino não há problemas disciplinares, acontecem eventuais faltas e cobranças entre todos os envolvidos no sentido de **melhorar o rendimento**, mas entende-se que são devido a situação do treino e do contexto [...] No fim do treino geralmente todos se cumprimentam novamente e a maioria retornam para suas casas. (Diário de campo, 18.05.2012, grifo nosso).

A disciplina no treino, respeito com o professor, colegas e pais são condições importantes para formação do aluno. Segundo o técnico do clube o aluno precisa melhorar seu comportamento e pensamento, também durante uma partida de futsal, pois “[...] quando não está no jogo precisa aprender a respeitar aqueles que jogam no momento, e entender que vai ter oportunidade de jogar [...]” (TC). De fato, o técnico possui um poder na escalação de um time, pois nesse estudo, ele coloca para jogar quem ele bem entender, e o aluno, os pais precisam muitas vezes concordar com isso. Para complementar, recorreremos ao Diário de campo, em anotações que envolvem uma partida do clube pelo Campeonato Metropolitano de Futsal e constatamos:

Antes de começar o jogo os alunos aquecem, através de alongamentos e depois aquecimentos sem e com a bola. Os alunos parecem bem concentrados para o jogo. Durante o jogo o professor faz diversas substituições, alguns alunos **parecem demonstrar insatisfação**, sobretudo quando são substituídos, mas respeitam a opção do técnico [...] os familiares muitas vezes não concordam com as substituições de seus filhos [...] os alunos que não estão jogando [reservas] **escutam orientações de seus familiares que estão na arquibancada**, desde dicas quanto a parte tática, até motivacional. Por sinal, parecem que os alunos escutam mais os familiares do que o professor, porque ao entrarem na quadra e quando possível olham para os pais e executam as solicitações destes [...] a alegria maior durante o jogo realmente é o gol, todos comemoram, jogadores e torcida, já o contrário, quando levam um gol, ou acontece alguma discordância com relação a arbitragem da partida, a insatisfação toma conta de todos do grupo, inclusive dos familiares da arquibancada [...]. (Diário de campo, 30.06.2012, grifo nosso).

O aluno no clube aprende a conviver diariamente no futsal com frustrações, como a de não jogar, ficar no banco de reserva, ser substituído, ou o momento quando a equipe levar o gol e assim, saber encarar e conviver da melhor maneira possível com as situações que envolvem o grupo durante jogos e treinos. Elias (1991) no seu trabalho “Sobre os seres humanos e suas emoções” afirma que:

O mutável equilíbrio entre impulsos emocionais e controle emocional de contenção de impulsos se mostra por si mesmo nos movimentos de uma pessoa, em seus gestos e em suas expressões faciais, que são sinais por meio dos quais as pessoas comunicam, involuntariamente ou intencionalmente, a condição da auto-regulação de suas emoções a outros seres humanos. (ELIAS, 1991, p. 23).

Nas observações (Diário de campo, 2012) em dias de jogos, percebemos em grande número a presença de familiares dos participantes, que demonstram nos jogos manterem comunicação com os alunos e agirem - através de gestos e

expressões - de acordo com as circunstâncias do jogo. Extraímos relatos das entrevistas com os pais, sobre os jogos de seus filhos:

O jogo é uma alegria pra nós [...] a gente consegue estar mais próximo dele [aluno], ele escuta muito a gente, durante o jogo ele olha para gente e nós pedimos calma pra ele [...] parece que dá certo sabe, ele logo entra e faz uma coisa boa na partida [...] a gente *motiva* mesmo, tem que apoiar, até quando erra, ele precisa disso e as vezes o professor não percebe, são vários alunos que ele possui, mas deveria motivar mais os meninos. (PC1, grifo nosso).

[...] gosto que eles [alunos] fiquem no futsal por causa que consigo assistir a maioria dos jogos dos meus filhos, tenho outro filho no sub-15 e é uma alegria para mim, **fico emocionado mesmo, as vezes perco a cabeça aqui, brigo com o árbitro, professor, com outro pai, mas é uma satisfação muito grande** sair de casa e ver os meninos jogarem [...] essa é a parte boa do jogo, o que parte o coração é ver eles tristes quando perdem, ou quando erram uma coisa durante o jogo, são substituídos, mas eles precisam saber suportar isso e acho que estão aprendendo com o idade. (PC2, grifo nosso).

No dia de jogo ele fica nervoso, as vezes nem dorme no dia anterior, isso ele precisa **aprender a controlar**, já esta melhorando [...] quando ganha é uma festa, quando faz gol então em casa ninguém segura, isso é muito bom para eles que jogam, é uma emoção para nós que assistimos e pra eles também [...] quando perdem um jogo que é considerado difícil, você percebe que eles sentem, eles são competitivos demais e precisam conviver com isso da melhor forma possível, a vida é assim, não é somente ganhar e o futsal ensina isso pra eles. (PC3, grifo nosso).

Pelos dados obtidos assistir ao jogo de futsal do filho é uma satisfação grande para o pai e faz com que este incentive o aluno a permanecer no esporte, Para Elias e Dunning (1992, p.47) “[...] quando se assiste a um jogo de futebol, não é apenas o clímax representado pela vitória da nossa equipe que oferece emoção e prazer [...]”.

Assim, a iniciação ao futsal é um jogo que possui emoção. O esporte é um elemento que norteia os sentimentos dos indivíduos nas sociedades modernas (DUNNING, 1999) e nesse estudo, ajuda a fazer uma analogia com a satisfação do pai em assistir seu filho jogar futsal, bem como, a emoção proporcionada ao praticante. Seguramente, isso é um fator pertinente para que pai e filho se mantenham interessados na prática do futsal.

4.4.2 Aderência à prática do futsal na escola.

Apresentamos as principais características do futsal na escola – extracurricular – de acordo com o processo de aderência do aluno nessa modalidade. Segundo o professor da escola, os alunos “[...] não gostam de fazer os fundamentos técnicos que existem no início da aula de futsal, mas falo pra eles que

são importantes, e já melhoraram nesse aspecto [...]” (PRE). Diante disso, os alunos revelam o que mais gostam na aula de futsal:

Eu fico muito feliz quando jogo o futsal depois da aula, desço animado porque sei que vou jogar com meus colegas e isso **faz com que a gente sempre jogue no extracurricular** [...] durante a tarde, no recreio as vezes nós ficamos montando os times para chegar na aula e já irmos direto para o jogo e isso as vezes chama outros colegas também para o futsal [...] (AE1). Nós gostamos é de jogar, de fazer gols durante as partidas, de brincar com os colegas e no outro dia sempre comentamos sobre o jogo que aconteceu na aula anterior [...] até gosto dos fundamentos, o professor motiva, fala que até os profissionais fazem, mas prefiro o jogo, é muito legal essa parte, divertido, e é **importante para que continuamos no futsal da escola** [...] (AE2, grifo nosso).

A presença dos fundamentos (drible, chute, passe), ou do gesto técnico, parece ser compreendida pelos alunos iniciantes ao futsal, mas podemos afirmar que não é o principal fator para que estes se mantenham na aula e sim, o fato de jogar futsal com os amigos, pois isso pode gerar comentários entre os alunos antes ou posterior à aula, condição de aderência relacionada com a categoria “Organização da Prática Esportiva”. No estudo sobre adesão ao extracurricular de futsal (Ver item: 3.4.2), verificamos que o gosto pela atividade é importante para o aluno iniciar nessa modalidade. À proporção que surgem outras questões, como por exemplo, os laços de amizades e comentários alusivos ao jogo de futsal, fazem o gosto pelo esporte aumentar, logo, pode-se afirmar que o processo de aprendizagem será melhor aceito entre os alunos e o desenvolvimento do gosto de jogar é um grande fator de aderência no futsal da escola.

Com os depoimentos observamos certo grau de envolvimento entre os alunos do futsal escolar, estes criam laços em comuns com os demais integrantes. De fato, podemos dizer que o jogo, contribui para esses laços se manterem estáveis entre os participantes do extracurricular.

Durante a aula o professor propõem algumas atividades individuais envolvendo fundamentos (drible, chute, condução de bola), que normalmente levam em torno de 10 minutos. Os alunos fazem esses fundamentos [...] parece que servem de aquecimento, ou preparação para o jogo, visto que os alunos geralmente depois um tempo, requerem que os fundamentos devem ser finalizados e o jogo começar [...] o professor concorda com os alunos e logo as atividades são decorrentes do jogo entre os participantes. (Diário de campo, 21.08.2012).

Através das anotações, percebemos que o professor compreende o contexto do futsal escolar, respeita a vontade dos alunos na qual a aula baseia-se sob a forma de jogos e acreditamos, a maneira de acontecer a aula consistir num papel importante na manutenção de alunos no extracurricular pesquisado. O professor complementa: “[...] nunca ninguém desistiu porque a metodologia, ou a didática não se adequava. Eu ensino através do lado lúdico, para eles gostarem e permanecerem nas aulas [...]” (PRE). Em outras palavras, podemos dizer que os aspectos presentes nas aulas, são uma motivação para os alunos permanecerem na atividade, conseqüentemente, possibilita o envolvimento entre os indivíduos, cria impressão de pertencimento à um grupo. Dunning (1999, p. 9) afirma que:

Os laços que os humanos formam envolvem ambos em direta interdependência com as pessoas concretas como pais, filhos e amigos, e, indiretamente com coletividades como cidades, mercados, grupos étnicos e nações, tais laços tendem a ser simultaneamente inclusivos e exclusivos.

O autor nos remete a ideia de identidade, um auxílio para entendermos os motivos que levam os jovens a permanecerem no futsal, como por exemplo, na aceitação do aluno pelo grupo, é um grande argumento. Também, vimos que as relações de amizade permitem formar uma identidade de grupo e isso ocasiona na manutenção da prática de futsal extracurricular, até mesmo em categorias subsequentes.

No estudo sobre adesão ao futsal escolar, fizemos uma analogia das ideias de Elias e Scotson (2000), no sentido de existirem alguns alunos desistentes do extracurricular, uma vez que são convidados a fazerem parte de outro grupo, como por exemplo, a equipe de futsal do colégio, formada por alunos selecionados e considerados bons para o jogo de futsal. De fato, na faixa etária dos 13 anos, os alunos pesquisados que saem do extracurricular não conseguem jogar em outras equipes (na própria escola ou em outros clubes), e para os autores Elias e Scotson (2000), tal situação se enquadra no que eles chamam de “Estabelecidos”, ou seja, há o grupo que já está formado, estabelecido, logo, pode tornar-se difícil a entrada de outros participantes. Inserir-se num novo cenário no futsal pode exigir além da competência técnica, fatores externos ao próprio esporte em si: como exemplo, podemos citar a sociabilidade. Os autores apontam que ao “adentrar uma nova

configuração”, as pessoas são “anônimos” e muitas vezes não conseguem ser aceitas dentro de um padrão, e, assim são chamadas pelos autores de “Outsiders”.

Poderíamos com essas ideias até mesmo justificar o fato de alguns alunos estarem dois, ou três anos no grupo de futsal do extracurricular, pois com base nos dados obtidos evidenciamos que existem alunos iniciantes na sub-07 com aderência em categorias subsequentes, ou seja, o garoto adaptou-se com seus colegas e com o ambiente. O professor conclui ao mencionar que “[...] se a turma é formada por amigos que fazem a aula, os alunos continuam no futsal, por mais que um jogue melhor que o outro [...]”. (TE).

Nas observações, comprovamos ser muito comum no extracurricular, o aluno aderir à prática do futsal no decorrer do ano e isso, algumas vezes acontece dos iniciantes não estarem no mesmo nível técnico, ou com o mesmo ritmo daqueles alunos que já estão no futsal desde o início do ano. O cenário do futsal pesquisado é formado por participantes de diferentes níveis e habilidades, pois possui os alunos que ingressaram recentemente e aqueles adeptos desde as categorias menores. Muito embora, verificamos nas observações e depoimentos (AE2; PRE), o que produz a permanência na aula não é o ponto se o aluno é considerado bom ou ruim para o desenvolvimento do futsal, todavia, o grupo, a maneira como a aula se desenvolve, sobretudo através da prática do jogo são condições que influenciam na aderência ao futsal escolar.

Em outras palavras e segundo as ideias de Elias e Scotson (2000), nesse estudo podemos dizer que o aluno participante do extracurricular de futsal e detentor de grande habilidade técnica, ou um excelente entendimento do jogo de futsal, ao ponto de ser convidado a participar da equipe principal do colégio, não pode ser considerado por isso, um “outsider”, já que prefere permanecer no extracurricular, apesar de possuir condições (técnica, tática) muito superiores do que os seus demais colegas. Portanto, há indícios de que a grande presença de alunos que continuam no extracurricular, ocorre em virtude das categorias “Ambiente e Clima de Grupo” e “Supervisão da Atividade” respectivamente.

O diretor esportivo da escola, complementa o motivo da aderência dos alunos com diferentes fatores:

O pai precisa pagar uma mensalidade para manter seu pupilo no futsal, mas quanto a isso não vejo problemas, nunca tivemos reclamações sobre o valor da mensalidade [...] **para os pais, percebemos que o importante é seus**

filhos estarem bem e fazendo uma atividade física na escola, eles [pais] se preocupam com a saúde dos alunos. (DC, grifo nosso).

A atividade extracurricular de futsal da escola possui uma mensalidade e para o diretor o valor da taxa mensal está de acordo com o público da escola, já que não observamos nos relatos, comentários dos pais ou responsáveis referentes ao valor da taxa da mensalidade. A categoria “Saúde”, identificamos nesse depoimento, ser importante na manutenção da atividade física dos alunos e assim o futsal é uma forma de contribuir para a qualidade de vida dos participantes. Com base na fala do pai: “[...] considero importante que meu filho permaneça no futsal para que melhore a saúde dele, eles ficam muito sentados hoje, muito computador em casa, muito estudo, por isso o futsal é uma forma de mantê-los ativos, correndo, fazendo uma atividade física [...]” (PE3). Para o pai, a prática do futsal é uma forma do aluno fazer algo diferente além de estudar, mudar a rotina, um momento para sair do stress, do sedentarismo através de uma prática esportiva saudável.

Outro fator relevante para manutenção das turmas de futsal possui relação com o horário que é realizado a aula extracurricular. Vejamos os relatos abaixo:

Aqui na escola, sempre vai existir essas turmas de esportes, hoje temos **aproximadamente 50% dos alunos da escola que permanecem após o horário de suas aulas para desenvolver alguma atividade oferecida pela escola** [...] como já falei é uma forma do pai aproveitar o tempo e manter o filho numa atividade física, já que muitos moram em prédios, ou lugares onde não possuem esse momento que oportuniza um esporte e ainda, sob cuidados de profissionais capacitados (DE, grifo nosso).

Para que ele prossiga no futsal é necessário o horário da aula continuar o mesmo, 18h. Veja, ele depois do futsal ainda faz catequese, como pai, isso é bom, ele faz um esporte na escola [...] também tem a questão que facilita para mim, não preciso levá-lo em outro local para fazer esporte e catequese, não tem como eu sair do trabalho, levá-lo até outra escolinha e depois ter que buscar novamente meu filho [...]. (PE1).

Ele vai fazer enquanto achar melhor para ele [...] desde que faça alguma coisa nesse horário [...] É importante meu filho ocupar esse tempo que ele me espera na escola e não fique vagando pela escola [...] eu sempre vou mantê-lo nessas atividades depois da aula. (PE2).

O colégio oferece bons professores e segurança para os alunos e isso deixa a gente tranquilo e faz com que eu **autorize meu filho a sempre jogar o futsal** [...] no começo ele se machucava demais e o colégio oferece esse apoio através da saúde escolar e isso é importante para segurança dele. (PE3, grifo nosso).

Segundo a direção do colégio, as atividades esportivas ou culturais sempre existirão na instituição, devido atualmente as grandes cidades não possuírem espaços o suficiente para que os alunos façam atividades físicas sem

acompanhamento. De fato, surge a necessidade de a escola oferecer tais práticas com orientação de profissionais capacitados e com isso, os pais ou responsáveis depositam confiança na instituição, deixam seus pupilos na escola para praticarem um esporte, que por sinal, é mais preferível ao aluno ocupar o tempo, do que esperar o seu transporte para voltar pra casa, sem fazer nenhuma atividade física, ou passeando pela escola. Quanto ao horário da atividade acontecer às 18h, verificamos estar de acordo com a disponibilidade dos sujeitos entrevistados, auxilia para que o aluno permaneça no futsal, conforme acrescenta o professor da turma:

[...] percebo que alguns pais chegam normalmente na metade da aula, lá pelas 18h30, porque não conseguem estacionar aqui no centro [...] **é muito movimento nesse horário, por isso os pais comentam que deixar o filho aqui é bom pra eles também**, o horário facilita, os pais assistem um pouco da aula e logo vão embora com seus filhos [...]. (PRE, grifo nosso).

Assim, o horário da atividade facilita a aderência no futsal de tal modo, notamos que não interfere diretamente na rotina dos responsáveis, pois alguns pais assistem aos treinos na escola. Vejamos alguns relatos:

Deveria assistir mais aos treinos e quando posso, saio um pouco antes do trabalho e assisto [...] gosto bastante, acho que eles melhoraram o desempenho se comparado com o ano passado. Percebo que eles gostam demais e o interessante é que depois ficamos discutindo sobre o jogo [risos] isso para gente é bom que ele permaneça no futsal [...] acho que ele precisa se soltar mais, ele precisa ter mais atitude, mas é dele mesmo ele gosta mais de passar a bola ele comenta isso [...]. (PE3).

Chego a tempo de assistir a aula, na verdade as vezes eles mais brincam do que jogam e é isso o que eles querem mesmo, aqui não tem rivalidade entre eles, a gente entende que é para eles relaxarem mesmo (grifo nosso) [...] acho legal vê-lo jogar, as vezes filmo algumas coisas, depois mostro para ele e para o pai [...] ficamos comentando sobre o jogo, tem bem mais comentários do que as outras matérias [risos] [...]. (PE2, grifo nosso)

[...] gosto quando ele [pai] assiste, ai sempre comentamos depois, fico meio nervoso no jogo, porque quero mostrar que sou bom [risos] [...] nós conversamos e em casa ele me mostra como tem que chutar a bola, marcar e me ajuda no jogo. Melhorei no chute já! [...]. (AE2).

[...] as vezes eles [pai e mãe], assistem aos jogos e ficam dando risada da gente [...] gostam quando eu faço gol, mas as vezes fico com um pouco de vergonha, ficam gritando na arquibancada, isso quem faz são as mães, tem sempre umas das mães que estão nas aulas. (AE3).

Acreditamos que a motivação dada aos alunos pelos pais, é um incentivo a aderência ao esporte, ou seja, existe o apoio e acompanhamento familiar, fundamental para o engajamento do jovem praticante com o futsal. Parece que os pais dos alunos assistem às aulas conforme estão disponíveis, pois chegam a tempo

de começar a aula, ou até mesmo saem antes de seus trabalhos a fim de prestigiar seus filhos. Fica claro que os alunos gostam de demonstrar uma boa técnica durante o jogo, ao fazer um gol ou um bom passe para o colega, contudo podemos dizer que não existe por parte dos pais uma cobrança com relação ao desempenho no esporte, visto que eles entendem o ambiente ser propício a diversão com os amigos.

Durante a pesquisa, ficou nítido que o futsal praticado somente através das aulas é o suficiente para os alunos permanecerem na prática. Competições, ou festivais esportivos, não são relevantes em termos de manter o grupo motivado para tal atividade, visto que o cenário do futsal escolar não possui rivalidade entre os praticantes, conforme observações:

[...] os alunos jogam entre eles, a medida que o jogo vai acontecendo o professor muda as equipes com a intenção dos alunos interagirem entre eles, não como uma forma de deixar uma equipe mais forte e outra mais fraca, o professor sempre incentiva seus alunos [...] os alunos não questionam tais mudanças, parecem acostumados com o procedimento do professor, pois percebemos que sempre jogam nas equipes com diferentes colegas, sempre com muito respeito entre todos, como por exemplo, sem agressões durante os jogos. Quando os gols acontecem, de fato existe uma comemoração entre a equipe que fez o gol, porém não existe uma preocupação exacerbada com aqueles alunos, que digamos falharam no momento do gol adversário, por sinal, como de costume o professor orienta e motiva a equipe que sofreu o gol. Percebemos que o jogo logo tem início novamente e segue com essa dinâmica até final da aula [...]. (Diário de campo, 14.08.2012).

Diante do relatado, o futsal extracurricular tem a intenção de que todos participem em igualdade (aluno jogar aproximadamente o mesmo tempo que o colega), pois entendemos que a intenção é manter o grupo através da coletividade (sempre que possível mudar as equipes), com respeito entre os colegas, sem preocupação exagerada nos erros e nota-se uma atitude motivadora dos pais e professor com os alunos. Logo são condições imprescindíveis para que os participantes permaneçam no futsal.

Analisamos abaixo, relatos dos alunos quando perguntados sobre os motivos importantes para não mais permanecerem no futsal escolar:

Acho que primeiro tem o comportamento, já fui punido pelo comportamento em sala, fiquei sem jogar um tempo, mas agora já melhorei bastante, o esporte me ajuda, fico mais calmo [...] e depois **tenho que estudar**, temos um combinado em casa, se for bem de nota eu continuo a jogar e fazer outras coisas que gosto, caso contrário eles [pais], devem me tirar alguma coisa [...]. (AE1, grifo nosso).

Acredito que se tiver muito **mal de nota**, não devo mais jogar o futsal até que recupere esta nota, minha mãe sempre comenta isso, o pai não liga tanto e as vezes minha mãe pede para faltar o futsal e estudar para a prova de quarta feira [...]. (AE2, grifo nosso).

No início do ano precisei parar com o futsal por causa das notas, não estava estudando, ai como castigo eles [pais], me proibiram de jogar até que recuperasse minhas notas [...] mas logo voltei, fiquei pouco tempo fora e agora estou bem de nota, vou continuar no futsal. (AE3).

Verificamos nos três alunos entrevistados, o bom rendimento escolar ser fundamental para que eles permaneçam no futsal da escola. Os depoimentos revelam um diálogo entre pais e alunos no sentido de existir uma regra quanto às obrigações escolares, na qual os meninos devem estudar para não serem punidos pelos pais. Em outras palavras, se os alunos forem mal de nota, logo significa que a aderência deles no futsal não está mais garantida, visto que violaram a regra ao falharem nas obrigações escolares.

Ao analisarmos as diretrizes curriculares da instituição na qual se encontram os alunos na faixa etária analisada, constatamos que realmente o colégio possui avaliações aplicadas sempre na primeira aula de quarta-feira, conforme o calendário escolar. Além dessas provas previstas, observamos que há as avaliações processuais, contempladas como projetos interdisciplinares, aulas de informática, laboratório de ciências, aula de campo, etc (PLANO DE ATIVIDADE, 2013). As diretrizes revelam que é necessário acompanhamento dos familiares, bem como esforço do aluno para atingir o amplo aprendizado fornecido pelo colégio e isto vem conferir a fala dos alunos e responsáveis ao demonstrarem atenção com o desempenho escolar.

Por outro lado, quanto a não permanência do aluno no futsal por motivos de notas, vejamos a opinião do professor da escola:

Particularmente eu respeito a opinião dos pais, mas não concordo com o fato dos alunos ficarem sem o futsal, as vezes um trimestre inteiro devido as notas baixas. Veja, o aluno que é punido e fica sem o futsal, nesse horário da aula, **posso afirmar que eles não ficam estudando**, pois eu percebo que eles ficam andando, ou conversando, brincando com os amigos até seus pais chegarem para buscá-los [...] Você [entrevistador] entende! não faz sentido eles não estarem aqui [...] por outro lado **eu entendo a situação no nosso contexto**, é o pai que autoriza a participação do aluno e fez um acordo com seu filho através das notas e se o aluno foi mal na escola, então para o pai este aluno não deve permanecer até que recupere suas notas. (PRE, grifo nosso).

O contexto do extracurricular de futsal é vinculado com a parte pedagógica da instituição, na medida em que os pais ou responsáveis tem influência na manutenção dos seus filhos em programas esportivos na escola. Para um dos pais entrevistados, o comportamento do aluno no contexto escolar também pode influenciar na aderência ao futsal e de certa forma converge com os fragmentos de relatos dos alunos acima, sobre a preocupação com a conduta escolar. Observemos a fala do pai:

Eu falo pra ele: “não vou tirá-lo do futsal nem tanto pelo desempenho de nota, que por sinal é bem importante, mas no momento mais pelo seu **comportamento!**” [...] e ele melhorou muito isso, já tive problemas na educação física, não aceitava perder, as vezes era complicado, o colégio dá suporte nesse sentido de comportamento, tanto no esporte quanto em sala de aula, [...] ele já teve problemas em sala de aula com os colegas, ainda mais agora está entrando na fase da adolescência [...] mas no mais parece que está bem tranquilo agora, observei que melhorou o comportamento desde quando iniciou no extracurricular [...] o colégio é mais seguro para deixá-lo aqui, ele aprende muito com as regras sabe, desde horário, respeito com os colegas, disciplina, autocontrole [...]. (PE1, grifo nosso).

Os pais também reconhecem que permanecer no futsal escolar ajuda a trazer benefícios positivos para o cotidiano do aluno, pois como evidenciando, desde questões envolvendo a saúde até melhoras no aspecto comportamental. Por fim, constatamos uma relação pela primazia dada ao sistema escolar sobre o esporte e conseqüentemente ocorre interferência familiar de acordo com a explicação do pai que, “[...] para ele [aluno] permanecer no futsal dessa escola nomeadamente é importante para nós, mas o seu nível de importância vem atrás de duas coisas: **a família e os estudos [...]**”. (PE1, grifo nosso).

4.5 CONCLUSÕES

Constatamos no estudo sobre adesão que para os entrevistados, ingressar num clube de futsal reconhecido por formar jogadores de futebol de campo, é acreditar no sonho de futuramente os praticantes possam seguir o mesmo caminho daqueles jogadores iniciantes no futsal clubístico e atualmente possuem o futebol de campo como profissão.

Neste estudo, sobretudo os pais e alunos entendem que para chegarem nesse sonho (futebol de campo), precisam permanecer no futsal do clube

pesquisado. Para o técnico e dirigente o aluno deve permanecer no futsal principalmente para ter sequência em outras categorias. Portanto, o *habitus* incorporado pelos agentes ao longo do processo se revelam contraditórios.

Nas idades iniciais os agentes que chegam nessa configuração do futsal acreditam na crença da aderência nesta modalidade ser uma preparação para o futebol de campo, na qual asseguramos que é uma forma de manter o sonho de ser jogador de futebol de campo. Pois bem, na verdade futsal e futebol são esportes com características táticas, técnicas e espaciais diferentes, por exemplo, no futebol de campo o espaço de jogo e número de jogadores é muito maior, o piso é diferente (DRUBSCKY, 2003), no futsal o domínio de bola é feito na sua maioria com a sola do pé (SANTANA 1996).

Na Europa, o jovem atleta praticante do futebol de campo, inicia a jogar em campos com dimensões menores do que os profissionais jogam. Por exemplo: Ferreira *et al.* (2009), desenvolve seu estudo com jovens portugueses no Futebol 7, que é uma preparação para o Futebol 11. Ainda, percebe-se uma metodologia com atividades envolvendo situações reduzidas, ou formas adaptadas de jogos, sendo muito raro fazerem coletivos com o modelo formal, profissional de jogo (11x11), ou seja, entende-se que é necessária uma preparação do jovem para que se adapte e prossiga no futebol de campo até chegar ao profissional (DRUBSCKY, 2003). Percebemos neste estudo não existir indícios que o atleta precisa ter uma adaptação para chegar ao futebol de campo, em virtude de serem esportes diferentes.

Com isso podemos dizer que faz parte do *habitus* brasileiro o futsal ser uma preparação para o futebol de campo. Pais e alunos acreditam que somente o dom para jogar futebol de campo não basta, no entanto consideram o futsal clubístico uma forma de desenvolver o dom, o talento para o futebol de campo, fato originado da categoria “Fatores Pessoais”, que é enfatizada no desempenho esportivo. Damo (2005) realiza seu estudo com foco no futebol e adiciona que não basta ter o dom para o futebol, é preciso saber resistir ao treinamento prolongado para criar melhores disposições durante o jogo, ter alianças dentro do grupo, desenvolver o autocontrole e disciplina.

Os dirigentes do clube têm noção do apelo ao profissionalismo nessas categorias iniciais, existente entre pais e alunos praticantes do futsal e a este respeito Gould (2009), salienta que os pais e treinadores, reconhecem naquelas crianças que começam mais cedo e treinam somente um único esporte,

experimentam mais sucesso em curto tempo, e a longo prazo o desempenho se estabiliza. Poderíamos afirmar que o sucesso do praticante nesse curto tempo determina sua permanência no futsal e assim pode ocorrer o destaque no futsal, ou até mesmo receber um convite para fazer parte do futebol de campo do clube. Por outro lado, caso o desempenho do atleta se estabilize nas categorias seguintes, poderíamos supor que a permanência desse atleta no futsal, ou no futebol, será questionada pelos técnicos, ou diretores esportivos.

Entendemos que a aderência no futsal clubístico, parece não ir muito além da categoria sub-13 ou no máximo a sub-15, pois verificamos que os alunos jogam ou tiveram passagens pelo futebol de campo e possuem a intenção de optar somente por esta prática. Os sujeitos compreendem que a prática sistemática do futsal e futebol durante a semana toda, deixa os participantes cansados e muitas vezes poderiam desenvolver outras tarefas. Encontramos relatos que tornam o futsal apropriado para a iniciação, como por exemplo, o aspecto estrutural, visto que os alunos treinam em locais apropriados e com profissionais capacitados. Muito embora, ao compararmos futsal e futebol, os alunos preferem continuar no futebol, pois podem obter um futuro melhor, com vantagem financeira e assim, manter-se no futsal do clube é buscar o futebol de campo como uma profissão.

O grupo e algumas amizades que dele são formadas, nos coloca a afirmar que colaboram para manter os alunos na prática do futsal do clube. Mas se comparada com o futsal na escola, o fator grupo clubístico e amizades ganham outra tonalidade, um pouco mais opaca. No futsal clubístico os envolvidos se esforçam para na medida do possível acompanharem o desenvolvimento de seus filhos nesse esporte, conseqüentemente geram emoções, perspectivas quanto aos treinos e jogos e poderíamos dizer que são fatores importantes na aderência ao futsal, sobretudo na visão parental. Ao relacionarmos o esporte (futsal) e a teoria de Elias com abordagem no controle da emoção e disciplina, identificamos que os pais durante os jogos motivam, apoiam seus filhos de tal modo ser esta ajuda, considerada pelos alunos, importante na continuidade no futsal do clube. Os pais jogam com a equipe e também sofrem juntos com os participantes nos momentos de dificuldades vivenciados no jogo, não obstante isso é notável para os pais se manterem no cotidiano do futsal e conseqüentemente também seus filhos são mantidos nessa prática, afinal, os alunos proporcionam as emoções, frustrações e expectativas aos familiares.

Na escola o aluno adere porque gosta do futsal, no entanto foi possível identificar através da categoria “Ambiente e Clima de Grupo” que as amizades, o grupo, o convívio diário com os amigos participantes da modalidade, na qual há indícios de conversas e assuntos referentes ao futsal, fazem com que os alunos permaneçam no extracurricular da escola. Estes dados encontrados enquadram-se no estudo de Souza e Mezzadri, 2009, revelando que a oportunidade de estar e brincar com os amigos são condições importantes na aderência às atividades físicas.

Adiciona-se a maneira como a aula é conduzida, na sua maioria em forma de jogo, sem pressão e cobrança. O professor respeita a vontade do aluno, de jogar e divertir-se com os amigos, haja vista que cada menino possui desempenho específico para o jogo, mas isto não é critério para permanência no grupo escolar. Isso não deixa de ser um *habitus*, isto é, na escola verificamos que permanecer neste esporte é principalmente para brincar, se divertir e não porque o aluno é competitivo.

Os pais preocupam-se com a questão do horário da aula esportiva e manter o filho no futsal após o horário da aula curricular, faz com que o aluno pratique uma atividade física com orientação de um profissional da área enquanto o pai dirige-se para seu buscar seu filho no colégio e esse ponto de vista, relevante para aderência no futsal, se relaciona com a categoria “Tempo e Logística”. Os pais na maioria das vezes conseguem assistir as aulas dos seus filhos, concordam o futsal ser uma forma de diversão para os mesmos e também identificamos a motivação, existente tanto por parte do professor quanto dos pais, ser no sentido de que os alunos sintam-se bem na prática, sobretudo através de um apoio nos aspectos positivos do jogo e assim consideramos isso, um fator importante na permanência do aluno.

Conseqüentemente, o pai entende que mantê-los na prática é importante porque gera comentários posteriores sobre o esporte, bem como o relevante fato do futsal ser uma atividade física para aluno que vai contribuir na sua qualidade de vida, ou seja, a categoria designada de “Saúde” é fundamental na aderência ao futsal escolar e a pesquisa de Pate R. *et al.* (1996), corrobora com estes dados, pois trata dos benefícios da atividade física para jovens americanos. Conclui-se que manter-se na atividade extracurricular do colégio sob a óptica parental é aliar a confiança do aluno e pai no colégio, num ambiente seguro, aproveitar a logística, logo o pai não precisa se deslocar para levar e depois buscar o aluno na prática esportiva e ainda, existe o benefício na saúde do praticante, haja vista que os alunos em suas

residências ficam sentados na maior parte do dia, pois utilizam o computador para jogos de lazer, ou jogam frequentemente vídeo games, por conseguinte, o futsal é uma forma de mantê-los fisicamente ativos.

Sob outro ponto de vista, identificamos que para os entrevistados da escola, as notas escolares podem influenciar decisivamente na aderência ao futsal. Portanto, ter desempenho escolar inferior à média estabelecida pela escola interfere no processo de aderência do aluno, é sinal que o pai vai tirar o aluno do futsal por um período indeterminado, até que este recupere, ou melhore suas notas. Segundo o professor, o aluno chega a ficar fora do futsal até um trimestre inteiro e entende esse fato, mas discorda da não permanência do aluno no futsal devido às notas, de forma que chega a ser inusitado: o aluno deixa de fazer uma atividade saudável por estar com as notas abaixo da média, mas permanece no ambiente escolar sem fazer nada. Com os dados obtidos, numa grande metrópole, após o término das aulas (18h), parece ser impossível os filhos voltarem cedo para casa e ainda ter acompanhamento nas tarefas escolares pelos pais. Tal fator se encaixa na categoria invocada de “Formação e Supervisão da Atividade”, na qual coincide nesse mesmo sentido discutido, do aluno possuir uma boa conduta no contexto escolar geral e revela ser um detalhe essencial à permanência do aluno ao futsal.

Desta maneira a H1 foi aceita tanto no clube quanto na escola e relaciona-se com a categoria, “Família”, pois os responsáveis possuem influência no processo de aderência dos alunos no futsal. No clube, justifica-se com base na visão de pais e alunos, no fato de possuírem intenção de permanecer no futsal somente até determinada idade, ou seja, desejam no último ano da categoria sub-13 seguir somente no futebol de campo e não mais no futsal. Por sinal, os atores sociais: professor e diretor, desejam que os alunos sigam no futsal do clube em categorias subsequentes, mas entendem o objetivo do clube ser voltado à formação de atletas ao futebol de campo e isso tem um grande peso, faz torná-los, a instituição e principalmente eles (técnicos, dirigentes), profissionais reconhecidos no meio, com status, por formarem jogadores famosos para o futebol de campo profissional.

Logo, o aluno e familiares do futsal possuem o desejo de praticarem somente o campo e vale lembrar que o aluno do futsal é muito bem avaliado, valorizado no futebol de campo. Na escola presenciamos que o pai proíbe o aluno de jogar caso este não tenha um bom desempenho escolar, ou problemas comportamentais durante as atividades escolares. Entende-se que é um acordo

firmado entre pai e aluno, uma espécie de educar através do esporte, pois segundo o pai o aluno deve ter obrigações e na medida em que não cumpridas, seu filho pode ser punido momentaneamente com a não aderência no que ele gosta, neste caso, a prática do futsal. Sendo assim, ao apresentarmos alguns detalhes acerca dos pais e/ou responsáveis, acreditamos que tanto na escola, quanto no clube os familiares são personagens importantes na aderência ao futsal.

A H2 foi elaborada em cima da perspectiva de que a aderência ao futsal está associada com os seguintes aspectos: proximidade da moradia, aproveitamento da logística de deslocamento do aluno, gastos com transporte, estrutura da instituição. Verificamos que a H2 em parte foi aceita. Pois, percebemos que no clube é importante a estrutura da instituição para aderência do aluno, diagnosticada no sentido da equipe sempre possuir seus treinamentos, até mesmo em diferentes quadras dentro da própria instituição, nos horários pré-determinados e com profissionais qualificados no meio do futsal, são fatores relacionados com a categoria “Organização da Prática Esportiva” e importantes para pais e alunos na continuidade do futsal clubístico. A proximidade de moradia ao local do treino tem um papel positivo na aderência ao futsal, no fato do aluno aproveitar melhor a sua tarde e conseguir desenvolver outras tarefas, como por exemplo, tarefas escolares e após isso, é possível dirigir-se ao treino que muitas vezes localiza-se próximo a sua residência. No entanto, identificamos no clube que o fato de despesas com transportes, deslocamentos aos locais de treinos e jogos, diagnosticados a partir da categoria “Tempo e Logística”, não são essenciais para a continuidade ao futsal. Portanto, a H2 em parte foi aceita para explicar a aderência ao futsal do clube.

No ambiente escolar verificamos que a H2 possui similaridades com os dados discutidos no clube, sobretudo no que se refere a estrutura da instituição ser apontada pelos sujeitos como relevante na aderência ao futsal. Verificamos isso através da forma como o professor capacitado atua no desenvolvimento de sua aula e o colégio ser um local onde o aluno será bem cuidado e tratado, são condições que passam confiança aos responsáveis para seus filhos continuarem no futsal escolar. Outro aspecto da H2, principalmente na visão parental, se refere ao aproveitamento da logística do aluno, ou seja, o fato dele já estar no colégio facilita a sua permanência no futsal. Porém, a exemplo do clube, não constatamos evidências de que o valor da mensalidade, gastos com transportes, serem fatores fundamentais no estudo da

aderência ao extracurricular de futsal, logo, concluímos que H2 em parte foi aceita, tanto na escola quanto no clube.

A H3 foi aceita, pois podemos inferir que manter o aluno no futsal do clube é uma ponte para o futebol de campo.

5. ABANDONO DA PRÁTICA DO FUTSAL

5.1 INTRODUÇÃO

A prática da atividade possui benefícios comprovados cientificamente, melhorando saúde física e mental dos jovens (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2010). Apesar da importância confirmada, estudos relatam um declínio no nível de atividade física durante a adolescência (MALINA, 1998). Assim, parece fundamental entendermos quais são os fatores que aumentam a probabilidade do abandono esportivo entre jovens praticantes de diferentes esportes.

O fenômeno de abandono desportivo não deve ser visto apenas à luz de definições operacionais, reveladas pelas estatísticas anuais de participação desportiva, que revelam os casos de não reinscrição em determinados programas esportivos. Existem vários tipos de abandono. Apresentamos alguns: a) voluntário: refere-se ao praticante não mais dar continuidade a sua participação por vontade própria; b) o relutante: pode resultar da extinção do clube, da mudança de área de residência da família, ou até mesmo por lesão do jovem atleta; e c) o resistente: ocorre quando o jovem não é incluído no grupo de atletas escolhido para prosseguir a participação desportiva (COELHO E SILVA *et al.*, 2006).

Abaixo, os principais resultados de dois estudos (Ferreira *et al.*, 2009; Pooley, 1981) que tratam do abandono da prática de futebol entre jovens. Tal modalidade, como já vimos nos estudos sobre adesão e aderência, possui relação com o futsal, por isso os achados desses autores, servem de base para termos um breve entendimento desta dissertação, pois envolve o abandono na prática do futsal entre jovens escolares e clubísticos.

Ferreira *et al.* (2009), investigaram o abandono de jovens jogadores de futebol (Futebol 7 e Futebol 11) portugueses e salientam que cada um dos tipos, ou fatores de abandonos não deve ser analisado em separado. Resultados do estudo desses autores indicam a desistência se dá por motivos como: a) problemas com o treinador; b) mudança de estilo de vida; c) cansaço; d) perda de interesse. Este último fator os autores relacionam com a questão motivacional em participar de

esportes e isso não ocorre de um momento para outro, mas sim através de sucessivos episódios que fazem o participante pensar em desistir de tal modalidade, ou procurar outra ocupação esportiva. As relações entre estímulos sociais, participação, motivação (NUVIALA *et al.*, 2012) e características físicas, quando tratados numa única configuração são indicadores potenciais para explicar a participação ou exclusão do esporte.

Pooley (1981) realizou um estudo no Canadá, com 50 jovens entre 10 e 15 anos na modalidade de futebol, e identificou que as principais razões apontadas para o abandono na modalidade foram: a) os conflitos de interesses envolvendo outras atividades ou esportes; b) a ênfase competitiva promovida pelo treinador ou pelo programa esportivo; c) problemas de comunicação com o treinador e outras razões, como a falta de equipes para jogos.

Na modalidade de futsal, Hallal *et al.* (2004) estudaram o abandono entre jovens brasileiros (n: 140), de 11 a 17 anos, da cidade de Pelotas, RS. Este estudo utilizou questionários e identificou fatores psicológicos, relacionados com a desistência esportiva. Os principais fatores categóricos para o abandono dos alunos/atletas de futsal, conforme a faixa etária pesquisada desta dissertação: 11-13 anos, foram falta de apoio/relacionamento com o técnico, prejuízo nos estudos e preferência por outros esportes.

Mota (2005) identificou que alguns alunos ao abandonarem diferentes práticas esportivas, geralmente, logo em seguida procuram outro esporte, ou seja, o aluno parece buscar outras experiências esportivas. Desta maneira, são várias as razões e estágios pelas quais os alunos passam até que abandonem a prática esportiva. Neste caso, pretendemos discutir os motivos do abandono de jovens numa modalidade específica: o futsal.

5.2 OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi investigar como se dá o abandono na iniciação ao futsal escolar e clubístico.

5.2.1 Objetivos específicos

- Analisar a perspectiva dos agentes envolvidos no processo de iniciação do clube e da escola quanto aos motivos de abandono no futsal;
- Relacionar alguns dados encontrados com os conceitos sociológicos;
- Comparar o abandono no futsal do clube com o abandono no futsal da escola e traçar relações com o processo de formação de jovens atletas.

5.2.2 Hipóteses

Foram hipóteses testadas e analisadas no estudo sobre abandono no futsal:

H1) Os responsáveis (pais, mães, família em geral), pelos alunos são os principais agentes que ditam o abandono no processo de iniciação ao futsal escolar e clubístico;

H2) A abandono no futsal está associado com os seguintes aspectos: distância da moradia, aproveitamento da logística de deslocamento do aluno e do jovem atleta.

H3) O processo de ensino pode ser relevante no abandono no futsal.

5.3 METODOLOGIA

5.3.1 Procedimentos

Foram utilizadas as seguintes metodologias: questionários, entrevistas e observações. Neste estudo não utilizamos a técnica de análise de documento, pois entendemos que os documentos analisados possuem relação somente com os estudos da adesão e aderência ao futsal. A descrição do cenário/sujeitos, tipo de pesquisa, critérios para seleção dos participantes, aspectos éticos, técnica para coleta e interpretação dos dados foram descritas no capítulo 3 (ver itens: 3.3.1 3.3.2, 3.3.3, 3.4 e 3.4.1).

5.3.2 Seleção dos participantes / Total de sujeitos.

- Questionário: Escola

Os questionários foram elaborados com perguntas fechadas, referente ao Abandono no futsal para alunos e pais ou responsáveis que desistiram do extracurricular de futsal a partir de 2010. Não houve necessidade de identificação dos questionários, pois os dados foram interpretados com base no que é mais e menos importante para o grupo de alunos e grupo de pais, e não tratados individualmente. Por questões de disponibilidades dos sujeitos e respeitando as considerações éticas, foram investigados 20 alunos e seus respectivos pais ou responsáveis. Obtivemos os registros dos sujeitos que abandonaram o esporte por meio da Secretaria do Colégio. Primeiramente encontramos 25 sujeitos (pais e alunos). Foram contatados os 25 pais, mas chegamos à amostra de *20 alunos* e *20 pais* (QUADRO 3.3) que estavam dispostos em colaborar com o estudo. Os alunos participantes se encaixam na categoria sub-13.

No clube pensamos em aplicar o questionário, porém a instituição não tinha cadastros atualizados dos atletas, e por isso algumas informações daqueles que desistiram se perderam. Portanto, ficou difícil o contato com uma quantidade considerável de alunos e optamos por não aplicar o questionário e utilizar somente a entrevista.

- Entrevistas:

As informações dos sujeitos que desistiram do futsal clubístico e que estavam dispostos em colaborar com o estudo, foram fornecidas pelos atletas e pais que estavam fazendo o futsal em 2012 na categoria sub-13, e tinham conhecimento de alguns amigos que desistiram da modalidade e assim disponibilizaram os contatos necessários. Desta forma conseguimos os sujeitos para tratarmos do abandono no futsal do clube.

Já na escola, obtivemos os registros dos sujeitos que abandonaram o esporte por meio da Secretaria do Colégio, pois, os alunos para participarem do extracurricular precisam efetuar uma matrícula na escola e as informações (telefone, idade, nomes) daqueles que desistem permanecem salvos no banco de dados das Práticas Esportivas Extracurriculares do Colégio.

Sujeitos da Escola / sub-13: 3 alunos e seus respectivos responsáveis, que desistiram da modalidade de futsal a partir de 2011, dispostos em colaborar com a

pesquisa. Também foram entrevistados o diretor esportivo e o professor do extracurricular. (QUADRO 3.1 e 3.2).

Sujeitos do Clube / sub-13: 3 alunos e seus respectivos responsáveis, que desistiram da modalidade de futsal a partir de 2011, dispostos em colaborar com a pesquisa. A secretaria do clube forneceu os dados dos sujeitos. Também foram entrevistados o diretor esportivo e o professor de futsal do clube. (QUADRO 3.1 e 3.2).

O número de professores/técnicos entrevistados foram de 02, sendo um do clube (TC) e um da escola (PRE) na categoria sub-13 e 02 diretores esportivos, sendo um do clube e um da escola. Totalizando assim: 17 sujeitos.

- Observações:

Buscamos nas observações (mais detalhes, ver item 3.4) acontecimentos específicos e relacionados com o abandono no futsal e diagnosticar as categorias de análise (ver item 3.3.5), Foram aproximadamente seis meses de observação de treinos e jogos nas instituições pesquisadas, com idas a campo semanalmente nesse período. As principais informações relacionadas com as temáticas deste estudo, foram anotadas no que chamamos de “Diário de campo”. No decorrer dos estudos apresentamos as observações e a data em que foi relatada no Diário de campo. Utilizamos neste estudo a letra P como legenda para identificar o pai e números para separarmos os sujeitos, ou seja, “P7”, significa que é o sétimo pai que forneceu informações para o estudo. Os alunos foram identificados com a letra A.

5.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.4.1 Abandono da prática do futsal no clube.

O técnico salienta ser a adaptação do aluno com a forma de trabalho, um motivo para muitas vezes ocasionar no abandono do jovem ao futsal. Vejamos:

Algumas coisas que acontecem aqui no treino o aluno não concorda e por isso já tem uma certa autonomia nessa faixa etária do sub-13 [...] muito também, por **postura do treinador**, talvez o aluno não aceite a forma como o treinador trabalha e não se adapta ao processo de ensino. (TC, grifo nosso).

No futsal do clube é comum o aluno seguir na categoria subsequente e encontrar um novo técnico, ou seja, terá que se adaptar com o estilo do novo professor e ao novo processo de ensino. Sobre isso, o técnico complementa:

Recentemente um aluno foi jogar em outro clube, para participar de outra competição, é uma opção do menino mudar de clube [...] aconteceu também porque ele **sempre foi acostumado a ser o capitão, o “estrela” do time**, e aqui nesse ano ele teve que jogar igual os outros, um dia com a oito [camisa], outro dia com a sete [camisa], não vai ser o capitão da equipe todos os jogos [...] o pai e a mãe não aceitam isso e o menino as vezes escuta os pais. (TC, grifo nosso).

Com base no depoimento, o jovem atleta desde as idades iniciais precisa conviver com a ideia de que o esporte não funciona somente conforme a sua vontade, por isso é necessário relacionar-se bem com seus colegas, professores e aprender a habituar-se às situações inesperadas ou considerada desfavorável no momento. Nesse caso específico do jogo de poder (ELIAS, 2008) há evidências para afirmar que o clube, representado pelo técnico ou dirigente, ou mesmo por ambos, tem seu poder reduzido. A balança de poder em determinados momentos pende muito mais para as decisões da família.

Um dos alunos entrevistados para este estudo mudou de clube para buscar participar de outra competição, entretanto fica claro na fala do professor que o aluno desistiu porque também não se adaptou com o novo treinamento: Vejamos o esclarecimento do técnico:

O clube não teve condições de jogar uma Taça Paraná, ai ele [aluno] optou em mudar pra outro clube e jogar essa competição [...] muito também porque **não se adaptou com a metodologia de treino**, apesar dele saber como iria funcionar, porque já estava aqui no ano passado, mas acabou que não concordou com a metodologia e optou por sair [...] eles [pais] comentaram em voltar no ano que vem, porém esse aluno não se adaptou esse ano, dificilmente vou aceitá-lo novamente no sub-15. (TC).

Parece que o jovem atleta e seus responsáveis aproveitaram o fato do clube não jogar a Taça Paraná, competição importante na categoria sub-13, pois envolve várias equipes do Estado e assim, transferiram para outra equipe. Não concordavam com a forma como aconteciam os treinos e principalmente a participação nos jogos, conforme menciona o pai do aluno:

Eu entendo que o clube não pode participar da Taça Paraná [...] mas eu e meu pai [avô do aluno] não concordávamos com algumas situações que aconteciam nos jogos, por exemplo, eles precisavam classificar, passar de fase no campeonato metropolitano e o meu filho estava muito bem no jogo, fez o gol, logo em seguida ele [técnico], tirou todos os mais velhos, mais experientes e perdemos o jogo, a classificação e também a **motivação de continuar no grupo** [...]. (PC1, grifo nosso).

Percebemos o descontentamento dos familiares quanto aos critérios adotados pelo técnico durante a partida e podemos dizer que foi mais relevante para o abandono no clube a questão do procedimento de trabalho do que o fato de disputar outra competição. Há de se destacar: esse pai foi jogador profissional de futebol de campo por mais de duas décadas, atuando nos principais clubes brasileiros e também no continente europeu. Apresentamos outro relato, na qual enfatiza a contrariedade com a forma de trabalho:

Eu avisei o técnico: “olha, eu estou vendo que ele [aluno], está jogando pouco, nós não concordamos com isso, ele está bem nas partidas, não falta treino, melhorou até fisicamente porque estava um pouco gordinho [...] ai você muda tudo, parece que quer perder o jogo” [...] o professor falou que aquela é a forma de trabalho dele, não fez muita questão, e então avisamos que **assim não dá pra continuar e mudamos de clube** [...]. (PC1, grifo nosso).

De fato, não podemos desmerecer a capacidade de compreensão do pai, pois muitas vezes ele entende o meio, porém pode não concordar com alguns procedimentos desse meio. Para este pai parece que é um procedimento normal a mudança de clube devido a não concordar com a forma de trabalho do professor. Poderíamos dizer, o fato de discordar e interferir no trabalho do técnico é um *habitus* que surge nas idades iniciais, reforçado pelos familiares que desejam que seus filhos sempre atuem o máximo possível durante os jogos.

Na visão do aluno que abandonou o clube, foram vários detalhes que o motivaram para sua saída:

Eu sempre joguei bastante no futsal do clube, desde o sub-07, esse era meu último ano do sub-13, então tinha que jogar mais e ainda sou melhor que os outros que entram no meu lugar. Também nos treinos, acho que ele **cobrava demais, de todos nós que estávamos acostumado de uma forma de tratamento e esse ano o técnico é outro, mudou o tratamento** [...] ficou bem diferente o treino [...] então apareceu esse convite para jogar em outro lugar abandonei o clube, por que tinha partida que quase nem jogava e ainda o tratamento no treino, as vezes parecia que só tinha eu na quadra, me chamava a atenção toda hora [...]. (AC1, grifo nosso).

No Diário de campo, anotamos os comentários dos alunos quando souberam que o colega abdicou de jogar no clube e percebemos este aluno, era um jogador respeitável no grupo, pois os assuntos na arquibancada e durante o treino, voltava-se para o fato desse aluno que abandonou a equipe. Vejamos:

Conversa entre os alunos na arquibancada antes de começar o treino: Vocês sabiam que o João [nome fictício] saiu mesmo [...] saiu nada, semana que vem ele já volta para o clube, e se ele realmente sair, ano que vem já era, ele não volta mais pra cá e talvez nem para o futebol de campo [...] sério mesmo, agora nosso time vai ficar melhor, ou não [risos] [...] e o time dele [nova equipe do atleta que abandonou] nem vai classificar na Taça Paraná, os piás são fracos, não vão passar dessa fase e ano que vem, ele não vai mais jogar futsal naquele clube, porque eles só tem o futsal até o sub-13 [...] se nós tivéssemos na Taça Paraná, pelo menos dessa primeira fase a gente passava [...] ele nem gostava do treino, acho que não aguentava mais, eles me convidaram pra jogar lá também, mas eu não vou, não vale a pena [...] também acho que ele mentiu para nós, foi mais pra sair daqui mesmo, o time deles é ruim [...]. (Diário de campo, 02.09.2012). Durante o treino o professor chama os alunos e inicia conversa primeiramente sobre a desistência do colega, salienta que todos têm a opção a mudar e caso mudem a amizade continua a mesma, pois se encontrarão durante jogos dos campeonatos. Logo em seguida comenta sobre o treino daquele dia. (Diário de campo, 02.09.2012).

O jovem atleta que abandonou o futsal estava há mais de 7 anos no clube pesquisado, desde o sub-07 participava com os mesmos colegas de treinos e jogos, por isso ocorreram vários comentários, foi uma surpresa para todos do grupo a desistência do atleta. Para os demais jovens atletas a mudança para outro clube, não foi talvez a melhor decisão do colega, já que dificilmente poderá voltar no ano seguinte e também compreendem a realidade das equipes, pois segundo os relatos, o garoto mudou para uma equipe considerada fraca em relação as outras.

Ao tratarmos da categoria “Ambiente e Clima de Grupo” no estudo do capítulo 3, sobre adesão, encontramos relatos que não foram apresentados em tal estudo e são indícios relacionados com o abandono no esporte, já que podem fazer com que o jovem atleta não mais permaneça no futsal. Consideremos o que se transcreve:

[...] o grupo é muito importante para eles, mesmo com aqueles que eles não gostam. O Pedro [nome fictício], é irritante [...] Eu falo pra eles: “sempre vai ter um Pedro, que sabe somente perturbar o grupo e caçar daqueles que são mais novos” [...]. Então sempre vai ter um Pedro na vida, seja no futsal, futebol de campo [...] mas se tivesse vários Pedros nesta equipe, penso que **seria um motivo para trocarmos de clube** (P1C, grifo nosso). Veja, eles saíram do colo do técnico do ano passado e foram para o pé do técnico desse ano, que quer ganhar, quer saber de resultado e as vezes trata muito esquisito as crianças, xinga as vezes [...] eu não entendo isso,

os meninos sentiram bastante, **queriam até mesmo parar com o futsal** agora no final do ano. (PC3, grifo nosso).

Verificamos que o relato do pai (PC3) que ainda possui seu filho no futsal do clube, converge com o motivo que levou o aluno (AC1), apresentado acima, a abandonar o futsal. Logo, problemas de adaptação envolvendo colegas, com os professores, podem fazer os sujeitos pensarem num possível abandono na modalidade. Na faixa etária pesquisada, acreditamos que os jovens atletas ainda não possuem experiência o suficiente para entender algumas mudanças, principalmente aquelas acerca do tratamento evidenciado em treinos e jogos. Em outras palavras, o aluno é ensinado através de uma educação familiar e na maioria das vezes encontra no clube um outro sistema de ensino. Busca por resultados faz com que principalmente os professores, na maioria das vezes, não se preocupem com o tratamento, ou a forma de abordar o aluno. Apresentamos o relato de outro pai, na qual seu filho abandonou o clube em 2011:

O meu filho, chegou ao ponto de não aguentar mais, foi **muita pressão**, ele se cobrava demais, não aguentava mais perder e tinha que treinar todo dia [...] na verdade, o futsal estava prejudicando ele, que hoje faz outras coisas, está bem melhor, agora o futsal é somente na educação física e não quer mais saber de treino [...]. (PC2, grifo nosso).

De fato, para o pai entrevistado o seu filho não aguentou o processo de treino do clube, por isso abdicou com o futsal. Percebemos que alguns pais e alunos não se submetem as condições necessárias para fazer parte do grupo de futsal clubístico. Elias e Scotson (2000) salientam que para fazer parte de um grupo reconhecido, torna-se necessário alguns desafios a serem enfrentados. Sobre isso o autores afirmam:

Todos os que “estão inseridos” neles participam desse carisma. Porém, têm que pagar um preço. A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é, por assim dizer, a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. Esse preço tem que ser individualmente pago por cada um de seus membros, através da sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle dos afetos. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 26).

No estudo sobre adesão ao futsal, identificamos que este esporte deve ser divertido, o jovem atleta precisa sentir-se bem no ambiente, grupo e a partir do momento que a prática do futsal passa a não corresponder aos objetivos pessoais

ou familiares, o abandono da equipe e do esporte pode ser a saída, ou seja, também há escolha em não “pagar um preço”, com base no autor acima. O jovem atleta abaixo, apresenta as mesmas ideias dos familiares (PC2), desistiu porque passou a não gostar do modo como as coisas aconteciam, isto é, não se adaptou a novas normas estabelecidas pelo professor, principalmente no que diz respeito a sua participação dos jogos:

[...] meus amigos sempre me chamam para voltar a treinar [...] Eu parei com o futsal, não quero mais treinar, porque estava cansado de muita cobrança desde os sete anos. Nos treinos eu até gostava, mas mesmo assim chegou um tempo que não queria mais ir treinar, acho que era demais, não precisa muita cobrança de todo mundo [...] tinha que ir bem sempre, principalmente nos jogos [...] quando perdia ficava muito triste, não queria conversar com ninguém, ficava nervoso a semana inteira, aí optei por parar e procurar outras coisas e agora estou mais feliz, mais tranquilo sabe. (AC2).

Em 2011, quando estava no primeiro ano do sub-13, esse aluno desistiu do futsal por não aguentar mais frequentar os treinos e as cobranças, as quais acreditamos serem originadas principalmente de professores, colegas e familiares. O aluno menciona que parou com o futsal, porém pratica outras atividades, sobre isto o seu responsável acrescenta:

Hoje ele faz natação, mas já fez tênis, xadrez na escola e atletismo [...] mas não sei o que acontece, acho que é a fase, ele quer experimentar tudo o que antes não fazia, mas está feliz e isso é o principal para nós da família [...] está na natação e diz que quer voltar para o tênis [risos]. (PC2).

A família entende que o importante é o aluno estar bem, seja qual for a sua atividade, por outro lado, o responsável confessa que a desistência do futsal foi sentida pelos familiares:

Desde pequeno nós achávamos que ele não iria abandonar o futsal, nossa ele **jogava demais, foi destaque no sub-09 e sub-11, gostava muito [...]** mas a partir do sub-11 acho que ele começou a treinar demais, aí coisa da família, que colocou ele no futebol de campo também, era só futebol, no começo do sub-13 ele já não aguentava mais, o menino chorava as vezes, parece que ficou bloqueado com o futsal [...] não quer mais saber do futsal, isso foi um balde de água fria em todos da família, principalmente no pai dele, [...] eu avisei o pai dele: “ele não quer muito o futsal, é demais, ele não precisa disso, é muito novo“ [...]. (PC2, grifo nosso).

O aluno ser destaque em categorias menores não é sinal de que continue nas categorias posteriores, tampouco treinar diariamente, o que na verdade nesse

caso fez o aluno se desgastar com o esporte ao ponto de excluir o futsal da sua vida. Familiares apoiavam este aluno que desistiu, pois para o pai “[...] estávamos sempre com ele nos jogos e hoje nossa rotina mudou, as vezes acho que cobrávamos demais dele, foi difícil para gente da família, todo mundo falava que ele iria ser jogador, era um sonho nosso também [...]” (PC2), por outro lado, concordam que existia cobrança pelos familiares para o menino continuar a jogar. Interessante que nessa faixa etária, para os familiares que acompanham os jogos torna-se uma rotina fazer parte do cotidiano do filho e quando isto termina percebemos causar um impacto nos familiares, bem como o fim de um sonho, pois é bem possível que o aluno não venha a voltar para o futsal/futebol e assim não mais se tornar um jogador, o que contraria as expectativas dos familiares.

Para o jovem atleta, realmente percebemos que dificilmente irá voltar para o futsal, de acordo com a afirmação:

Hoje estou mais feliz, faço várias coisas que antes não fazia, antes ficava somente em função do futsal e futebol, a semana inteira [...] nossa! nesse último ano que não joguei fiz um monte de coisa, que se tivesse jogando não iria fazer, faço natação, quero voltar pro tênis também, vou sempre na casa dos amigos e **dificilmente vou voltar a treinar todo dia** [...] penso que não gostava dos finais de semana que ficava jogando e as vezes ficava descontente, porque não jogava bem e perdia o jogo [...]. (AC2, grifo nosso).

A narrativa do jovem atleta converge com a dos seus responsáveis. Em síntese, este aluno abandonou por não estar de acordo com o processo de treino do clube, ou competitivo, não suportou pressão dos professores e familiares. A medida que começou a praticar esporte a semana inteira, aumentaram as circunstâncias dos treinos e jogos que o deixavam descontente no seu cotidiano e assim resultou no abandono ao futsal e futebol de campo do clube, conseqüentemente buscou outras atividades para fazer e revela estar contente com esse novo momento.

O terceiro aluno e seu responsável entrevistado apresentam similaridades com o caso anterior. O jovem atleta comenta que “[...] o principal motivo que parei com o futsal foi não aguentar mais cobrança do professor em tudo, depois tinha até cobrança dos colegas [...]” (AC3). Segundo o aluno, foi claro em dizer o principal problema, estar com o professor e na sua atitude de cobrar pelo treino, ou pelos resultados do jogo. No Diário de campo anotamos em diversas observações as cobranças entre os alunos com a finalidade de todos fazerem o melhor de cada um durante os treinos e jogos. Abaixo, os escritos:

[...] é muito comum a cobrança entre os próprios colegas, pois há aquele atleta que comete um erro, e logo em seguida o gol acontece, e é corrigido até mesmo pelos colegas, uns atletas aceitam, outros não concordam e as vezes, tem início uma discussão entre os alunos sobre o erro que aconteceu na jogada. (Diário de campo, 17.07.2012).

Deste modo, além do aluno ser cobrado pelo professor, verificamos existir a cobrança originada dos próprios colegas da equipe. O professor concorda que existe exigência da sua parte em relação a treinos e jogos. Diante disso, revela alguns detalhes:

Eu sou um professor muito exigente mesmo, até demais, por exemplo, existe aquele aluno lento demais na marcação, isso me incomoda [...] a gente desenvolve várias atividades para que o aluno aprenda a importância de voltar, de retornar para ajudar a marcar e parece que esses alunos que a gente mais cobra, não entendem a importância disso e o pior é que alguns alunos, a gente como técnico, sabe que estão com má vontade, ou não fazem esforço para entender [risos] isso já acontece nessa faixa etária [...] então eu cobro mesmo, eu reconheço, porque se o atleta não aprender essas coisas básicas agora, vai ficar mais difícil para aprender, por exemplo lá na categoria sub-17 [...] na verdade, se não aprender, não escutar o professor, não vai jogar futsal em alto nível [...] e o aluno sente mesmo a cobrança, alguns não estão acostumado e também tem aqueles que muitas vezes pensão, com reforço dos familiares, que são o craque aqui da modalidade, mas na verdade não são [...] e o processo de aprendizado fica mais difícil ainda [...]. (TC).

O técnico desenvolve o trabalho da sua maneira, compreende-se que é voltado para uma formação de um futuro jogador de futsal e para isso, o atleta precisa desde as idades iniciais, desenvolver algumas características importantes para que continue nesse processo, ou seja, venha a se tornar um jogador de futsal profissional. Para acontecer o aprendizado no clube, tem de haver uma cobrança do técnico com os jovens atletas, através de treinamentos intensos os quais exigem ao máximo dos participantes e podemos dizer que há uma forma de tratamento, comunicação não muito adequada à idade, pois através dos depoimentos anteriores entende-se que geralmente o técnico não é muito educado com o jovem atleta, durante os treinos e jogos. Muitas vezes o jovem atleta não está satisfeito com o tratamento que lhe é dado durante treinos e jogos, não atendendo as expectativas do professor, surge conseqüentemente a possibilidade de desistência do aluno ao futsal.

O dirigente esportivo comenta sobre como a aula é conduzida pelo professor:

Nossos profissionais entendem muito de futsal, nunca vou questionar a aula quanto ao conhecimento no esporte [...] agora **sempre temos problemas de adaptação nas mudanças de categorias e isso as vezes é o motivo do abandono mesmo** [...] o aluno e muitas vezes o pai não se adaptam com o professor e a medida que o aluno sobe de categoria, a exigência vai ser maior mesmo [...] então normalmente se o aluno quer sair ou desistiu mesmo nessa faixa etária é porque não concorda que não está jogando, não tem paciência em esperar a chance de jogar, não respeita a decisão do professor, ou que é muito exigido no treino, jogo e consequentemente busca outro lugar para jogar, ou desiste totalmente [...] nessa faixa etária os principais motivos são esses, porque de regra o aluno quer permanecer aqui no futsal e ele não vai sair porque outro clube ofereceu dinheiro para ele, pois sabemos que nessa faixa etária as condições são parecidas entre os clubes aqui da cidade [...]. (DC, grifo nosso).

O dirigente aponta que os principais motivos da desistência são decorrentes do descontentamento familiar e do jovem atleta com seu aproveitamento, independente do grupo, ou daquilo que o profissional especializado determina. Seja como for, se o jovem atleta joga, participa dos treinos e consegue levar bem o ambiente do futsal, é muito provável que não haverá problemas quanto a maneira como o processo é conduzido, porém, se o aluno não participa sobretudo do jogo, o suficiente do que ele e os pais pensam, e tem problemas com a exigência do futsal nos treinos e jogos, logo, poderá ocasionar no abandono da modalidade.

No Diário de campo, encontramos anotações que revelam a característica da aula:

O treino muitas vezes não é agradável para o aluno [...] o professor expõem o aluno quando erra, e este geralmente não questiona o professor, apesar de aparentar ainda estar em dúvida sobre a atividade, ou o lance da partida [...] quando o erro persiste os alunos são novamente exigidos, colocados sob pressão, muitas vezes chamados por apelidos que dão a entender que os alunos são perdidos, esquecidos, com falta de concentração, atenção, etc [...] Nos momentos de cobrança, na maioria das vezes, há o descontentamento dos alunos quanto ao lance que gerou a discussão, aparentam muitas vezes não entender o que aconteceu, ou por qual motivo são cobrados, chamados à atenção [...]. (Diário de Campo, 11.06.2012).

Elias e Scotson (2000, p. 26), afirmam que “A satisfação que cada um extrai da participação no carisma do grupo compensa o sacrifício da satisfação pessoal decorrente da submissão às normas grupais”. Desta forma o orgulho de pertencimento, ou representar um grupo reconhecido, pode fazer com que os alunos se submetam às obrigações que lhes são impostas. Os responsáveis pelos jovens

atletas adicionam outras características da aula, com relação na possibilidade em abandonar o futsal.

Acredito que a maneira como o treino acontece eventualmente faz com que todos pensem em desistir do treino, afinal, eles [alunos] ainda são crianças e algumas vezes são tratados sem muito carisma pelos professores [...] já presenciei situação em que o aluno caído, machucado e o treino seguiu, depois de uns cinco minutos que o professor foi verificar que o aluno realmente estava machucado e o que mais acontece é o **tratamento através de um linguajar não apropriado para os alunos, porque você ensina uma educação e quando chega aqui convive com algumas atitudes inadequadas** [...] os professores falam alto, isso intimida os alunos que ficam com medo de errar novamente, os professores exigem, uma cobrança e as vezes tira sarro do aluno que não entendeu [...] tudo isso eu presenciei quando ele fazia aula e aposto que faz os alunos e pais pensarem em desistir do esporte. (PC2, grifo nosso).

No futsal, quando o professor chama os alunos para outro canto da quadra que está vazio, sem a presença dos pais, é para dar bronca nos alunos e nós pais, sabíamos disso. [...] no futsal você está muito próximo do que acontece, você consegue escutar o professor no treino pegar no pé do aluno, o aluno parece que quer chorar as vezes e nós como pais, ficamos sem muito o que fazer [...] mas pensamos realmente se vale a pena deixar os filhos nesses ambientes [...] eles realmente preparam para o esporte, mas não existe um meio termo, ou o momento correto de chamar atenção e cobrar mesmo, mas é demais, muito pesado para faixa etária deles [alunos], acredito que não tem necessidade de falar alto com os meninos, constrangê-los porque não entenderam, ou fizeram errado o exercício, isso acontece toda aula no futsal [...]. (PC3).

Este último pai entrevistado cita alguns exemplos abaixo, evidenciados nas aulas e considerada sem necessidade para formação de um futuro atleta:

[...] já vi aluno que o professor mandou sentar durante o treino para ver se aprendia com os outros, esse aluno ficou muito constrangido; o professor durante um treino chamou 10 vezes o nome do meu filho para fazer ele aprender o exercício; aí quando isso acontece o professor algumas vezes chama seus alunos por apelidos pejorativos: “cabeça de bagre, cabeça de vento” [...] isso é para mostrar que o aluno é esquecido, não entende nada [...] não vejo qual o benefício disso, acho que os professores nem pensam nisso, no cuidado com o aluno, entendem somente do jogo e esquecem do aluno [...]. (PC3).

É nítido os professores dominarem a modalidade futsal, no que diz respeito a parte técnica e tática, porém parece ser necessário melhor conhecimento, estudo sobre o jovem com que trabalham, como por exemplo, nos aspectos emocionais, comportamentais e físicos, já que há indícios de que os meninos abandonam por pressão do técnico, ou excesso de treino. Em suma, questões relacionadas com a maneira como o técnico conduz a aula/jogo, são relevantes para o abandono no futsal do clube para os sujeitos entrevistados, pois de fato, a preparação, a cobrança

precisam existir no clube, mas o técnico precisa achar a melhor maneira de usar essa cobrança, sem desmerecimento para com o aluno/atleta e respeitar os limites e necessidades desses jovens praticantes de futsal.

5.4.2 Abandono da prática do futsal na escola

No (QUADRO 5.1) apresentamos os itens do questionário que poderiam ser respondidos pelos alunos com relação ao abandono no futsal.

CATEGORIAS	ITENS RESPONDIDOS PELOS ALUNOS
Fatores Pessoais	1 Meu esforço não era reconhecido 2 Não me divertia no futsal 3 Não tinha jeito, minhas capacidades físicas não são para o futsal 4 Não me davam oportunidade de jogar
Ambiente e Clima de Grupo	5 Tinha dificuldade de relacionamento com os colegas 6 As vitórias eram a única coisa que interessava ao grupo 7 Meu amigo deixou de fazer o futsal
Tempo e Logística	8 Tinha dificuldade com o horário e acessar o local da aula 9 Minha residência ficou longe do local da aula
Formação e Supervisão da Atividade	10 Tive que dar prioridade aos estudos 11 Tinha mal rendimento escolar
Organização da prática desportiva	12 A taxa de mensalidade esta muito alta 13 O futsal possui grande exigência física 14 Ausência de campeonatos, ou festivais 15 Não gostava da maneira como a aula acontecia
Família	16 Minha família deixou de apoiar minha prática 17 Minha família pressionava meu desempenho esportivo
Outros interesses	18 Tinha outras atividades para fazer 19 Fui praticar outros esportes

QUADRO 5.1: ITENS DO QUESTIONÁRIO ELABORADOS DE ACORDO COM AS CATEGORIAS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS MOTIVOS DO ABANDONO DESPORTIVO PELOS ALUNOS.

FONTE: adaptação do estudo realizado por Matos e Cruz (1997).

Acreditamos serem amplos os itens contidos nos questionários e assim, atingem vários fatores que podem determinar o abandono no extracurricular de futsal da escola.

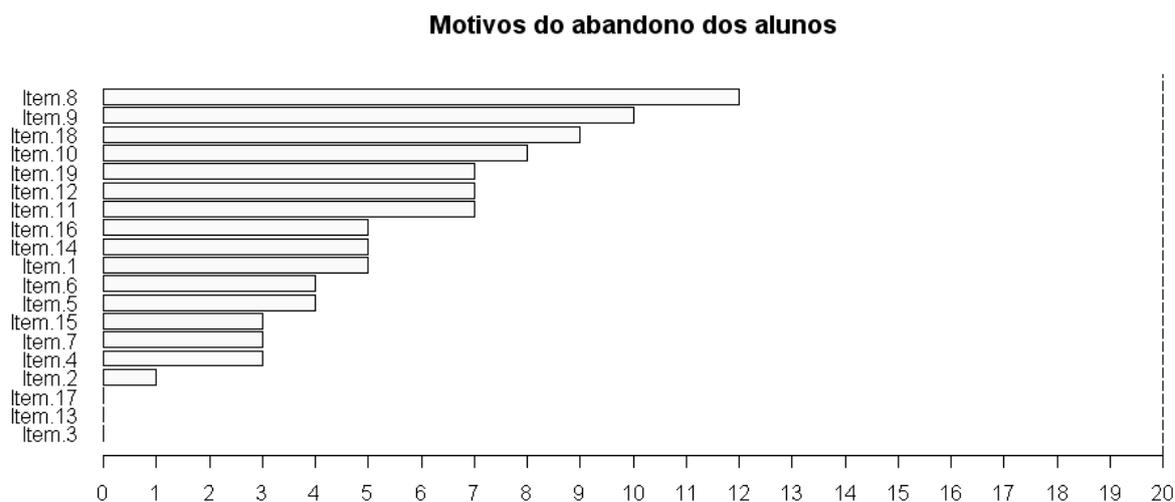


FIGURA 5.1 - FREQUÊNCIA DOS FATORES DO ABANDONO DOS ALUNOS.

FONTE: Dados fornecidos pelos alunos da escola.

Conforme podemos observar na (FIGURA 5.1), que possui o panorama geral dos itens respondidos, os maiores fatores para o abandono dos alunos foram respectivamente: tinha dificuldade com o horário e acessar o local da aula (Item 8), minha residência ficou longe do local da aula (item 9), tinha outras atividades para fazer (Item 18) e tive que dar prioridade aos estudos (Item 10).

Para esclarecimento os itens 8 e 9 foram criados com base na categoria que chamamos de “Tempo e Logística”. O item 18 está inserido dentro da categoria “Outros Interesses”, já o item 10 relaciona-se com a categoria designada de “Formação e Supervisão da Atividade” (QUADRO 5.1).

Percebemos que os fatores com nenhuma resposta foram respectivamente: não tinha jeito, minhas capacidades físicas não são para o futsal (Item 3), o futsal possui grande exigência física (Item 13), minha família pressionava meu desempenho esportivo (Item 17).

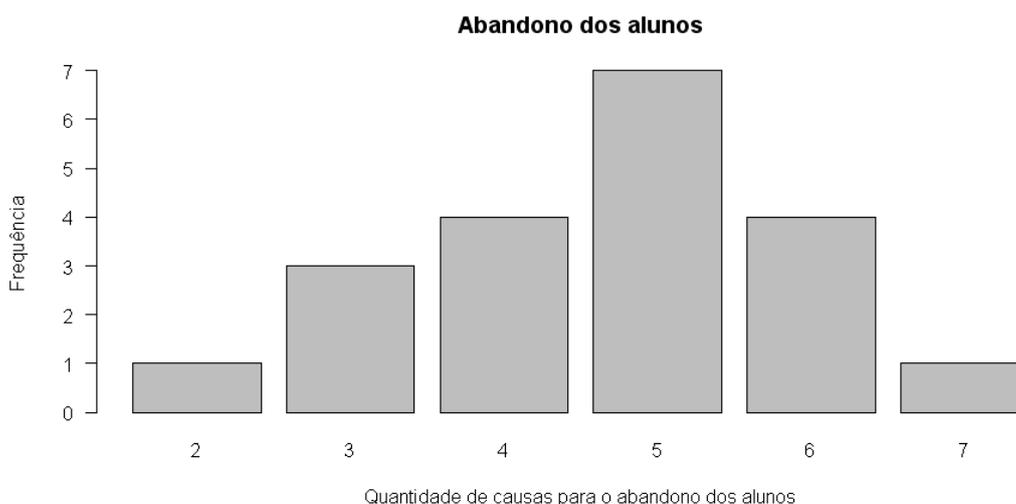


FIGURA 5.2 - NÚMERO DE CAUSAS ASSINALADAS PARA O ABANDONO DOS ALUNOS.
 FONTE: Dados fornecidos pelos alunos da escola.

No gráfico da (FIGURA 5.2), observamos 07 dos 20 alunos participantes apontaram cinco causas pertinentes para o abandono no futsal, entre os 19 itens (QUADRO 5.1) possíveis que compunham o questionário. Para 04 alunos quatro causas foram fundamentais e também outros 04 sujeitos marcaram a quantidade de seis razões para abandonarem o futsal. Logo, podemos dizer que a quantidade de causas apontadas pelos alunos certamente se enquadram nos itens mais votados pelos mesmos para explicar a desistência no futsal escolar.

CATEGORIAS	ITENS RESPONDIDOS PELOS PAIS E OU RESPONSÁVEIS
Fatores Pessoais	1 Não considera mais o esporte divertido 2 Seu esforço não era reconhecido 3 Você notou uma mudança ruim em seu comportamento
Ambiente e Clima de Grupo	4 Seu amigo saiu da modalidade 5 Teve dificuldade de relacionamento com os colegas 6 A equipe não atendia suas expectativas
Família	7 A família parou de incentivar a prática do futsal 8 Os familiares, em geral, o pressionavam. 9 Teve que dar prioridade aos estudos
Formação e Supervisão da Atividade	10 O Futsal não oferece continuidade 11 A prática desportiva é desorganizada 12 A mensalidade é muito alta 13 A metodologia não estava de acordo
	Continua

CATEGORIAS	ITENS RESPONDIDOS PELOS PAIS E OU RESPONSÁVEIS
Tempo e Logística	14 Minha residência ficou longe do local da aula 15 Tinha dificuldade com o horário e acessar o local da aula 16 As atividades esportivas consumiam muito tempo, tanto para ele quanto para nós familiares.
Outros interesses	17 Tinha outras atividades para fazer 18 Se interessava por outros esportes
Saúde	19 Foi orientado pelo médico
Organização da prática desportiva	20 A vitória era a única coisa que importava a instituição 21 Não havia campeonatos ou festivais esportivos

QUADRO 5.2: ITENS ELABORADOS DE ACORDO COM AS CATEGORIAS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS MOTIVOS DO ABANDONO DESPORTIVO PELOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS.

FONTE: adaptação do estudo realizado por Matos e Cruz (1997).

Apresentamos no (QUADRO 5.2) os 21 itens possíveis de serem assinalados pelos pais ou responsáveis e assim, discutimos a visão parental através dos itens mais e menos marcados, conforme gráfico da (FIGURA 5.3).

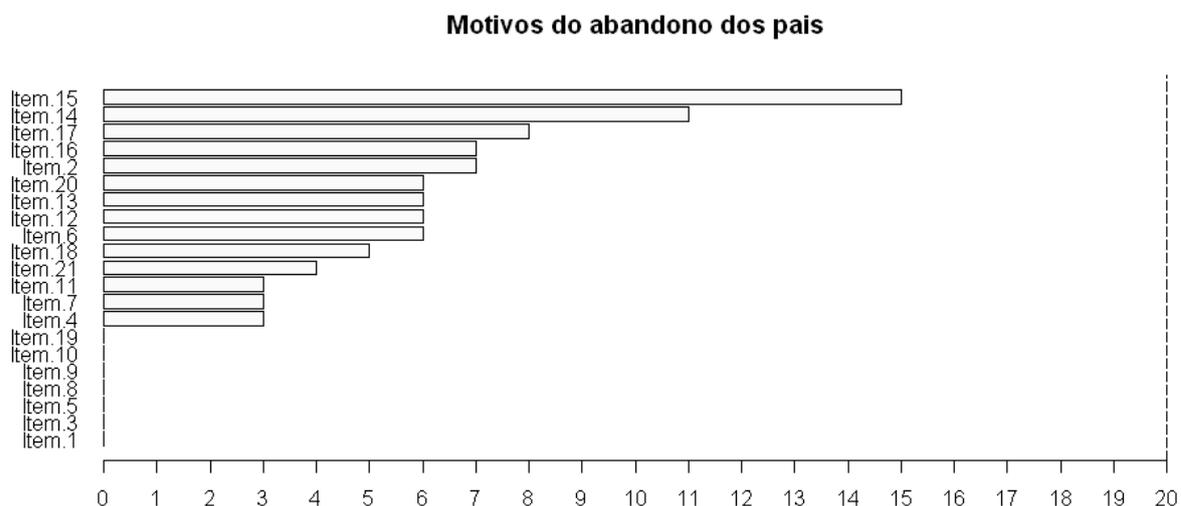


FIGURA 5.3 - FREQUÊNCIA DOS FATORES DO ABANDONO DOS PAIS.

FONTE: Dados fornecidos pelos pais da escola.

Observamos que os maiores fatores para o abandono no futsal segundo a visão dos pais foram respectivamente: tinha dificuldade com o horário e acessar o local da aula (Item 15), minha residência ficou longe do local da aula (Item 14) e

tinha outras atividades para fazer (Item 17). Os itens 14 e 15 estão inseridos na categoria de “Tempo e Logística”, já o item 17 está na categoria “Outros Interesses”.

Percebemos que os fatores com nenhuma resposta foram respectivamente: não considera mais o esporte divertido (Item 1), você notou uma mudança ruim em seu comportamento (Item 3), teve dificuldade de relacionamento com os colegas (Item 5), os familiares (em geral) o pressionavam (Item 8), a família decidiu que ele tinha que se dedicar mais aos estudos (Item 9), o futsal não oferece continuidade no próprio local (Item 10), foi orientado pelo médico (Item 19).

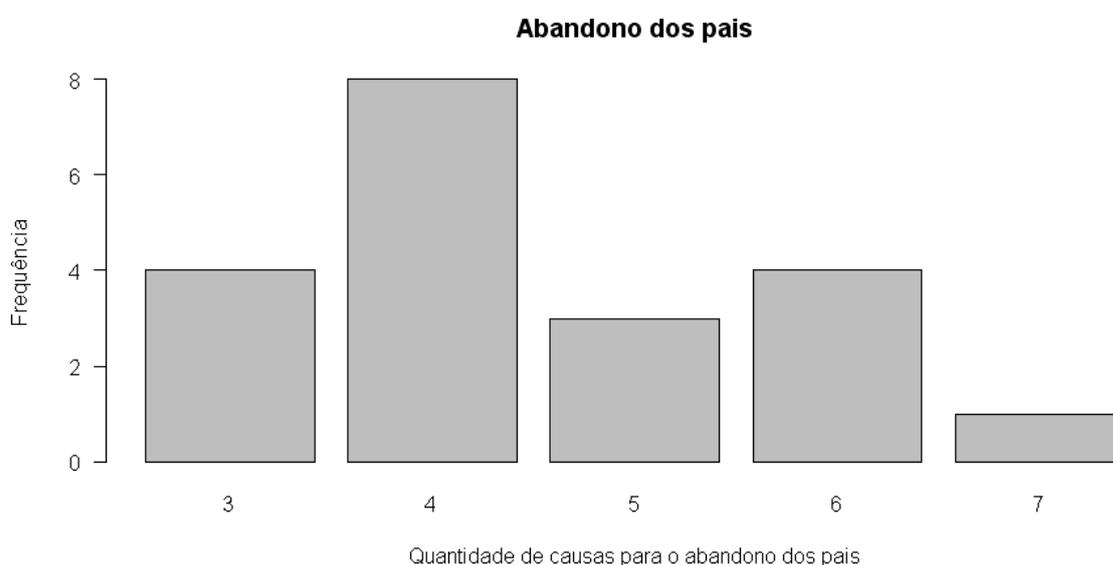


FIGURA 5.4 - QUANTIDADE DE ALTERNATIVAS ASSINALADAS PARA O ABANDONO DOS PAIS.
 FONTE: Dados fornecidos pelos pais da escola.

No gráfico da (FIGURA 5.4), observamos 08 dos 20 pais ou responsáveis participantes assinalaram quatro causas, ou itens, que os levaram a abandonar o futsal, entre os 21 itens possíveis do questionário. A quantidade de seis e três causas foram apontadas por quatro sujeitos. Poderíamos afirmar, tanto para os pais quanto para os alunos, foi similar a quantidade de causas assinaladas e relevantes para justificar o abandono da prática esportiva. Portanto, os gráficos (FIGURA 5.2 e 5.4) revelam que no geral, pais e alunos realmente responderam as principais causas invocadas para o abandono no futsal escolar.

ITENS PERGUNTADOS E MAIS RESPONDIDOS	PAIS: N*: 20	ALUNOS: N*: 20
Tinha dificuldade com o horário e acessar o local da aula	15	12
Minha residência ficou longe do local da aula	11	10
Tinha outras atividades para fazer	8	9

QUADRO 5.3: COMPARAÇÃO ENTRE PAIS E ALUNOS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO DE ABANDONO REFERENTE AOS ITENS MAIS ASSINALADOS.

FONTE: Elaboração dos autores.

* 20 é a amostra selecionada, logo cada item poderia ser votado no máximo 20 vezes.

De fato, a comparação entre pais e alunos sugere pequenas diferenças nos motivos evidenciados para explicar o abandono na iniciação ao futsal. A resposta dominante na visão parental com 15 votos e para o grupo de alunos com 12 votos foi “Tinha dificuldade com o horário e acessar o local da aula”.

Portanto, é um fator importantíssimo para o abandono, haja vista que se os pais não podem levar ou buscar o filho em determinado local este certamente ficará sem a prática da atividade, pois o aluno iniciante na faixa etária pesquisada, na maioria das vezes não possui autonomia para ir ou voltar do treino sozinho. Acrescentamos a isso o sentimento de medo abordado no capítulo de revisão de literatura (item 2.2), o qual destaca a preocupação familiar com relação a segurança e violência existente nos grandes centros urbanos, logo faz com que os responsáveis dificilmente encaminhem seus filhos sozinhos aos locais de treinos e jogos.

Deste modo aparenta ser necessário nas atividades esportivas realizadas na região central de grandes centros urbanos um acompanhamento no deslocamento desses jovens para chegarem ao local das aulas, bem como, no retorno dos mesmos às residências após o horário de término das atividades.

Nas metrópoles brasileiras, a ampla maioria dos pais não possui confiança em deixar os filhos retornarem para casa sem acompanhamento e desta forma qualquer indisponibilidade do pai ou responsável no que se refere a transporte, mudança do local de residência ou outras tarefas relacionadas ao início ou pós-atividade, são fatos evidenciados nesse estudo que interferem na prática esportiva e assim, dita o abandono na modalidade.

Outro item do questionário, que surge como um dos mais marcados pelos atores sociais (pais e alunos) na pesquisa “tinha outras atividades para fazer”

relaciona-se com a categoria “Outros Interesses”. Utilizamos relato de um dos alunos entrevistados para justificar tal categoria ser relevante para o abandono no futsal escolar:

Fui fazer outras coisas, eu gostava do futsal [...] na época mudei para fazer vôlei, tinha uns amigos que faziam vôlei, agora estou fazendo violão, está bem legal e meu pai gosta que cante pra ele a noite [...] também por enquanto não posso voltar para o futsal, porque os dois (futsal e violão), são no mesmo horário [...]. (AE1, grifo nosso).

O aluno busca experimentar novos passatempos e nesse caso, mudou do futsal para outra atividade, como o violão. O pai deste aluno reforça o interesse por outras atividades, conforme a narrativa:

Eu gosto que ele tenha interesse por várias atividades, percebo que isso deixa ele [aluno], ocupado e **sempre o apoiamos quando ele quer mudar**, já fez atletismo, futsal, vôlei [...] agora esta fazendo o violão, está bem feliz, mas quero que ele volte talvez para o futsal que é o que ele mais gosta, porque eles precisam se movimentar fazer uma atividade física [...]. (PE1, grifo nosso).

Constatamos que as falas do pai e do aluno estão na mesma direção, pois existe a busca pela prática de algo novo, mas desde que o aluno também sinta-se bem ao desenvolver outras atividades. O livro *A Busca da Excitação* de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), trata da questão sobre existir diferentes atividades esportivas, ou culturais:

Dado que não existe um termo sociológico preciso para este tipo, chamamos-lhe «mimético». A maior parte das atividades de lazer, embora não todas, pertence a esta categoria, do desporto a música, da caça e pesca a corrida e pintura, dos jogos de azar ao xadrez, da natação a dança *rock* e muitas outras. Aqui, como noutras situações, a busca de excitação, o «entusiasmo» de Aristóteles, e, nas nossas atividades de lazer complementa relativamente ao controle e restrição da emotividade manifesta na nossa vida ordinária. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 105).

Vale ressaltar como vimos no estudo sobre adesão, o colégio pesquisado procura atender o interesse esportivo, ou cultural de todos os alunos, pois possui além do futsal outras atividades extracurriculares, como, por exemplo, dança, capoeira, teatro, aulas de música e que geralmente também são disponibilizadas após o horário das aulas, ou seja, elas competem entre si, por isso no próprio

colégio pode acontecer do aluno começar no futsal e no decorrer do ano optar em querer experimentar, por exemplo, como funciona a aula de teatro.

A partir dos dados obtidos nos questionários, apresentamos agora outra situação, a qual pode ocasionar no abandono ao futsal, sobretudo na visão dos alunos. Pois bem, podemos afirmar o iniciante do futsal escolar possuir consciência de suas obrigações com o estudo e se o aluno for mal nos compromissos escolares, logo o seu responsável pode vir a tirá-lo do esporte até que consiga recuperar as suas notas, ideia contida na categoria designada “Formação e Supervisão da Atividade” que busca fazer o paralelo entre formação escolar e o esporte.

Cabe lembrar, tal categoria também foi evidenciada no estudo sobre aderência ao futsal, pois se os alunos tiverem mal desempenho escolar, isso pode significar a não permanência deles no futsal, até que recuperem suas notas.

Para os alunos entrevistados desistentes do futsal, quando perguntados sobre “quais outros possíveis motivos que poderiam ocasionar a desistência no futsal” encontramos relatos, do rendimento escolar abaixo da média, ser um importante motivo para a desistência das atividades extracurriculares. Consideremos os depoimentos:

Quando ele fazia o futsal, sempre comentávamos **que para ele continuar é necessário cumprir as suas obrigações [...] ai entra a escola**, que é muito puxado, o futsal é na terça e toda quarta-feira ele tem prova [...] ele sabe que precisa estudar, valoriza isso e nunca teve problemas com as notas escolares, a desistência foi por outro motivo mesmo [...]. (PE1, grifo nosso).

[...] poderia dizer que **se for mal nos estudos eu teria que desistir mesmo** [...] normalmente chegava em casa do futsal e estudava para a prova de quarta-feira [...] eles [pais] ficam em cima, todo dia me lembram de estudar [risos]. (AE1, grifo nosso).

[...] outro motivo, seria as **notas abaixo da média**, teve um tempo que tive que parar, ai em vez de futsal fazia aula particular de matemática [...] mas depois logo voltei para o futsal, eles [pais] falam que o importante é estar na média [...]. (AE2, grifo nosso).

No estudo sobre aderência ao futsal (Ver capítulo 4), identificamos que a instituição pesquisada possui diferentes avaliações em todas as quartas-feiras, portanto faz-se necessário uma dedicação aos estudos, semanalmente. Entendemos se, por acaso, alguma situação inesperada acontecer durante a semana e este aluno não conseguir estudar para prova de quarta-feira é, bem provável que poderá deixar de fazer o futsal momentaneamente e passar a se dedicar, ou estudar para prova semanal.

Os atores sociais que atualmente participam do extracurricular possuem preocupações, as quais acreditamos serem possíveis causas do abandono ao futsal. Vejamos os motivos segundo pais e alunos:

[...] por problemas de horários ou de logística. (P1, Diário de campo, 07.08.2012).

Por causa do horário, o centro está difícil para estacionar, o colégio oferece uma faixa da avenida, para deixar e buscar o aluno, mas mesmo assim é muita gente no horário do término da aula e o trânsito fica lento nesse período [...] e assim seria por dificuldade em levá-lo ou buscá-lo ao local do extracurricular. (P3, Diário de campo, 14.08.2012).

[...] saímos todas as segundas e quartas às 17h20 do trabalho, e preciso chegar no máximo às 18h no local da aula. O acesso ao colégio é péssimo, o trânsito é pesado, falta local para estacionar, geralmente ele [aluno] chega atrasado. Caso isso piore ainda mais, o João [nome fictício], vai ter de desistir. (P7, Diário de campo, 02.10.2012).

Se caso eu mudar de casa, não poderei mais jogar, pois, meu pai quer mudar para outra casa [...] e ainda, meu pai reclama que é muito complicado chegar aqui na aula. Então, se mudarmos de casa e assim o local da aula ficar muito longe do centro da cidade, vou ter que parar de jogar. (A3, Diário de campo, 23.08.2012).

O motivo se vier a abandonar o futsal, seria minha mãe não poder mais me trazer às aulas [...] minha mãe reclama demais do trânsito, diz que perde muito tempo nele, mas diz que vale a pena ela gosta de chegar rápido e me ver jogando, ela se diverte também e depois comentamos sobre o jogo. (A25, Diário de campo, 09.10.2012).

O item do questionário (QUADRO 5.3) “O horário do treino não era compatível com minhas obrigações” foi apontado 11 vezes pelos sujeitos que desistiram da prática esportiva. Isso revela estar em consonância com os apontamentos acima citados e assim, confirma ser uma preocupação também por aqueles que atualmente praticam o futsal na escola.

Em outras palavras, alunos e pais demonstram-se preocupados com fatores ligados ao horário das tarefas, decorrentes da dificuldade de acesso ao local de treino e dessa maneira os quesitos da categoria “Tempo e Logística” são interdependentes, como por exemplo, a mudança de residência para distante do local da aula, gera conseqüentemente dificuldade de acesso a esse local, ou dificuldade em chegar a tempo no horário de começar os treinamentos e, desta forma pode acontecer o abandono no futsal escolar.

Através das entrevistas encontramos que dois dos três entrevistados apontaram os problemas relacionados com a categoria “Tempo e Logística”, como motivos importantes para abandonarem o futsal. Vejamos alguns relatos:

[...] ele começou a estudar pela manhã e eu **não conseguia trazê-lo ao treino no final da tarde**, porque comecei a trabalhar até às 17h30 e assim, chegava no treino na metade da aula, pois com esse trânsito até chegar em casa, busca-lo e vir até aqui no centro para o treino, não deu certo e infelizmente, teve que desistir, pois quase não fazia aula [...]. (PC2, grifo nosso).

[...] eu não queria desistir, mas minha família não queria mais morar aqui no centro, aí tive que começar a voltar de van para casa, às 18h, **porque minha mãe e meu pai trabalham até às 21h e não podem me buscar na escola** [...]. (AC3, grifo nosso).

Nas observações do cenário esportivo (Diário de campo, 15.09.2012) faz-nos constatar que logo após o término das aulas curriculares no período da tarde, alguns alunos do colégio utilizam o sistema de “van” para dirigirem-se as suas casas. Estes alunos devem deslocar-se para suas vans, que permanecem estacionadas em locais determinados na frente do colégio e precisam rapidamente seguirem seus trajetos.

Conforme as narrativas, podemos afirmar tanto para os sujeitos participantes dos questionários, quanto para os entrevistados, que os jovens desportistas compreendem as mudanças de moradia ou horários dos treinos podem influenciar na continuidade ao futsal.

De fato, com os dados obtidos, verificamos haver uma reciprocidade nas ideias entre pai e aluno quanto ao abandono no futsal, pois percebemos que as categorias (Tempo e Logística) evidenciadas convergem entre os indivíduos pesquisados, os quais afirmamos serem atores sociais merecedores de destaque no cenário da iniciação esportiva, já que o aluno participa da aula e o pai autoriza essa participação e, ao mesmo tempo é o responsável pela logística de deslocamento dos jovens atletas.

Apontamos alguns detalhes do extracurricular com a intenção de reforçar a categoria “Tempo e Logística” como determinante no abandono esportivo. No estudo sobre adesão, identificamos que o documento que norteia a instituição, PPP (2000), em síntese, faz uma relação do esporte com as diretrizes curriculares e busca produzir um sentido na vida do aluno através de uma ampla formação humana. Assim, observarmos a prática esportiva e verificamos alguns fatores que revelam em parte o funcionamento da aula de futsal, conforme o que se transcreve:

[...] os alunos já ficam prontos, uniformizados antes mesmo de começar a aula [...] as aulas possuem cinquenta minutos de duração, sempre iniciam e terminam no horário estabelecido e com isso todos jogam em média 3 partidas de aproximadamente 10 minutos. [...] **as equipes são**

equilibradas, e existem regras que buscam a noção de coletividade. [...] as aulas são dinâmicas, parece que os alunos **se divertem com as aulas e com seus colegas.** Os pais, na sua maioria, acompanham os jogos e **apoiam seus filhos** durante as partidas. (Diário de campo, 11.09.2012, grifo nosso).

Deste modo, podemos salientar que as observações e a análise de documento definem alguns motivos da grande procura de jovens pelo futsal no ambiente pesquisado e dificilmente eles abandonariam as atividades por problemas decorrentes do formato das aulas ou filosofia da escola, ou seja, as categorias “Organização da Prática Esportiva”, “Formação” e “Supervisão da Atividade” não ditam o abandono no esporte, ao contrário, pois poderíamos apontá-las como decisivas para um grande número de participantes nessas atividades escolares.

Portanto, justifica-se a categoria “Tempo e Logística” ser apontada pelos sujeitos pesquisados como principal fator da desistência esportiva no ambiente pesquisado.

5.5 CONCLUSÕES

Dados apontam os itens mais pontuados para explicar a desistência esportiva no extracurricular de futsal prendem-se na questão social relacionada com o horário da atividade, mudança de residência, acesso ao local da aula, transporte e segurança dos alunos. Fatores deste estudo, como deslocamento, horário e segurança são evidenciados nas pesquisas de Mueller *et al.* (2011) e Wilson *et al.* (2011).

Verificamos o processo de ensino existente no clube ser o principal motivo do abandono no futsal, e estão relacionados com problemas de descontentamento (ROBERTSON, 1998) dos alunos e pais com a forma que o futsal é conduzido para esses sujeitos. Dentro disso, o fato dos alunos pouco participarem dos jogos, excesso de exigência, ou cobrança com relação aos treinos, fazem os alunos e pais não concordarem com o processo de ensino, logo procuram outro clube, ou na sua maioria abdicam de participar totalmente do futsal.

No estudo sobre adesão na escola, os alunos participam do futsal porque gostam das aulas e de seu ambiente, entretanto neste estudo sobre abandono no futsal clubístico há aqueles alunos – entrevistados – que abandonam por não se divertirem com as aulas (BARROS 2002; EWING E SEEFELDT, 1989), pois são

estressantes. Pesquisas (FREIRE 2006; SCAGLIA, 2003) sugerem que os alunos justamente procuram o esporte pensando em divertirem-se nele.

O fato dos alunos não aspirarem mais o futsal competitivo como prática esportiva, pode afetar até mesmo na família, que possui desejo de ver o filho, ou neto ser jogador profissional e com a desistência tal sonho pode não vir a acontecer e assim, constatamos que isso gera frustrações aos familiares. Ao desistir do processo de treino, podemos afirmar existir o interesse do aluno procurar desenvolver outras atividades, por sinal, sente-se muito bem (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2009) com essas novas práticas, se comparado quando estava a treinar, haja vista que esses alunos ao renunciarem totalmente do futsal/futebol clubístico não pensam em retornar novamente ao treinos e jogos. A expectativa dos pais com relação ao futuro dos filhos no esporte, foi encontrada nos estudos de Coelho e Silva *et al.* (2006) e Weingberg e Gould (2001).

No futsal escolar, ao abordarmos nos questionários os itens não marcados pelos sujeitos, percebemos que motivos referentes as categorias “Formação e Supervisão da Atividade”; “Família”; “Ambiente e Clima de Grupo”; “Organização da Prática Esportiva”, não são fundamentais para o abandono do extracurricular. Pois para os alunos verificamos que pressão familiar, problemas de relacionamento no grupo e o fato do ambiente não ser divertido foram itens não assinalados por esses sujeitos, logo, consideramos não serem motivos causadores do abandono ao futsal escolar. Para os pais, a causa referente a categoria “Saúde”, não é critério para a desistência no esporte, ou seja, o aluno não rejeita por problemas relacionados a saúde. Tampouco, na categoria “Família”, percebemos não existir cobrança familiar quanto ao desempenho dos alunos no jogo, porque o item que faz essa relação não foi assinalado por nenhum dos pais investigados e também não evidenciamos tal assunto na fala dos entrevistados.

Merece destaque essa situação, visto que o pai não pressiona seu filho para jogar, ou ganhar, logo podemos afirmar o ambiente escolar ser propício para uma excelente aprendizagem esportiva, onde o aluno deve sentir-se bem, seja qual for a tarefa extraclasse que realiza. Por sinal, da mesma forma que presenciamos no clube, o aluno do futsal escolar sente necessidade de buscar outras atividades e por mais que goste da atividade momentânea, faz a opção de muitas vezes trocar o futsal, modalidade tão praticada entre os jovens brasileiros onde muitos atletas de futebol de campo profissional tem início (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL, 2012),

e opta por outras atividades (MOTA 2005; HARSHA, 1995) oferecidas até mesmo pela própria escolar, como por exemplo, teatro ou violão, na qual certamente podemos afirmar haver concordância familiar nessa mudança de atividade. Em outras palavras, a família apoia o filho na prática esportiva em geral, não somente naquelas mais reconhecidas pela sociedade, mas sim afirmamos que os pais consideram importante o fato de seus filhos praticarem outras atividades que aumentem suas experiências esportivas e culturais. A busca por demais atividades esportivas, ou culturais corroboram também com os resultados dos estudos de Ibsen e Ottesen (1996); Matos e Cruz (1997).

Itens não assinalados nos questionários e relatados pelos sujeitos, como por exemplo, ambiente por parte do aluno é divertido, não existe pressão para jogar e bom relacionamento entre os colegas, não são critérios para o abandono no futsal escolar. São alguns indicativos de uma iniciação esportiva condizente com a faixa etária do estudo (BRACHT, 1992; FREIRE, 2006; SANTANA, 1996; RÚBIO, 2007)) e faz pensar, os dados encontrados justificam o abandono no cenário escolar pesquisado. Ou seja, o abandono nessa atividade não se dará por problemas com professores, colegas, ou que não existe diversão com o ambiente, mas sim nesse caso, por problemas, sobretudo com a categoria “Tempo e Logística”.

Por outro lado, para os entrevistados do clube, percebemos haver uma pressão desde as categorias iniciais, por todos os envolvidos, para que o aluno desempenhe o seu melhor no futsal, e essa exigência aumenta conforme o praticante sobe de categoria. De fato, este aluno precisa estar adaptado, saber conviver com essa pressão e com o novo professor (POOLEY, 1981), caso contrário, conforme os dados apontam os alunos abandonam o futsal, sobretudo por problemas decorrentes do formato, ou sistema treinos e jogos. Geralmente, logo após abandonar o futsal, os alunos procuram outros esportes (MATOS; CRUZ, 1997) com a intenção de mudar a rotina, fazer novas amizades e novamente sentir-se feliz com a prática esportiva. Por isso podemos afirmar que as categorias, “Ambiente e Clima de Grupo”, “Formação e Supervisão da Atividade”, “Família” e “Outros Interesses” são relevantes para a desistência ao futsal clubístico.

Desta forma, a H1, na qual os responsáveis (pais, mães, família em geral), pelos alunos são os principais elementos que ditam o abandono no processo de iniciação ao futsal, em parte foi aceita. Uma vez que no clube, os familiares por pressionarem seus filhos para um desempenho esportivo, ou depositarem

expectativas no sonho de futuros jogadores profissionais, são um dos motivos para os alunos abandonarem o processo de ensino, já na escola não encontramos a pressão familiar como motivo de desistência no futsal, assim, cabe-nos considerar a H1, parcialmente aceita.

Quanto a H2, podemos dizer que foi comprovada somente no contexto escolar, onde vale lembrar, a aula de futsal localiza-se na região central de uma grande metrópole brasileira e verificamos que o abandono está associado com a distância de moradia, logística de deslocamento dos alunos e ainda com o horário de início e término das aulas.

No que se refere a H3, percebemos que o abandono ao futsal escolar não foi motivado pelo sistema de ensino, já no clube a H3 é relevante e decisiva para que os alunos abandonem o futsal, pois o principal motivo da desistência do futsal clubístico foi sobretudo, por problemas relacionado com o processo de ensino.

6 CONCLUSÕES FINAIS

Para melhor esclarecer ao leitor, apresentamos nos (QUADROS 6.1 e 6.2) os principais resultados encontrados nos estudos de adesão, aderência e abandono no futsal.

FATORES	CLUBE		ESCOLA	
	Adesão	Aderência	Adesão	Aderência
Gosto pelo futsal	X		X	X
Influência de amigos	X		X	X
Instituição reconhecida	X		X	
Objetivo / Filosofia	X		X	
Didática				X
Motivação		X		X
Pais e ou responsáveis	X		X	X
Estrutura	X		X	
Grupo		X		X
Sonho do pai	X	X		
Sonho do aluno	X	X		
Planejamento Familiar	X	X	X	X
Busca de emoção		X		
Recompensa financeira	X	X		
Futsal para futebol		X		
Desempenho esportivo / Pré-requisitos.	X			
Aquisição de habilidades		X		
Qualidade de vida				X
Horário da aula			X	X
Logística			X	X
Desempenho escolar				X
Comportamento				X

QUADRO 6.1: MOTIVOS DE ADESÃO E ADERÊNCIA NO FUTSAL DO CLUBE E DA ESCOLA.

FONTE: resultados encontrados nos estudos sobre Adesão e Aderência desta dissertação.

Algumas características, como por exemplo, gosto pelo futsal, influência de amigos, instituição reconhecida aliada a sua estrutura, filosofia da escola, objetivo do clube, horário da aula, são fatores importantes para os alunos iniciarem tanto no futsal do clube quanto no da escola.

Os pais iniciam seus filhos nas instituições pesquisadas porque acreditam nelas (clube e escola), apesar de possuírem conceitos bem diferentes sobre o esporte. Os pais ou responsáveis iniciam no futsal clubístico, de acordo com o objetivo principal deste, que é a formação de um futuro atleta, embora, temos

aqueles pais que iniciam no colégio por confiarem na filosofia principal da instituição – relacionada com o esporte – através de uma educação ampla em paralelo com as práticas esportivas.

A facilidade de acesso ao local, horário da aula, gosto pelo futsal e influência de amigos, são condições para os alunos iniciarem e também permanecerem no futsal do extracurricular. No clube percebemos existirem detalhes em consonância entre os estudos de adesão e aderência, como por exemplo, o sonho do pai e do aluno faz com que aconteça a adesão e também à aderência ao futsal.

Além disso, a aderência no clube se dá por questões como: o futsal ser uma ponte para o futebol de campo e o pai buscar vivenciar emoções decorrentes desse processo. O futsal clubístico serve para adquirir habilidades, ou uma preparação que se projeta somente um fim: ser jogador de futebol de campo. Isso passa pela cabeça de todos os envolvidos no clube, verificamos haver intenção mercadológica, logo recompensa financeira e são evidências que dizem respeito à aderência ao futsal do clube. Em suma, quem joga na iniciação ao futsal clubístico, nota-se que é o aluno com condições momentâneas apropriadas para desenvolver o melhor futsal, pois o resultado imediato é que importa, por isso é necessário os melhores alunos/atletas serem os titulares da equipe clubística e os reservas devem aguardar as raras oportunidades durante os jogos para se demonstrarem merecedores da titularidade, ou quem sabe, jogar por um tempo maior durante a partida. Portanto, podemos afirmar que valores humanísticos, igualdade, valor do grupo, pensar na formação do atleta como ser humano, identificamos simplesmente desaparecerem no futsal do clube e sequer, são condições fundamentais para o aluno iniciar e permanecer no clube.

Na escola, os fatores como qualidade de vida, desempenho escolar, comportamento do aluno, e noção de grupo, verificamos serem condições necessárias para que o aluno se mantenha na prática do extracurricular. A partir do (QUADRO 6.2) abordaremos o abandono no futsal.

FATORES PARA O ABANDONO	CLUBE	ESCOLA
Exigência do Professor	X	
Cobrança da Família	X	
Desempenho esportivo	X	
Habilidade específica	X	
Mudança de clube	X	
Didática de ensino	X	
Preocupação com as vitórias	X	
Excesso de treino	X	
Horário da aula		X
Acesso ao local		X
Mudança de residência		X
Desempenho escolar		X
Influência dos familiares	X	X
Outros interesses	X	X

QUADRO 6.2: MOTIVOS DE ABANDONO NO FUTSAL DO CLUBE E DA ESCOLA.

FONTE: resultados encontrados nos estudos sobre o Abandono, desta dissertação.

Percebemos no estudo sobre o abandono que a maioria dos motivos encontrados para desistência no futsal são diferentes quando comparamos clube e escola. No clube o aluno desiste por pressão dos familiares, técnicos que exigem um treinamento excessivo, busca por desempenho e vitórias. Parece, para isso ocorrer no clube é necessária uma didática de certo modo não condizente com a categoria sub-13. Aliás, poderíamos dizer que o professor para atuar no clube não precisa ter uma formação didática, ou se preocupar com a melhor forma de passar seu conhecimento, pois verificamos o professor cobrar, exigir desse aluno da maneira como bem entende, muitas vezes sem educação, com um linguajar inadequado, como um *habitus*, algo já estabelecido neste meio esportivo. Por isso afirmamos, a forma os jogos/aulas serem conduzidas, é relevante para o abandono no futsal clubístico, pois se o aluno não concordar com algumas atitudes durante treinos e jogos, pode procurar outro clube para jogar o futsal.

O jovem atleta não se acostuma com o seu novo professor ao subir de categoria, porque nota-se os técnicos não manterem as mesmas condutas, não se comunicam e por vezes discordam do trabalho do antecessor. Logicamente para o

diretor do clube há uma continuidade no processo de ensino, entretanto o clube nunca fez reuniões com os mesmo, ou se faz, parece não dar resultados, uma vez que os alunos abandonam por questões didáticas, pois tudo é um negócio e muito nos chama atenção, o fato do clube assumir formar o jogador para o futebol de campo, baseado numa crença de que o futsal ajuda nesse esporte.

Cabe aqui mencionar, há estudos que contrariam essa crença, ou seja, não é garantido cientificamente. Apenas uma reduzida percentagem dos atletas com bons resultados nas categorias iniciantes clubísticas, sobressai posteriormente nos rankings das categorias superiores, (BRITO; FONSECA; ROLIM, 2004; SANTANA; FRANÇA; REIS, 2007; MONTAGNER; SILVA, 2003), pelo que o êxito neste caso do futsal, obtido em idades jovens pode não derivar em sucesso na idade adulta, em virtude de estabilização no desempenho, ou pressões originadas pelos atores sociais.

Dessa forma, o futsal no clube segue a norma do “quem pode mais chora menos”, inclusive, verificamos que os sócios não estão nas equipas principais do futsal (chave ouro), ou seja, a formação holística do cidadão do clube – ser humano – não existe nesse caso, e sim, aqueles que são considerados melhores no futsal são merecedores de oportunidades para jogar nas equipas e disputar competições por esse clube. Por sinal, para os investigados não é satisfatório somente fazer parte do seleto grupo reconhecido do futsal clubístico, é necessário jogar bastante quando há jogo de algum campeonato, não basta participar pouco, ou ficar no banco de reservas a maior parte do tempo de jogo, pois caso isso acontecer, o técnico pode ter problemas com os familiares e o aluno vir a abandonar o futsal.

O trabalho do técnico também merece ser questionado nesta dissertação, já que se enquadra no processo mercadológico de formar o jogador iniciante de futsal para o futebol de campo e visa desde a categoria sub-13: busca por resultados. Fica a indagação, se não é necessário o técnico se atualizar, fazer novos cursos, e assim ganhar embasamentos para discutir o esporte com dirigentes, outros profissionais, alunos e familiares. Aliás, esses últimos, percebemos que realmente se encaixam na frase introdutória desta dissertação: no Brasil, todos já nascem para o futebol e ainda, todos entendem de futebol/futsal. Portanto, com maior conhecimento do seu trabalho (futsal, futebol, formação de jovens atletas) pensamos que o professor pode vir a não se curvar tanto aos familiares, ao mercado e aos poucos modificar, inovar no seu processo de ensino, com isso, evitar casos em que os jovens atletas

abandonam o futsal por problemas (relacionamentos, excesso de treinos, resultados) originados desse falso processo de ensino, o qual evidenciamos no ambiente clubístico.

Já no futsal da escola, os motivos de abandono são na sua maioria diferentes daqueles encontrados no clube. O aluno vai desistir se tiver um mal desempenho escolar originado pela notas baixas, e por sinal a desistência é temporária, isto é, dura até o momento que aconteça a recuperação dessas notas. Podemos dizer que o esporte está atrelado ao lado educacional, soma-se à isso a questão evidenciada de um possível mal comportamento do aluno, porque se caso isso ocorrer, devido um acordo familiar, o praticante também pode ser punido pela desistência temporária do futsal. À medida que o aluno melhore seu comportamento, bem como suas notas, este deverá voltar a praticar o futsal, pois o aluno gosta desse esporte e por isso o responsável entende que deve ser temporária.

Consideramos um dos principais motivos encontrados para o abandono no futsal escolar, a preocupação com o horário da atividade relacionado com a questão social. Caso altere o horário, pode ocasionar dificuldade de transporte desse aluno antes ou após a aula e isso ocasiona na possibilidade de desistência do futsal, e também porque o local da aula acontece no centro da cidade, onde há preocupação dos familiares com os fatores segurança e violência e, o aluno ainda precisa nessa faixa etária de transporte dos seus responsáveis para chegar a aula e voltar para sua casa. Nesse contexto, a mudança de residência, ou até mesmo horário de trabalho dos responsáveis, podem trazer problemas para continuidade no futsal, pois é necessário que os familiares se adequem ao local da aula, com o local de suas residências, onde muitas vezes com a mudança de moradia, o local da aula passa a se tornar distante para os familiares e assim pode gerar a desistência do aluno por problemas de logística, ou horário da atividade.

O horário de realização do futsal, às 18h após as aulas curriculares, é interessante aos responsáveis, já que o aluno está no colégio e o pai não se importa de buscá-lo no término da aula, um pouco mais tarde. Esse fato, podemos dizer que facilita a logística do responsável, pois a instituição situa-se na região central da cidade e de difícil acesso no horário da aula, principalmente por também ser o horário de saída dos alunos do colégio. Sendo assim, o pai pode deslocar-se tranquilamente para buscar seu filho por volta das 19h quando o trânsito, de certa forma se torna menos congestionado, o que facilita a logística para os pais.

Através dos resultados encontrados no futsal escolar, podemos afirmar, principalmente em grandes cidades e ao se pensar nos megaeventos, a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos que serão realizados no nosso país, tornam-se necessárias sobretudo para o segundo caso, ações políticas na iniciação esportiva voltadas à preocupação com as condições de maior acesso, manutenção dos jovens nos esportes e também a desistência dos mesmos. Para isso, com este estudo temos convicção ser pertinente pensarmos na logística esportiva das grandes cidades brasileiras, ou seja, salientamos a importância do desenvolvimento de projetos, programas de esportes voltados na formação de atletas, paralelos à preocupação do acesso ao local e até mesmo a diferentes horários para a prática.

Nesta dissertação, percebemos que a influência dos familiares e outros interesses são fatores considerados relevantes para o abandono, tanto no clube, quanto na escola. Os pais e responsáveis na escola, vimos que podem tirar seus filhos por problemas com notas escolares, mal comportamento e se tiverem dificuldades com horários e logística da aula. No clube os familiares podem ditar o abandono no sentido de pressionarem seus filhos para treinamentos excessivos, ou num melhor desempenho esportivo. Os pais, juntamente com os pupilos, podem não concordar com o formato como acontece o futsal com relação a participação nos jogos e treinos.

Os alunos da escola e do clube possuem o interesse em desenvolver outras atividades. A PEE da escola oferece diferentes atividades aos alunos, por isso acontece a desistência do futsal para outras atividades não somente as esportivas, como por exemplo, dança, teatro, ou judô e assim o aluno sente a necessidade de buscar, experimentar, desenvolver outras atividades. Vale lembrar, que somente após a desistência do futsal do clube, os alunos normalmente buscam outras atividades esportivas e sentem-se felizes com as novas práticas, muito mais, quando praticavam o futsal do clube.

A formação do clube trabalha com a expectativa do pai e aluno para o futsal ser futura profissão. Porém, caso esse sonho não se concretize, pois verificamos serem poucos os iniciantes que chegam ao profissionalismo, desta maneira, o que pode acontecer com o aluno que passa por todo um processo no clube, onde muitas vezes inicia na categoria sub-07 e quando percebe, seu sonho não será realizado, ou está cada vez mais distante.

Diante disso, podemos supor que pode ocorrer uma frustração no aluno e seus responsáveis e ser uma pessoa digamos infeliz no seu dia a dia, já que não conseguiu fazer do futsal, ou do futebol uma futura profissão. O jovem atleta do clube vivencia experiências as vezes de certo modo injustas no seu processo de formação, pois precisa conviver com as injustiças do seu professor, com a cobrança pelo desempenho esportivo, e também uma expectativa dos familiares em geral.

Poderíamos dizer que para o aluno ser jogador profissional precisa vivenciar na sua iniciação certas injustiças, pois há um pensamento no meio do futsal clubístico de que quando o jovem atingir o futebol, ou futsal adulto, estará acostumado com o ambiente, que é na sua maioria similar ao que encontramos na categoria sub-13, com disputas por posições, cobranças dos atores sociais envolvidos e busca por resultados. Talvez esse pensamento, justifique o ambiente da iniciação clubística ser muito parecido com o esporte profissional adulto, principalmente em termos de busca da performance ideal, ou seja, é um *habitus*, os atores sociais entendem que o treinamento na categoria sub-13 deve ser muito sério, como por exemplo, não há espaço para brincadeiras em treinamentos e jogos. Salientamos que o processo do clube precisa ser revisto no que se refere futsal/futebol para jovens atletas, pois no cenário da iniciação esportiva também deve-se levar em consideração o lado: ser humano.

Portanto, com os resultados apresentados, acreditamos se levados em consideração na iniciação ao futsal do clube e da escola, podemos reduzir o número de abandono da prática esportiva, bem como manter uma população interessada numa determinada modalidade, e isso talvez é o principal legado desta dissertação. Logo, tais dados discutidos nos remetem à entender sobre como funciona o processo de ensino no futsal clubístico e escolar.

Estudos posteriores devem incidir na preocupação de comparações com a formação esportiva de outros esportes, ou cenários. Por fim, o presente estudo abre caminhos para outras pesquisas na iniciação esportiva, já que surge a necessidade de aprofundar a temática, desde comparações com outras categorias, ou itens não levantados neste trabalho, até investigações dessas temáticas em outros microssistemas, como cidades interioranas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. Exclusão Socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 84 – 135, 2002.

ALONZO, J.; LUCAS, J.; RODRIGUES, G. Estudos Empíricos: Motivos de inicio, Manutenimento, Cambio y Abandono. **Motivos, Motivación y Deporte**. Salamanca, p. 81-131. 1997.

AMORIM, A. C. **Análise da Percepção de Competência de Crianças de 11 a 12 anos Praticantes de Futsal**. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba / Educação Física. 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARBIERI, C. A. S. **Esporte educacional: uma possibilidade para a restauração do humano no homem**. Canoas, R.S: Ulbra, 2001.

BARROS, F. J. **O abandono da prática desportiva no basquetebol**. Dissertação de licenciatura. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física- Universidade de Coimbra. 2002

BERTINI, R. L. **You Are the Traffic Jam: An examination of Congestion Measures**. 85th Annual Meeting of the Transportation Research Board, Washington, D.C. November, 2005.

BUSSO, G. L. **O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização**. 162 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2009.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRITO N., FONSECA A. M., ROLIM, R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos *rankings* femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas

duas décadas em Portugal. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. n.4, v.1, p.17–28, 2004.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias**: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese. Tese de Doutorado: Universidade Estadual Paulista, Marília, SP 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodriguez. **O que é Educação**. 29 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BROWNSON, R. C.; BOEHMER, T. K.; LUKE, D. A. Declining rates of physical activity in the United States: what are the contributors? **Annu Rev Public Health**. v. 26, p. 421–443. 2005.

CAMPESTRINI, G. R. H. **A responsabilidade social na formação de praticantes para o futebol: Análise do processo de formação em clubes brasileiros**. Dissertação de Mestrado. (Gestão do Desporto). Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa. Portugal. 2009.

CANADIAN SPORT FOR LIFE. **Long-term athlete development**. Disponível em: <<http://www.ltad.ca>> Acesso em: 21/06/2012.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Banco de Teses. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Teses.do>> Acesso em: 10/01/2011.

CARVALHEIRO, G.; FONSECA, A.; TAVARES, F. **A perspectiva dos atletas e de seus treinadores acerca dos motivos que levam os jovens a praticar basquetebol**. A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: Estudos sobre motivação. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, p. 40-44, 2001.

CAVICHIOILLI, F. R. A teoria figuracional e suas implicações para releitura das concepções de lazer no Brasil. In: **VII Simpósio Internacional Processo Civilizador**. UNIMEP, Piracicaba: 2003.

CAVICHIOILLI, F. R.; CHELUCHINHAK, A. B.; CAPRARO, A. M.; MARCHI JUNIOR, W.; MEZZADRI, F. M. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**: São Paulo, v.25, n.4, p.631-47, out./dez. 2011.

CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Youth Physical Activity**:

The Role of Schools. 2009. Disponível em:

<http://www.cdc.gov/healthyyouth/physicalactivity/toolkit/factsheet_pa_guidelines_schools.pdf> Acesso em: 15/10/2012.

CENTER FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Injury Center: Violence Prevention.** 2013. Disponível em:

<<http://www.cdc.gov/ViolencePrevention/index.html>>. Acesso em 05 fev. 2012.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto.** 8 ed. São Paulo: Editora Gente. 2001.

CHURCH, T. S.; THOMAS, D. M.; TUDOR-LOCKE, C.; KATZMARZYK, P. T.; EARNEST, C. P.; RODARTE, R. Q.; MARTIN, C. K.; BLAIR, S. N.; BOUCHARD, C. Trends over 5 decades in U.S. occupation-related physical activity and their associations with obesity. **PLoS One.** v. 6, n. 5, p. e19657, 2011.

COAKLEY, J. J.; WHITE, A. Making decisions: Gender and sport participation among British adolescents. **Sociology of Sport Journal.** v. 9, n. 1, p. 20-35. 1992.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). **Amarelinha/Canarinho.** Rio de Janeiro: CBF. Disponível em:

<<http://www.cbf.com.br/Not%C3%ADcias/2013/01/31/Seleção%20Brasileira%20tem%20canarinho%20na%20nova%20camisa#ad-image-0>> Acesso em: 01/02/2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL (CBFS). **Das quadras para os campos.** São Paulo: CBFS. Disponível em:

<<http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/vernoticia.php?id=12779>>. Acesso em: 06/10/2012.

COELHO E SILVA, M.; Garcia da Silva, N. Abandono da prática desportiva organizada – estudo da população jovem escolar da ilha do Faial. In N Garcia, CE Gonçalves, M Coelho e Silva (Editores). **Perspectivas do Desporto de Jovens para uma Educação pelo Desporto.** Direcção Regional de Educação Física e Desporto – Secretaria Regional de Educação – Região Autónoma dos Açores, Câmara Municipal da Horta, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra. p. 27-46. Ludens. Ciências do desporto. v. 17. n. 3, p. 11-20. 2004.

COELHO E SILVA, M.; MALINA, J.; ROBERT, M. **Biological and social relationships in participation motivation in youth sports.** In **Children and youth**

in organized sports. Coelho e Silva, M J; Malina, Robert M. (Ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade, p: 49-69. 2004.

COELHO E SILVA, M., BARROS, F.; RIBEIRO, F.; LOUREIRO, R.; GONCALVES, C. E. Atrito dos jovens com o formato organizado e competitivo de participação desportiva. *In* _____; GONÇALVES, C. E.; FIGUEIREDO, A. (coord). Desporto de Jovens ou Jovens no Desporto? Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra, **Instituto do Desporto de Portugal**, p.147-182, 2006.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão:** uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAOLIO, J. **Cultura, educação física e futebol.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004.

DEMO, P. **Introdução a sociologia: complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social.** São Paulo. Atlas, 2002.

DUDA J. L., WHITE S. A. Goal orientations and belief about the causes of sports success among elite skiers. **The Sports Psychologist.** v.6, p. 334-343, 1992.

DUNNING, E. **Sport Matters. Sociological studies of sport, violence and civilization.** London/New York: Routledge, 1999.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia.** Lisboa, Edições 70, 2008.

_____, Norbert. **Mozart - sociologia de um gênio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____, Norbert. **O Processo Civilizador**. Volume 1. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____, Norbert. **Os Alemães**. A luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____, Norbert. **Os Seres Humanos e suas Emoções**: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. Londres, 1991. Tradução: BISOTTO, Maria Luiza; FONTANELLA, Francisco Cock. Não publicado. 2000.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ttda, 2000.

EWING, M. E., SEEFELD, V. **Role of organization sports in the education and health of American children and youth**. Champaign. Illinois. Humam kinetics. p. 88-100., 1989.

FERREIRA, D.; CHICAU, C.; FERNANDES, R.; SILVA, C. Abandono da prática desportiva no desporto infanto-juvenil: Identificação dos motivos que levam os jovens do futebol 7 e futebol 11 a abandonar a prática desportiva. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**. v.9, n.2, 2009.

FIGUEIREDO, E. C. G. **Percepção de competência pessoal de tenistas**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

FREIRE, J. B. **Ensinar esporte, ensinando a viver**. Porto Alegre, RS: Editora Mediação. 2012.

_____. **Pedagogia do Futebol**. Campinas, SP: Autores Associados. 2006.

FONSECA, A. **O fenômeno do abandono da prática desportiva juvenil. Os jovens e o desporto**: Oportunidades e Dificuldades. Confederação do Desporto de Portugal. Alges, p. 29-49. 2004.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J. (2006, September). **Youth sports**: Implementing findings and moving forward with research. *Athletic Insight*, v. 8, Article 2. Disponível

em: <<http://www.athleticinsight.com/Vol8Iss3/YouthSports.htm>>. Acesso em: 10/01/2012.

GEBAUER, G. **Citius, Altius, Fortius and the problem of sport ethics: a philosopher's viewpoint.** Sport.... The third millennium. Quebec city. Canadá. Proceedings of the International Symposium. 1990.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo; Editora Atlas S.A. 1995.

GIL, D.; GROSS, J., HUDDLESTON, S. "Participation Motivation in Youth Sports". **International Journal of Sports Psychology**, V. 14, p 1-14, 1983.

GOULD, D. **The Professionalization of Youth Sports: It's Time to Act!** Clinical Journal Sports Medicine. v. 19, n. 2, p. 81-82; 2009.

GOULD, D.; FELTZ, D.; WEISS, M., HORN, T. Participation motives in competitive youth swimmers. In T. Orlick; J. T. Partington; J. H. Salmela (Editores). **Mental training for coaches and athletes.** Ottawa: Coaching Association of Canada. 1982.

GUILLET, E.; SARRAZIN, P.; CURY, F. **L'abandon sportif: de l'approche descriptive aux modeles interactionnistes.** Science et Motricité. n. 41, p.47-60. 2000.

HARSHA, D. W. **The benefits of physical activity in childhood.** In. Am. J. Med. Scienc. 310 v. 1: p109-113, 1995;

IBSEN B, OTTESEN L. **Youth Sport in Europe – Denmark.** In P De Knop, LM Engestron, MR Wiess (editors). Wordwilde trends in youth sports. Champaing, Illinois. Human Kinetics. 1996 pp. 101 -114. 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **47,2% das pessoas não se sentem seguras na cidade em que moram.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1786&id_pagina=1>. Acesso em: 11/12/2012.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Famílias gastam cinco vezes mais com transporte privado.** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=15552&catid=1&Itemid=7>. Acesso em: 12/12/2012.

JANUÁRIO, N.; COLAÇO, C.; ROSADO, A.; FERREIRA, V.; GIL, R. **Motivação para a Prática Desportiva nos Alunos do Ensino Básico e Secundário**: Influência do gênero, idade e nível de escolaridade. *Revista Motricidade*. Portugal. v. 8, n. 4, p. 38-51. 2012.

KLINT, K. A.; WEISS, M. R. **Dropping in and dropping out**: Participation motives of current and former youth gymnasts. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*. v. 11, n. 2, p. 106-114. 1986.

LOUREIRO, R. A. **Formação desportiva do jogador de raguebi**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra. 2003.

MALINA, R. **Biological maturity status of young athletes**. In: RM Malina (editor). *Young athletes: biological, psychological and education perspectives*. Champaign. Illinois. Human Kinetics, p. 121-140. 1998.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARQUES, A. **Um desporto para os mais jovens – questões atuais**. In: A. Marques, J Fonseca, J Candeias, O Coelho, A Cunha, RJ Velozo, P Cunha (editores). **Os jovens e o desporto**. Confederação do Desporto de Portugal. 2004.

MATOS M. F.; CRUZ J. F. **Desporto Escolar**: motivações para a prática e razões para o abandono. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*. Centro de Estudos de Educação e Psicologia. Universidade do Minho. v. 2, n. 3, p.459 – 490, 1997.

MEISEL, J. D.; SARMIENTO, O. L.; MONTES, F.; MARTINEZ, E.; LEMOINE, P.; VALDIVIA J.; BROWNSON, R.; PRATT, M.; ZARAMA, R. **Network analysis of bogotá's ciclovía recreativa, a self-organized multisectorial community program**. Days 2012 South America. Cartagena, Colombia, November, p. 20-23, 2012.

MENONCIN, Jr., W. (2003). **Estudos dos fatores que levam os jovens ao abandono da prática do basquetebol competitivo em Curitiba**. Dissertação de Mestrado em Engenharia e Produção. Programa de Pós Graduação em Engenharia da Produção. Florianópolis.

MESQUITA, Roberto Maluf. **Educação por meio do esporte**: investigando o caso do basquetebol no Brasil. Tese de Doutorado Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

MONTAGNER, P. C.; SILVA, C. O. **Reflexões acerca do treinamento a longo prazo e a seleção de talentos através de peneiras no futebol.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 24, n. 2, p. 187-200, jan. 2003.

MOTA, G.S. (2005). **Estudos dos motivos que levam os jovens ao abandono da prática do basquetebol na cidade do Porto.** Faculdade de Ciência do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.

MUELLER, M. K., PHELPS, E., BOWERS, E. P.; AGANS, J. P., URBAN, J. B.; LERNER, R. M. **Youth development program participation and intentional self-regulation skills:** Contextual and individual bases of pathways to positive youth development. Journal of Adolescence, v. 34 n. 6, p. 1115-1125, 2011.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida.** 4. ed. rev. e atual. Londrina: Midiograf, 2006.

NATIONAL CENTER FOR CHRONIC DISEASE PREVENTION AND HEALTH PROMOTION. Department of Health and Human Services. State Indicator Report on Physical Activity. Centers for Disease Control and Prevention. National Center for Chronic Disease. **Prevention and Health Promotion.** 2010.

NOGUEIRA, Q. W. C. **Esporte, desigualdade, juventude e participação.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 103-117, jan./mar 2011.

NUVIALA, N. A.; FAJARDO, J. A. T.; NUVIALA, N. R.; PEREIRA, S.; CARVALHO, J. **Predicción del abandono deportivo en la adolescencia a través del estudio de la calidad percibida.** Movimento. Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 221-239, jan/mar de 2012.

PAES, R. R. **Esporte Educacional.** In: Congresso Latino Americano de educação motora, 1. Foz do Iguaçu, 1998.; Anais. Campinas: Unicamp: FEP/dem, 1998. p.109-114.

PATE, R.; HEATH, G.; DOWDA, M.; TROST, S. **Associations between Physical Activity and Other Health Behavior in a Representative Sample of US Adolescents.** American Journal of Public Health. November, v. 86 n. 11, 1996.

PEREIRA, G. V. **Seleção de Atletas Adolescentes de 13 a 15 Anos que Praticam Futsal em Florianópolis uma Aplicação do Mcda.** Dissertação de Mestrado. UFSC. Engenharia da Produção. 1999.

PLANO DE ATIVIDADES. **Educação Física: 8º ano Ensino Fundamental**. Bom Jesus. Uma lição de vida. 2013.

POOLEY, J. C. **Drop-outs form sports**: a case study of boys age group soccer. American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance. Boston, Massachusetts: Unpublished paper, april, p.17-37, 1981.

PORTELA F. **Fair Play, que Fair Play? Doutrina, ou exercício da moral?** (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999.

PORTUGUAL. Banco de dados Pordata – **Cultura e Desporto**. Disponível em: <www.pordata.pt> Acesso em: 10/10/2012.

PRATT, M.; SARMIENTO, O. L.; MONTES, F.; OGILVIE, D.; MARCUS, B. H.; PEREZ, L. G.; BROWNSON, R. C. **The implications of megatrends in information and communication technology and transportation for changes in global physical activity**. Lancet. v. 380, n. 9838, p. 282-93, 2012.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Diretrizes Curriculares**. Curitiba: Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, 2000.

R Development Core Team. R 2013: **A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, ISBN 3-900051-07-0, Disponível em: <<http://www.R-project.org>>. Acesso em: 12/10/2012.

REZER, R. **A prática pedagógica em escolinha de futebol/futsal**: possíveis perspectivas de superação. Dissertação de Mestrado. UFSC. Educação Física. 2003.

RIAL, C. S. **Rodar**: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. Antropologia em Primeira Mão, v. 14, p. 5-32, 2009.

RIBEIRO, L. P. **Estudo dos motivos do abandono desportivo precoce em jovens basquetebolistas do sexo masculino**. Dissertação de licenciatura. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física Universidade de Coimbra. 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social. Métodos e Técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

ROBERTSON, I. O treinador e o abandono dos jovens praticantes. **Revista Treino Desportivo**. v. I, n. 5, p.23-30, 1998.

RODRIGUES, F. X. F. **A Formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

RUBIO, K. **Educação Olímpica e Responsabilidade Social**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007.

SANTANA, W. C. **A Pedagogia do Esporte e a Moralidade Infantil**. Dissertação de Mestrado. Univ. Estadual de Campinas / Educação Física. 2003.

_____. **Metodologia da Participação**. Londrina: Lido, 1996.

_____.; FRANÇA, V. S.; REIS, H. H. B. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis Paranaenses. **Motriz**, Rio Claro, v.13 n.3, p.181-187, jul./set. 2007.

SANTOS, A. L. P. **A influência da participação de alunos em práticas esportivas escolares na percepção do clima ambiental da escola**. Dissertação (Mestrado), Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.

SIRARD, J.; AINSWORTH, A.; MCIVER, K.; PATE, R. **Prevalence of Active Commuting at Urban and Suburban Elementary Schools in Columbia, SC**. *American Journal of Public Health*. February, v. 95, n. 2. 2005.

SOUZA, D. L.; MEZZADRI, F. M. **Adesão e Aderência da criança à atividade física regular: apontamentos para políticas públicas**. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v. 20, n.3, p. 441-442, 2009.

SOUZA, C. A. M; VAZ, A. F.; SOARES, A. J. G. **Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros**. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, jul./dez. 2008.

TAVARES, O. **Fair Play, que Fair Play?! Doutrina, ou exercício da moral?** (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Iniciação esportiva: A influência de pais, professores e técnicos. **Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos.** UFPR. v. 4 n. 2 Julho/Dezembro, 2008.

VOZER, R. C. **Análise das intervenções pedagógicas em programas de iniciação ao futsal.** UFRS, Ciências do Movimento Humano, 1998.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEISS, M. R. **Psychological effects of intensive sport participation on children and youth: Self-esteem and motivation.** In: B. CAHILLE; A.J. Pearl (Eds.), Intensive participation in children's sports. p. 39-69. Champaign, IL: Human Kinetics Publishers. 1993.

WILSON, D. K., LAWMAN, H. G., SEGAL, M.; CHAPPELL, S. **Neighborhood and Parental Supports for Physical Activity in Minority Adolescents.** American Journal of Preventive Medicine, v. 41, n. 4, p. 399-406. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
CEP/UFPR

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
CEP/USF

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,.....RG.....
 .abaixo assinado responsável legal
 de....., dou meu consentimento livre e esclarecido para que ele(a) participe como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador André Felipe Caregnato.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1 - O objetivo da pesquisa é verificar investigar como se dá a adesão e o abandono no futsal para alunos da categoria sub 13 num contexto escolar de Curitiba;

2 - Durante o estudo a minha participação e de meu filho, se dará respondendo um questionário que possui duração de aproximadamente 20 minutos. O questionário não existe a necessidade de identificação do participante. Para contribuir com a pesquisa destacamos que também serão analisados documentos que estão sob posse desta instituição, com a finalidade de obter dados que tratem da filosofia, dos objetivos da instituição com relação ao esporte, ou com a educação;

3 -Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;

4 - As respostas a este instrumento/ procedimento não apresentam riscos conhecidos à sua saúde física e mental, não sendo provável, também, que causem desconforto emocional;

5 - Estou livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa, bem como ele estará livre para interromper a sua participação, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;

6 - Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11 - 24548981;

8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, André Felipe Caregnato, sempre que julgar necessário pelo telefone número 41-21054817;

9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Curitiba,..... de..... de 2012.

Assinatura do responsável legal: _____

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,.....,

RG....., abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para que ele(a) participe como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador André Felipe Caregnato.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1 - O objetivo da pesquisa é verificar investigar como se dá a adesão e o abandono no futsal para alunos da categoria sub 13 num contexto escolar de Curitiba;

2 - Durante o estudo a minha participação e de meu filho, se dará respondendo um questionário que possui duração de aproximadamente 20 minutos. O questionário não existe a necessidade de identificação do participante. Para contribuir com a pesquisa destacamos que também serão analisados documentos que estão sob posse desta instituição, com a finalidade de obter dados que tratem da filosofia, dos objetivos da instituição com relação ao esporte, ou com a educação;

3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;

4 - As respostas a este instrumento/ procedimento não apresentam riscos conhecidos à sua saúde física e mental, não sendo provável, também, que causem desconforto emocional;

5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;

6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11 - 24548981;

8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, André Felipe Caregnato, sempre que julgar necessário pelo telefone número 41-21054817;

9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Curitiba,..... de..... de 2012.

Assinatura do participante:

ANEXOS

ANEXO 1 – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/ SAÚDE UFPR

ANEXO 2 – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/ USF

ANEXO 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

ANEXO 4 – QUESTIONÁRIOS

ANEXO 1: Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do setor de Ciências da Saúde da UFPR.

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Universidade Federal do Paraná - Setor de Ciências da Saúde/ SCS - UFPR

PROJETO DE PESQUISA

Título: Adesão, aderência e abandono no cenário da iniciação esportiva: comparação entre o futsal escolar e o clubístico
Área Temática:

Pesquisador: André Felipe Caregnato

Versão: 4

Instituição: Universidade Federal do Paraná - Setor de Ciências da Saúde/ SCS

CAAE: 01510312.3.0000.0102

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 35487

Data da Relatoria: 20/06/2012

Apresentação do Projeto:

Segundo o projeto apresentado trata-se de "um estudo qualitativo, de cunho exploratório, que envolve três instrumentos: observações e entrevistas e análise de documentos. Todos estes materiais, tanto as entrevistas (gravações e transcrições) quanto os documentos serão utilizados exclusivamente para os fins da pesquisa. Após o término da mesma, as gravações serão destruídas e as transcrições e materiais relativos à pesquisa ficarão em posse da coordenadora da pesquisa."

A pesquisa acontecerá a partir da aprovação do CEP/SD até um total de 7 meses. "O estudo será desenvolvido em dois locais: Colégio Bom Jesus Centro e Paraná Clube (Sede Social). (...) As reuniões para a seleção dos participantes da pesquisa acontecerão no Departamento de Esportes das Instituições, ou até mesmo em sala de aula no caso do Colégio."

SUJEITOS DE PESQUISA. "Os sujeitos a serem pesquisados (alunos, pais / responsáveis) do clube possuem perfis diferenciados nos níveis sócios econômicos e de escolaridade..." (o autor informa que tal perfil será detalhado no decorrer do estudo). Serão recrutados alunos (e seus pais) participantes e desistentes do esporte num total de 18 sujeitos (2 alunos do clube e 02 da escola na categoria sub 13, bem como os 02 responsáveis pelos alunos escolhidos do clube e 02 responsáveis pelos alunos escolhidos da escola e dois professores, sendo um do clube e um da escola). Quanto aos sujeitos vulneráveis (adolescentes), o pesquisador demonstra, no texto do projeto, consciência dos cuidados éticos necessários.

RECRUTAMENTO. Os convites serão realizados por ocasião das atividades desportivas, quando os jovens serão submetidos às suas respectivas entrevistas. "No caso dos adultos, (professores, pais das crianças), as entrevistas serão realizadas em horário de sua preferência, e tanto as salas de aula quanto a sala de Departamento de Esportes estarão à disposição para a realização das mesmas."

Objetivo da Pesquisa:

Investigar como se dá a adesão e o abandono no futsal para jovens do gênero masculino da categoria sub 13 num contexto escolar e de um clube esportivo de Curitiba.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os benefícios ficam por conta da importância do esporte para a saúde, e a concorrência de outras atividades nem tão saudáveis como o videogame e o uso excessivo do computador por esses mesmos jovens,

como
ressalta a revisão bibliográfica do projeto.
Não há riscos significativos, excetuando-se algum constrangimento que certa pessoas possam sentir ao serem
arguidas quanto à desistência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo é relevante e deve ser realizado, e o parecer de mérito científico analisou seus detalhes e merece ser
considerado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram disponibilizados.

Recomendações:

As recomendações anteriormente feitas já foram atendidas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nada a acrescentar às anteriores.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Pesquisador apresenta as "duas" Declarações Modelo COMNEP após os mesmos terem lido o parecer
consubstânciado. O projeto está aprovado.

CURITIBA, 12 de Junho de 2012

Assinado por:
Claudia Seely Rocco

ANEXO 2: Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da USF.

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Universidade São Francisco-SP

PROJETO DE PESQUISA



Título: Os valores do esporte no cenário da iniciação esportiva: Análise nos motivos que levam os jovens a iniciarem e abandonarem o futsal de um colégio de Curitiba.

Área Temática:

Pesquisador: André Felipe Caregnato

Versão: 2

Instituição: Universidade São Francisco-SP

CAAE: 03425012.5.0000.5514

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 76302

Data da Relatoria: 16/08/2012

Apresentação do Projeto:

É um estudo qualitativo que envolve questionários, observações e análise de documentos. Atualmente o futsal, modalidade culturalmente aceita em nosso país, é uma das mais praticadas na iniciação esportiva, sendo assim presente na maioria das escolas. Por isso pretende-se com esta pesquisa investigar os motivos que levam os alunos iniciantes a aderirem, bem como a abandonarem o futsal existente numa escola formal de Curitiba. Para a coleta de dados será aplicado um questionário aos professores, pais e alunos da categoria sub 13 do futsal masculino e também para discutirmos como temática principal os valores do esporte, analisaremos os objetivos das instituições com relação ao esporte buscando os documentos e diretrizes presentes nas duas instituições deste estudo e conjuntamente faremos observações do cenário esportivo.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar como se dá a adesão e o abandono no futsal para jovens do gênero masculino da categoria sub 13 no contexto do extracurricular num colégio de Curitiba.

Objetivo Secundário:

¿ Identificar os objetivos da escola com relação ao esporte; ¿ Identificar os elementos culturais (habitus, desejo da família, desejo dos jovens, necessidades de horário extra escolar devido ao trabalho dos pais), que estão presentes na iniciação ao extracurricular de futsal; ¿ Analisar as tensões que se estabelecem entre responsáveis, professores e alunos no colégio, de acordo com adesão e o abandono no futsal; ¿ Identificar os conteúdos e formas de trabalho presentes nos ambientes pesquisados e suas implicações na adesão e não adesão no futsal.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

não há

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Total de alunos, responsáveis dos alunos, professores pesquisados na escola da categoria sub 13: 20 alunos do Colégio, 20 responsáveis pelos alunos que praticam o futsal e dois professores, que ministram aulas de futsal

Abandono: Serão pesquisados 20 alunos e 20 responsáveis pelos mesmos



8

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TLCE adequado.
Foi anexado carta de autorização do colégio onde será realizada a pesquisa

**Recomendações:**

As pendências foram resolvidas

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

não há

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

APÓS DISCUSSÃO O COLEGIADO DELIBEROU PELA APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISAS.

BRAGANCA PAULISTA, 17 de Agosto de 2012

Assinado por:
MARCELO LIMA RIBEIRO

- Fale mais sobre sua família? Alguém assiste aos seus jogos, treinos?
- O que os seus pais ou responsáveis acham de você jogar futsal? O que teus pais te dizem em relação aos treinos? Eles te pressionam para jogar?
- Seus pais te pediram para freqüentar o projeto e para praticar as atividades físicas ofertadas pelo mesmo? Eles te obrigaram? O que eles te disseram para te incentivar e/ou obrigar?
- Os seus pais / responsáveis participam de algum esporte? Eles praticam algum tipo de atividade física? Qual? Com que freqüência? Onde? Eles parecem gostar de fazer a atividade?

Categoria 5 – Projeto Educacional / Esportivo

- Você pretende continuar jogando nesta instituição?
- Como funcionam as aulas, os jogos? Falem sobre as vitórias nos jogos, elas são importantes?
- Você considera organizadas as aulas, campeonatos, ou festivais esportivos da qual participa?
- Já recebeu alguma premiação? O que achou?
- Você gosta de freqüentar o clube / escola? Por quê?

Categoria 6 – Tempo

- Como se desloca para o treino? Quanto tempo você leva com o deslocamento?
- O acesso é fácil? Muito trânsito? Fale mais!
- Você considera o horário da sua aula de acordo com as suas expectativas? Seus pais conseguem assistir aos treinos?
- Quanto tempo dura as atividades?
- Fale um pouco do seu dia a dia? Possui muitas atividades? Possui tarefas escolares? Quais?

Categoria 7 – Supervisão da Atividade

- Fale sobre suas aulas de futsal? Como elas acontecem? É cansativa?
- Sobre o professor? O que ele mais cobra nas aulas?
- Você se considera em condições de ser um atleta profissional de futsal ou futebol? Possui algum vínculo de contrato com a instituição? Fale mais!
- O que você mais gosta das aulas, ou treinos de futsal? E o que menos gosta? O que você tem aprendido aqui?

Categoria 8 – Saúde

- Você começou a participar por alguma recomendação médica ou de outro profissional motivo de saúde ou para o controle de peso?
- Você pratica outra modalidade esportiva? R: Com que freqüência?

Se por acaso vier a abandonar o futsal, por qual motivo seria? Resp:

“Você poderia falar um pouco mais sobre cada um destes pontos que você levantou?”

Obrigado por sua participação

**Roteiro de Entrevistas aos responsáveis dos atletas / alunos do clube / escola.
(adesão e aderência).**

Objetivo: Levantar os principais fatores que levam os alunos a iniciarem e permanecerem no futsal

Informações Gerais

- Qual seu nome, idade? Onde seu filho iniciou na prática do futsal?
- Qual era sua idade quando iniciou?

Categoria 1 – Ambiente - Clima de Grupo

- Seu filho considera este esporte divertido? O que ele fala sobre isso?
- O que você acha que seu filho mais gosta do futsal?
- Seu filho possui algum amigo que faz esta modalidade? Ele foi importante para que seu filho optasse em jogar o futsal no Paraná?
- Você conhece o grupo com que seu filho faz futsal?
- Você percebe algum tipo de mudança de comportamento em seu filho depois que iniciou a participação no futsal? Que tipo de mudanças?
- Ele faz comentários sobre o que acontece no futsal e nas atividades desenvolvidas durante aulas / treinos? Que tipo de comentários?
- Ele costuma expressar alegria e/ ou tristeza para ir as aulas / treinos? O que ele diz e/ou expressa?

Categoria 2 – Fatores Pessoais

- O que realmente levou seu filho a praticar futsal no Paraná?

Deixá-lo falar livremente. Logo após, levantar as seguintes questões caso não forem abordadas pelo pai:

- Você sonha que seu filho se torne um jogador de futsal, ou de futebol? Fale de um atleta, que seria exemplo?
- Você tem expectativas para o seu filho em relação à sua participação futuramente neste esporte, ou no futebol? Quais?

Categoria 3 – Valores / Formação

- Porque escolheu esta instituição para que seu filho pratique esporte?
- O que você acha sobre o processo de ensino, ou filosofia da instituição?
- Fale sobre os benefícios deste esporte? Você considera importante o respeito às regras do jogo, o saber perder, saber ganhar?
- Durante os jogos você já percebeu se seu filho foi retirado da aula / treino por indisciplina? Como se sentiu? O que seu professor fez?
- Você o proíbe de jogar em caso de mau desempenho escolar?
- Além da parte técnica, física, o que mais seu filho adquiriu durante seu tempo de treinamento nesta instituição. Cite um exemplo?

Categoria 4 – Desejo Familiar

- A sua família apoia seu filho no futsal?

- Sua família assiste aos jogos, treinos?
- Você gosta de estar presente no dia a dia do seu filho? Como se sente?
- O que acha de seu filho jogar futsal? O que vocês dizem em relação aos treinos? Existe uma pressão para que seu filho jogue?
- O senhor (a) foi ex atleta? Se foi, fale da sua trajetória? Participa atualmente de algum esporte?
- Seu filho comenta sobre um sonho em ser jogador de futsal / futebol?

Categoria 5 – Projeto Educacional / Esportivo

- Esta instituição oferece uma continuidade para o futsal, ou futebol?
- Quais as maiores dificuldades em manter seu filho no Paraná?
- Como funcionam as aulas, os jogos? Fale sobre as vitórias no esporte, elas são importantes?
- Seu filho já jogou por outro clube ou escola? R: Se jogou, me conte como era jogar por essa outra equipe? O que ele prefere?
- Você esta bem presente durante os jogos? Você tem conhecimento se todos do grupo participam? Fale mais sobre esse assunto?
- Existe alguma razão especial para que seu filho participe desta instituição?
- Você gosta de frequentar o clube / escola? Por quê?

Categoria 6 – Tempo

- Como você vem para o futsal?(carro, ônibus, bicicleta, a pé)
- Tem algum problema para chegar até aqui?
- O acesso ao local de treino é fácil?
- Você considera os horários das aulas / treinos de acordo com as suas expectativas?
- Quanto tempo dura as atividades? Você esta de acordo com isso?
- Fale um pouco do dia a dia e seu filho? Possui muitas atividades? Quais?

Categoria 7 – Supervisão da Atividade

- Qual o principal entrave que considera para que a realização dos treinos e jogos?
- Fale sobre o professor? O que ele mais cobra nas aulas?
- Em relação as qualidades físicas e técnicas, você considera que seu filho possa vir a desenvolver condições de ser um atleta profissional de futsal ou futebol?
- O que seu filho mais gosta das aulas, treinos, ou jogos de futsal? R: E o que menos gosta? R: O que ele tem aprendido aqui?

Categoria 8 – Saúde

- Seu filho começou a participar por algum motivo de saúde ou para o controle de peso?
- Ele pratica o futsal por orientação médica?
- Seu filho pratica outra modalidade esportiva? R: Com que frequência?

Se por acaso o seu filho vier a abandonar o futsal, por qual motivo seria? Resp:

Roteiro de Entrevistas para alunos / atletas do clube / escola. ABANDONO

Objetivo: Levantar os principais fatores que levam os alunos a abandonarem o futsal

Informações Gerais

- Qual seu nome, idade? Onde você iniciou a prática do futsal?
- Quanto tempo participou do futsal? Qual era sua idade quando iniciou?
- Quantos anos praticou o futsal?

Categoria 1 – Ambiente - Clima de Grupo

- Você jogou quanto tempo? Tinha vários amigos que jogavam?
- Algum amigo seu desistiu do futsal e por isso você resolveu parar? Fale sobre isso?
- O que o levou a praticar o futsal?
- O que o levou a parar o futsal?
- Teve alguma dificuldade de relacionamento com os colegas?
- Durante os jogos ou treinos, você participava muito pouco com relação a seus colegas?

Categoria 2 – Fatores Pessoais

- O que o levou a desistir do futsal? Deixá-lo falar livremente.
- O abandono se deu porque o futsal não estava mais divertido?
- Porque seu esforço não era reconhecido?

Categoria 3 – Organização da prática desportiva

- Porque as aulas de futsal possuem uma grande exigência física?
- Desistiu porque não havia campeonatos ou festivais esportivos?
- As aulas não correspondem as suas expectativas?
- Você desistiu de praticar o futsal por orientação médica?
- Desistiu porque, as vitórias eram as únicas coisas que interessavam?

Categoria 4 – Desejo Familiar

- A sua família não mais apoiou você no futsal?
- Os seus pais / responsáveis te pressionam para jogar?
- Sobre o seus estudos? Sua família cobra isso?
- Desistiu porque, tinha mau rendimento escolar e foi castigado pelos seus responsáveis?

Categoria 5 – Projeto Educacional / Esportivo

- Considerava desorganizado, ou não concordava com as aulas, campeonatos, ou festivais esportivos da qual participava?
- Existe alguma razão especial para você tenha abandonado a instituição da qual participava?
- A taxa para fazer futsal estava muito alta, por isso abandonou a instituição? Fale mais!

Categoria 6 – Tempo

- Você abandonou porque o acesso ao seu local de treino ficou difícil?
- Porque o horário da sua aula não estava de acordo com as suas expectativas, ou de sua família? Fale mais!!

- Abandonou porque as atividades consumiam muito tempo?

Categoria 7 – Supervisão da Atividade

- Abandonou o futsal porque as aulas e os campeonatos estavam muito desgastantes e cansativos?
- Desistiu porque, não gostava dos métodos do professor / técnico?
- Porque não gostava como as aulas / treinos aconteciam?

Categoria 8 – Outros interesses

- Desistiu porque, tem outras coisas para fazer. Outros passatempos? Quais?
- Porque foi praticar outros esportes? Qual esporte? Com que frequência?

Se por acaso voltar a praticar o futsal, por qual motivo seria?Resp:

Roteiro de Entrevistas aos responsáveis dos atletas/alunos do clube / escola.

(ABANDONO).

Objetivo: Levantar os principais fatores que levam os alunos a abandonarem o futsal

Categoria 1 – Ambiente - Clima de Grupo

- Ele gostava de praticar o futsal? Tinha amigos?
- O que o levou a praticar?
- Seu filho desistiu porque não mais considera este esporte divertido?
- Desistiu porque seu amigo saiu da modalidade?
- Porque realmente desistiu?
- Porque precisava de outra equipe que atendesse suas expectativas?

Categoria 3 – Organização da prática desportiva

- Desistiu, porque as aulas de futsal possuem uma grande exigência física?
- Porque não havia campeonatos ou festivais esportivos?
- Desistiu porque, as vitórias eram as únicas coisas que interessavam ao grupo?

Categoria 4 – Desejo Familiar

- A sua família não mais apoiou a prática do futsal? Por qual motivo?
- Os familiares em geral o pressionavam para jogar, ou ganhar?
- Era desejo da sua família que o aluno se dedica mais aos estudos?
- Desistiu porque, tinha mau rendimento escolar?

Categoria 5 – Projeto Educacional / Esportivo

- Desistiu, porque esta instituição não oferece uma continuidade no futsal - futebol?
- Abandonou esta instituição porque considerava desorganizado, ou não concordava com as aulas, campeonatos, ou festivais esportivos da qual participava?
- Existe alguma razão especial para seu filho tenha abandonado a instituição da qual participava?

- Abandonou o futsal porque seu filho passou a não mais gostar de freqüentar o clube / escola? Por quê?
- A taxa para fazer futsal estava muito alta, por isso desistiu de participar do futsal desta instituição?

Categoria 6 – Tempo

- Desistiu porque o acesso ao seu local de treino ficou difícil?
- Porque o horário da aula / treino não estava de acordo com as suas expectativas, ou de sua família?
- Abandonou porque as atividades consumiam muito tempo tanto para o aluno, quanto para os familiares?

Categoria 7 – Supervisão da Atividade

- Porque seu professor cobrava demais?
- Porque não gostava como as aulas / treinos aconteciam?
- O que seu filho menos gostava nas aulas? Isso influenciou a sua desistência?

Categoria 8 – Outros interesses

- Desistiu porque, tem outras coisas para fazer. Outros passatempos? Quais?
- Porque foi praticar outros esportes? Qual esporte? Com que freqüência?

Se por acaso seu filho voltar a praticar o futsal, por qual motivo seria?

Resp:

**Roteiro de Entrevistas para técnicos / professores / diretores do clube / escola. –
ADESÃO, ADERÊNCIA**

Objetivo: Essa investigação tem por finalidade levantar os principais fatores, os motivos que levam os alunos a iniciarem, permanecerem e abandonarem a prática esportiva do futsal no clube e na escola da categoria sub-13.

“Caro colega, gostaria que você fosse sincero e respondesse as questões que achar pertinente, refletindo com tranquilidade”.

I – Informações Gerais

- Escola / Clube: Nome:
- Idade: _____ Curso: _____ Instituição: _____ Ano de formatura: _____
- Possui curso de atualização? () sim () não Ano do último curso? _____ Possui curso de pós-graduação? () especialização () mestrado () doutorado () não possui
- Pós Graduação em:

Categoria 1 – Ambiente - Clima de Grupo

- Na sua opinião cite um motivo que leve o aluno a procurar o futsal dessa instituição?
- Os alunos iniciam na prática do futsal porque consideram este esporte divertido?
- O aluno inicia normalmente por indicação de algum amigo que faz esta modalidade?
- Como é a relação, ou o convívio social dos alunos com os seus colegas, durante as aulas de futsal?
- Eles costumam expressar alegria e/ ou tristeza para ir as aulas / treinos?
- O que o aluno precisa para se adaptar bem ao futsal, ou a aula / treino?

Categoria 2 – Fatores Pessoais

- Você tem conhecimento se o professor de Educação Física incentiva esses alunos a participarem do futsal?
- O que o senhor acha dessa modalidade em nosso país?
- Os alunos comentam se querem ser jogador de futebol ou futsal?
- Você espera que algum aluno seu, se torne um jogador de futsal, ou futebol?
- O que você acha que seus alunos mais gostam do futsal? e o que menos gostam?
- Você foi ex atleta? Fale um pouco da sua trajetória? Quanto tempo atua como professor / técnico?
- Você gosta de frequentar o clube / escola? Por quê?

Categoria 3 – Valores / Formação

- Porque escolheu esta instituição para desenvolver seu trabalho?
- O que você acha sobre o processo de ensino, ou filosofia da instituição?
- Que papel as práticas esportivas, extracurriculares / do clube, exercem neste ambiente?
- Fale sobre os benefícios deste esporte? Você considera importante o respeito às regras do jogo, o saber perder, saber ganhar? Participa atualmente de algum esporte?

- Durante as aulas, jogos você já retirou algum aluno da aula / treino por indisciplina? Como o aluno se sentiu? O que você fez?
- Você o proíbe de jogar em caso de mau desempenho escolar?

Categoria 4 – Desejo Familiar

- As famílias apóiam, acompanham os alunos / atletas no futsal, seja nas aulas ou nos jogos?
- O que os pais acham de seus filhos jogarem futsal? O que eles dizem em relação aos treinos? Existe uma pressão para que tal aluno participe nos jogos?
- Os pais comentam sobre um possível sonho em seus filhos se tornarem jogadores de futsal / futebol?

Categoria 5 – Projeto Educacional / Esportivo

- Esta instituição oferece uma continuidade no esporte?
- Existem outras praticas esportivas que são oferecidas pela escola / clube?
- Quais as maiores dificuldades em manter os alunos nesta instituição?
- Você considera organizados os campeonatos, ou festivais esportivos da qual seus alunos participam?
- Como você posiciona a sua instituição no processo de formação de atletas em Curitiba?
- Na elaboração dos planos das práticas esportivas, algum documento da instituição (projeto pedagógico, projeto social) é considerado?
- Seus alunos já receberam alguma premiação? O que achou?

Categoria 6 – Tempo

- Como você vem para o projeto?(carro, ônibus, bicicleta, a pé)
- Tem algum problema para chegar até aqui?
- O acesso ao local de treino é fácil?
- Seus alunos estão de acordo com o horário das aulas, dias da semana? Para eles isso é fundamental para iniciarem neste esporte?
- E os pais dos alunos, o que eles comentam sobre os itens acima ´´horário, dias da semana, local do treino´´?Eles encaram como dificuldades?

Categoria 7 – Supervisão da Atividade

- A sua instituição possibilita a contratação de alunos estagiários para as práticas esportivas? O que você pensa a respeito disso?
- As instalações esportivas de sua escola / clube são adequadas para o tipo de prática esportiva oferecida?

Categoria 8 – Saúde

- Os alunos começam a participar por algum motivo de saúde ou para o controle de peso? Eles praticam o futsal por orientação médica?

Entrevistas para técnicos / diretores/ professores do clube / escola. – ABANDONO

Categoria 1 – Ambiente - Clima de Grupo

- Os alunos abandonam a prática do futsal porque consideram que este esporte não é mais divertido?
- Desistem por problemas de relacionamento no grupo?
- Desistem porque não se adaptam bem ao futsal, ou a aula / treino?

Categoria 2 – Fatores Pessoais

- O que realmente levam os jovens a desistirem da prática deste esporte nesta instituição?
- O que os alunos menos gostam no futsal? Isso pode ser um motivo para o abandono?

Categoria 3 – Valores / Formação

- Desistem porque não estão de acordo com o processo de ensino, ou filosofia da instituição?
- Desistem por mau desempenho escolar?

Categoria 4 – Desejo Familiar

- Desistem porque não mais existe o apoio da família?
- Porque existe uma pressão para que tal aluno jogue?

Categoria 5 – Projeto Educacional / Esportivo

- Desistem porque esta instituição não oferece uma continuidade no esporte?
- Porque existem outras práticas esportivas que são oferecidas pela escola / clube?
- Porque são desorganizados os campeonatos, ou festivais esportivos da qual seus alunos participam?

Categoria 6 – Tempo

- O local do treino é de difícil acesso de acordo com o horário da aula, por isso os alunos desistem?
- Os alunos, responsáveis não consideram os horários das aulas / treinos de acordo com as suas expectativas?
- Você tem observado se os pais têm adotado algum tipo de estratégias para enfrentar estas dificuldades? Se positivo, qual(is)?
- Você teria sugestões para melhorar a participação dos alunos/atletas/responsáveis nesta instituição?

Categoria 7 – Supervisão da Atividade

- As instalações esportivas de sua escola / clube não são adequadas para o tipo de prática esportiva oferecida, por isso os alunos desistem?
- Durante os jogos, treinos, nem todos do grupo participam, por isso os alunos desistem? Fale mais sobre esse assunto?

Se por acaso algum aluno vier a abandonar o futsal, por qual motivo seria?

Resp:

Obrigado por sua participação!

ANEXO 4: Questionários

QUESTIONÁRIO ADESÃO – Alunos

Título do trabalho: *Adesão, Aderência e Abandono no cenário da iniciação esportiva:*

Análise nas atividades extracurriculares de futsal.

Objetivo: Levantar os principais fatores que levam os alunos a iniciarem no futsal.

Informações Gerais:

Idade:

Série:

Onde você iniciou a prática do futsal?

Há quanto tempo participa do futsal?

Qual era sua idade quando iniciou?

Assinale os principais motivos que o levaram a iniciar no futsal:

- () Futsal é divertido
- () Meus amigos fazem
- () Por causa do convívio social
- () Quero melhorar o meu desempenho no esporte
- () Sonho em ser jogador de futsal
- () Sonho em ser jogador de futebol
- () Confio na educação oferecida pela instituição
- () O esporte transmite bons valores, como "saber perder, saber ganhar, respeito com os colegas"
- () Gosto das regras do esporte
- () Minha família apoia
- () Meus pais querem
- () Estou preocupado com as vitórias
- () O futsal do colégio oferece uma expectativa para que se continue no esporte.
- () O horário é prático
- () O acesso é fácil
- () Já estou no colégio
- () Gosto da maneira como acontece a atividade
- () Gosto do professor
- () Estou preocupado com a minha saúde
- () O meu médico recomendou

Se por acaso vier a abandonar o futsal, por qual motivo seria?

QUESTIONÁRIO ADESÃO – Pais / Responsáveis

Título do trabalho: *Adesão e Abandono no cenário da iniciação esportiva:
Análise nas atividades extracurriculares de futsal.*

Objetivo: Levantar os principais fatores que levam os alunos a iniciarem no futsal.

Onde seu filho iniciou a prática do futsal?

Há quanto tempo ele participa do futsal?

Assinale os motivos pelos quais o aluno iniciou no futsal desta instituição:

- Indicação de um amigo
- É importante que meu filho pertença a um grupo
- Quero que ele melhore seu convívio social
- Meu filho gosta
- Meu filho tem potencial para ser um futuro jogador de futebol
- Meu filho tem potencial para ser um futuro jogador de futsal
- Sou um ex atleta.
- Gosto filosofia educacional da escola
- Acredito serem importantes os valores do esporte
- É importante que meu filho faça, ou desenvolva outras atividades além das tarefas escolares.
- Minha família apoia
- Quero que meu filho siga uma carreira no esporte
- É esporte culturalmente aceito
- O futsal do colégio oferece uma expectativa para que se continue no esporte.
- Meu filho esta correspondendo bem às atividades escolares
- A instituição oferece uma estrutura adequada
- O horário é prático
- O acesso é fácil
- Meu filho já esta no colégio e assim facilita à logística
- É perto da minha residência
- Gosto da maneira como acontece a atividade
- Gosto da maneira como o professor conduz a aula
- Estou preocupado com a saúde / qualidade de vida do meu filho
- O meu médico recomendou

Se por acaso seu filho (a) vier a abandonar o futsal, por qual motivo seria?

QUESTIONÁRIO PARA ABANDONO / Alunos

Título do trabalho: *Adesão e Abandono no cenário da iniciação esportiva:*

Análise nas atividades extracurriculares de futsal.

Objetivo: Levantar os principais fatores que levam os alunos a desistirem do futsal.

Informações Gerais:

Idade:

Série:

Onde você iniciou a prática do futsal?

Por quanto tempo participou do futsal?

Qual era sua idade quando iniciou e desistiu?

Assinale abaixo os motivos pelos quais abandonou o futsal deste colégio:

- () Não me davam oportunidade de jogar
- () Tinha dificuldade de relacionamento com os colegas
- () As vitórias eram as únicas coisas que interessavam ao grupo
- () Meu amigo deixou de fazer o futsal
- () Meu esforço não era reconhecido
- () Não gostei não me divertia no futsal
- () Não tinha jeito e minhas capacidades físicas são para o futsal
- () O futsal possui uma grande exigência física
- () Ausência de campeonatos, ou festivais esportivos.
- () As aulas não correspondiam as minhas expectativas
- () Minha família deixou de apoiar minha prática.
- () Minha família pressionava sobre meu desempenho esportivo
- () O futsal do colégio não oferece uma expectativa para que se continue no esporte.
- () Tive que dar prioridade aos estudos
- () Tinha mau rendimento escolar
- () A taxa da mensalidade esta muito alta
- () Em outras escolinhas o valor da mensalidade é menor
- () O acesso ao local do treino se tornou difícil
- () O horário do treino não era compatível com as minhas programações
- () As atividades esportivas consumiam muito tempo,
- () Tenho outras coisas pra fazer
- () Fui praticar outros esportes. (futebol, vôlei, atletismo, etc.).
- () Só se pensava em ganhar
- () Não gostava da maneira como a aula acontecia

QUESTIONÁRIO PARA ABANDONO / Pais ou Responsáveis

Título do trabalho: *Adesão e Abandono no cenário da iniciação esportiva:*

Análise nas atividades extracurriculares de futsal.

Objetivo: Levantar os principais fatores que levam os alunos a desistirem do futsal.

Assinale abaixo os motivos pelos quais seu filho desistiu do futsal:

- () Seu amigo saiu da modalidade
- () Teve dificuldade de relacionamento com os colegas
- () A equipe não atendia suas expectativas
- () Não considera mais o esporte divertido
- () Seu esforço não era reconhecido
- () Você notou uma mudança ruim em seu comportamento
- () As aulas de futsal apresentavam uma grande exigência física
- () Não havia campeonatos ou festivais esportivos
- () A vitória era a única coisa que importava a instituição
- () A família parou de incentivar a prática do futsal
- () Os familiares, em geral, o pressionavam.
- () A família decidiu que ele tinha que se dedicar mais aos estudos
- () O futsal do colégio não oferece continuidade no esporte
- () A prática esportiva do colégio era desorganizada
- () A taxa de mensalidade é muito alta
- () O acesso ao local do treino se tornou difícil
- () O horário do treino não era compatível com as minhas programações
- () As atividades esportivas consumiam muito tempo,
- () As aulas e os campeonatos estavam cansativos
- () Os métodos aplicados / metodologia não o (nos) agradavam
- () Tinha outras atividades para fazer
- () Se interessava por outros esportes
- () Foi orientado pelo médico.